OS IRMÃOS REED
LIVRO 14



ENQUANTO Esperamos

TAMMY FALKNER

ENQUANTO ESPERAMOS

TAMMY FALKNER

NIGHT SHIFT PUBLISHING

Copyright © 2015 por Tammy Falkner

Copyright da tradução © 2017 por Andreia Barboza — Bookmarks Brasil

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.


Created with Vellum

ENQUANTO ESPERAMOS

Sinopse

1. Tag
2. Finny
3. Tag
4. Finny
5. Tag
6. Finny
7. Tag
8. Finny
9. Tag
10. Finny
11. Tag
12. Finny
13. Finny
14. Tag
15. Finny
16. Tag
17. Finny
18. Tag
19. Finny
20. Tag
21. Finny
22. Tag
23. Finny
24. Tag
25. Finny

Epilogue

SINOPSE

Ela odeia bebês.
Ele tem um.

Ela odeia mentirosos.
Ela tem certeza de que ele é.

Ela nunca dorme com um cara mais de uma vez.
Ele só teve relações com uma mulher em toda a sua vida, e agora ela se foi.

Ele tem limites.
Ela não tem nenhum.

Ele reza antes de cada refeição.
Ela espera, silenciosamente, que ele pare de fazer isso.

A fé é o que resta quando tudo mais é arrancado de você, ele diz.
O que vai sobrar quando ela estiver nua, descoberta, sem disfarces e exposta? Ela não tem ideia. E se não houver nada?

TAG

Elas são em cinco. Fiz minha lição de casa. Cinco irmãs.

Eu as observei durante várias semanas antes de sonhar em abordá-las. Sei para onde vão e com quem. Conheço seus horários de trabalho. Descobri até quando elas estão no período menstrual.

Sim, posso ter remexido no lixo delas uma ou duas vezes para tentar descobrir o máximo possível antes de agir. E com toda a segurança que elas têm, não foi fácil. É como se morassem na Casa Branca. Mas eu consegui.

Agora já sei o bastante para contar a elas que estou aqui.

Para as minhas irmãs biológicas, é mais fácil. Elas se chamam de Star e Wren, mas eu as conheci como Jessica e Jenny. Agora elas usam o sobrenome Vasquez. Mas sempre vão ser parte da família Taggert, não importa o quanto viajem, conquistem ou mudem. Não importa o quanto ganhem, ainda vão ser minhas irmãs. Meu sangue.

As outras são mais um mistério. Peck é a baterista. Ela acabou de se casar com Sam Reed, estrela de TV e jogador de futebol americano aposentado, e estão prestes a ter um bebê. Ela tem uma grande deficiência de fala e luta para falar em público. Só de ouvi-la tentar na TV me sinto constrangido por ela. Bem, mais por mim do que por ela. Mas, ainda assim.

A outra irmã é a Lark, a tecladista. Ela também tem mania de limpeza e usa luvas compridas, até o cotovelo em todos os lugares que vai. Mas tenho a sensação de que não são só para protegê-la dos germes. Tenho a sensação de que ela não quer que ninguém veja seus braços. Que não tem mania de limpeza coisa nenhuma. Alguma coisa aconteceu com ela, que os esconde por trás dos tecidos coloridos. Consigo entender. Escondo meu passado também. E faço isso muito bem. Tão bem que nem tenho certeza de quem sou na maioria dos dias.

Além delas, tem a Finch. Fin. Finny, como a chamam. É a principal guitarrista da banda. Também é famosa por suas transas de uma noite só. Ela é tão famosa por isso quanto pela música, que é incrível. Ela é magra, mas é curvilínea, e ver sua bunda se remexer enquanto ela anda pela rua me faz querer deslizar a língua em todos os pontos úmidos do seu corpo sempre que a vejo. Mas preciso deixar minhas necessidades de lado.

Finjo ser um cara refinado. Tenho uma imagem que mostro para o resto do mundo, é a mesma que preciso mostrar às minhas irmãs para que elas deixem que eu me aproxime.

Passo a camisa de botões à ferro e a visto em frente ao espelho do hotel barato. Gastei meus últimos trinta dólares neste quarto só para que pudesse me preparar para ir até elas. Visto a calça jeans e calço o tênis. Comprei todas essas porcarias na Goodwill por menos de quatro dólares. Depois, fiquei quase duas horas na lavanderia para deixá-las limpas. Abotoo a camisa e coloco a gravata azul, que já está ameaçando me sufocar.

Pego a mochila e olho ao redor do quarto para me certificar de que não esqueci nada. Não há nada meu aqui. Entro no banheiro e pego as amostras grátis de sabonete e shampoo. Não faço ideia de quando vou conseguir tomar banho de novo, e posso precisar dessas coisas. Posso lavar o cabelo em um banheiro público se sentir vontade. Coloco os itens no bolso da frente da mochila.

Agora é hora de procurar minhas irmãs. Sei onde elas moram. Há semanas eu as observo, então conheço seus horários tão bem quanto elas mesmas. E nesse momento, elas não estão viajando, já que a Peck está prestes a ter um bebê.

Espero que alguns moradores entrem no prédio e passo pela porta um pouco antes de ela se

fechar. Finjo que pertenço a esse lugar, ainda que este prédio pretencioso com o porteiro sofisticado, não seja nada como o lugar de onde venho. Caminho ao lado de uma das moradoras e finjo conversar com ela para que o porteiro pense que estamos juntos. Não quero que ele me pare.

A mulher me observa com interesse. Posso dizer que ela gosta de mim. Mas estou em uma missão. Eu a ignoro enquanto ela continua falando. Consegui entrar no prédio, que era o que queria. Ela é dispensável e sabe disso. A mulher sai do elevador em seu andar, e eu solto um suspiro de alívio.

Subo mais alguns andares, paro do lado de fora da porta do apartamento delas e coloco a bolsa no chão. Me forço a parar e respirar fundo. A porta se abre e é como voltar no tempo.

— Jess — suspiro.

Ela se assusta e tropeça no batente da porta. Estendo uma mão para segurá-la, mas ela dá um passo para trás no último minuto.

Sorrio para minha irmã.

— Oi — falo.

Ela bate com a porta na minha cara. A frieza da corrente de ar me atinge com força, e eu me seguro para não abrir a porta e forçar a minha entrada.

Bato. Ninguém atende. Sei que ela está aí. Não há outra saída, pelo menos, não que eu saiba. Bato de novo e inclino a testa contra o metal frio.

— Por favor — sussurro.

A porta se abre de repente e quase caio na sala. Me seguro no batente e olho para o rosto de Jess.

— Oi — falo de novo, como um idiota.

— Vá embora — ela diz. Em seguida, passa por baixo do meu braço, ficando no corredor e fechando a porta.

— Espere — peço. — Podemos conversar?

Ela se vira e aponta o dedo para o meu nariz.

— Conversar? Conversar? — Ela grita a última palavra. — Depois de todo esse tempo, você aparece e quer conversar?

Assinto.

— Sim. Por favor.

— Não. — Ela se vira e anda pelo corredor.

— Vamos, Jess...

Ela se vira e avança em minha direção com tanta rapidez que eu recuo e minhas costas batem de encontro a porta.

— Meu nome é Star. Você saberia disso se tivesse respondido alguma das cartas que te enviei ao longo dos anos.

— Que cartas? — Nunca recebi carta nenhuma.

— Te escrevi todos os dias durante um ano. Você é uma merda de irmão.

Bem, pelo menos, ela reconhece que sou da família. Isso é um começo.

— Nunca recebi carta nenhuma — falo e levanto as mãos em sinal de rendição.

Ela congela. Mas, em seguida, solta um suspiro e começa a balançar a cabeça.

— Foda-se — fala, se vira e se afasta. Vou atrás dela, que me deixa de pé no corredor. As portas do elevador se fecham, e eu penso em correr pelas escadas para interceptá-la, mas tenho a sensação de que isso não vai me ajudar.

Ótimo. Estraguei tudo.

Volto para a porta e me sento no chão com as pernas cruzadas. Vou esperar. Não posso desistir. Existem muitas coisas em jogo. Se eu ficar esperando aqui, ela vai ter que falar comigo, certo?

Já estou sentando há duas horas quando o elevador para e ouço passos no corredor. Me sento. Mas não é ela. Meu coração acelera no peito quando vejo a Jenny.

— Jen?

Me levanto. Minha bunda está dolorida de ficar sentado no chão.

Jenny congela e me olha fixamente.

— Tag? — Ela desvia o olhar para a minha mochila, seus olhos indo de um lado para o outro.

— Sou eu, Jenny — digo, suavemente.

Ela enfia a chave na fechadura e abre a porta, depois acena para que eu a acompanhe. Meu coração se alegra. Estou na droga da porta. Por enquanto, tudo bem.

Ela coloca suas coisas no balcão da cozinha.

— O que está fazendo aqui? —ela pergunta. Parece que tem o peso do mundo nos ombros.

— Queria ver como vocês estão — falo em tom baixo. — Você está bem?

Ela resmunga.

— Está perguntando isso agora? Depois de todo esse tempo? — Ela semicerra os olhos. — Por que você se importa?

— Você é minha irmã, Jenny — digo a ela. Preciso que ela se lembre disso. Preciso delas.

— Meu nome é Wren. Wren Vasquez. O nome do meu pai é Emilio e o da minha mãe é Marta. Tenho vinte e quatro anos, e as minhas irmãs são Star, Finny, Lark e Peck. Não tenho irmão. Não mais. — Ela se vira e tira uma bebida gelada da geladeira. Não me oferece uma, mas não me incomodo.

— Wren — falo. Seu novo nome parece estranho na minha língua. — Faz tanto tempo — digo.

Olhar para o seu rosto é como olhar para a minha mãe. As duas são tão parecidas que chega a ser perturbador.

— Você se parece com a nossa mãe — murmuro.

Seus olhos se enchem de lágrimas, e ela pisca.

— Tag — ela sussurra. — Droga. Por que agora?

— Estou com problemas. — Não queria dizer isso, mas falo. — Muitos problemas. Em casa. — Esfrego as mãos no rosto.

— Que tipo de problema?

— O tipo que é muito ruim. — Não consigo encará-la. — Esperava que, talvez, você me deixasse ficar aqui alguns dias. — Alguns dias... ou só pelo tempo suficiente para que você confie em mim e me dê dinheiro para que eu possa cuidar de algo em casa.

Seguro a respiração e aguardo uma resposta. Mas ela não vem.

— Ou talvez só pelo tempo suficiente para que eu possa economizar alguns dólares? — Tenho que dizer que estou precisando de dinheiro.

— A Star não vai gostar disso — ela fala.

Estremeço.

— Eu a encontrei.

Ela semicerra os olhos.

— O que aconteceu?

— Ela praticamente mandou eu me foder.

Ela ri.

— Isso é a cara da Star.

— E aí, posso ficar? — Prendo a respiração. Preciso disso. Preciso mesmo.

— Coloque suas coisas no antigo quarto da Peck — ela fala, apontando para uma porta no corredor. Seu telefone toca, e ela sorri para o aparelho. — Tenho que ir ao hospital — ela fala quando volto pelo corredor depois de deixar a bolsa lá.

— Hospital? Você está bem?

Ela balança a mão no ar.

— Estou. Mas a Peck está tendo um bebê. Precisamos ir até lá. — Ela pede que eu a acompanhe.

— Quer que eu te espere aqui?

— Cara, sei que você é meu irmão, mas não vou te deixar sozinho no nosso apartamento.

— Eu entendo. — Assinto e a sigo até a porta.

De repente, ela se vira para mim.

— Se você magoar a Star ou qualquer outra pessoa da minha família, vou fazer com que você se arrependa. Entendeu?

Meu coração quase para, mas concordo com a cabeça.

Elas vão me odiar quando isso acabar.

Wren fica meio quieta no táxi a caminho do hospital. Ela envia muitas mensagens de texto e faz algumas ligações, xingando quando não é atendida. A minha irmã fala comigo, mas não diz muito. Quando, finalmente, chegamos, ela paga ao motorista e saímos do carro. Passo uma mão pelo cabelo.

Ela ri.

— Você está bem? — ela pergunta.

— Seus pais adotivos estarão aqui?

Ela assente.

— Sim. Você vai gostar deles. Os dois são incríveis.

Paramos no balcão da recepção, e a atendente nos manda para a maternidade, onde Jenny — quero dizer, Wren — pede o número do quarto de Peck. Eles nos mostram uma sala de espera e nós entramos. Mas está vazio, exceto por Jess — quero dizer, Star — e um homem em uma cadeira de rodas.

Star fica de pé ao me ver.

— O que ele está fazendo aqui?

Wren olha para ela.

— Onde você se meteu? Te procurei em todos os lugares. — Ela ergue o telefone e aponta para o da Star.

— Por que você o trouxe até aqui? — ela pergunta. — Esse não é o lugar dele.

Wren coloca as mãos na cintura.

— É, sim.

As pessoas começam a aparecer no corredor, e eu reconheço algumas das garotas da *Fallen from Zero*, a banda da qual minhas irmãs pertencem. Também reconheço os pais adotivos de Star e Wren. Eu os vi em fotos publicitárias. Seu pai me olha, mas não diz nada. No entanto, ele sabe quem eu sou. Isso é óbvio.

Star se levanta e anda pelo corredor. Ela está chateada.

— Bem, isso foi bom — Wren fala enquanto se senta. Ela aponta para o cara na cadeira de rodas que está atrás de mim. — Ah, este é o nosso irmão, Tag. Tag, este é o Josh. Ele trabalha com

os Reed naquele estúdio de tatuagem do qual eu estava falando. — Ela havia mencionado os Reed enquanto conversávamos sobre amenidades no táxi.

Aperto sua mão.

— Prazer em conhecê-lo — falo. Ele tem tatuagens nas mãos e, aparentemente, no resto do corpo.

— Você não vai ver o bebê? — Josh pergunta.

— Já nasceu? — Wren murmura.

Josh assente e sorri. Minha irmã grita e fica de pé. Em seguida, corre pelo corredor.

Fico sentado com Josh. O silêncio nos envolve como um cobertor de lã quente. É pesado e opressivo.

— De onde você é, cara? — ele, finalmente, pergunta.

— Do passado — digo. — E, aparentemente, eu deveria ter ficado lá. — Mas preciso disso. Preciso muito das minhas irmãs.

— O que te trouxe a Nova York?

Dou de ombros.

— Precisava de uma mudança. — *E de muito dinheiro para dar a uma garota em troca de um bebê.*

— Então você achou que procurar as irmãs que não via há muito tempo era o caminho a seguir?

Eu ri, mas não pareceu sincero.

— Era agora ou nunca, sabe? Precisava vir para cá. Só não esperava entrar no meio de uma confusão.

— Alguns chamam de bebê. Outros, de confusão. — Ele ergue as mãos, como se estivesse pesando as duas coisas, abaixando uma e elevando a outra.

— Sim, a Wren me contou enquanto estávamos vindo para cá. Bebês são muito preciosos. Um presente de Deus. — Acredito que as pessoas confiam em alguém que é temente a Deus. Então é o que eu sou. Ou, ao menos, é o que eu quero que elas pensem que sou. Minha fé, atualmente, está em terreno instável. Mas ninguém precisa saber disso.

— Vou procurar a Star — ele diz, de repente. Então segue pelo corredor, e eu fico sentado. Minhas irmãs vão precisar passar por mim para ir embora, então eu espero.

— Até mais tarde, cara — falo.

Eu espero um tempão... e quando ninguém volta, fico preocupado que tenham ido embora sem mim.

Me levanto e atravesso o corredor, olhando através das portas até ver Josh, na cadeira de rodas, dentro de um quarto. Bato na porta e coloco a cabeça para dentro.

— Posso me juntar a vocês? — pergunto. Me inclino para dentro, preocupado que elas digam que não.

Star fica sentada e responde.

— Não pode, não.

— Ah, para com isso, Star — Wren faz sinal para que eu entre no quarto e faz as apresentações. Sam Reed, que reconheço da TV, parece estar curioso. E Peck não parece gostar da minha presença.

Depois de alguns minutos de um estranho silêncio, Peck boceja. Josh fala:

— Vou para casa, assim vocês podem descansar. — Sam pega o bebê do colo de Josh, que o estava segurando.

— Onde ele vai ficar? — Star pergunta, acenando com a cabeça para mim.

Wren solta um suspiro.

— No antigo quarto da Peck por alguns dias.

— Não vai, não! — Star fica de pé e colocas as mãos nos quadris. — Não!

Wren fecha os olhos e massageia a testa.

— O quarto está vazio. Ele não tem para onde ir.

— E por que isso é problema nosso?

— Porque ele compartilha do nosso DNA! — Wren grita. O bebê se assusta, e Sam grunhe com as duas. Mas por dentro estou comemorando, porque faz muito tempo que alguém me defendeu.

— Parem com isso — Sam avisa.

— Por que ele não pode arrumar um quarto de hotel? — Star pergunta, sua voz diminuindo de tom.

— Porque ele não tem dinheiro! — Wren sussurra com raiva.

— Dinheiro — Star resmunga. — É disso que se trata.

Sim. Ela me descobriu em dois segundos.

— Ele vai para casa com a gente. Só isso. — Wren range os dentes.

— Então eu não vou. — Star olha para ela.

Wren suspira. Ela olha para a nossa irmã.

— Se é assim que você quer.

— Tudo bem. — Star se inclina, dá um beijinho na testa de Peck, sussurra no ouvido dela e depois beija a bochecha de Sam. — Vejo vocês amanhã.

Em seguida, ela sai do quarto.

Sam balança a cabeça sutilmente para Josh, que a segue.

— Isso não foi muito bom — falo. — Eu deveria trazê-la de volta.

Eu me levanto.

— É melhor não — Peck adverte.

Balanço o polegar na direção em que ela foi.

— Mas ela vai embora.

— Deixe-a ir — Sam fala. — O Josh vai cuidar dela. Está fazendo isso a noite toda.

Wren sorri.

— Ah, é mesmo? — ela pergunta.

Sam começa a nos contar sobre Star ter dançado em cima de um piano, tão bêbada que mal podia andar. Minha consciência dói um pouco, já que eu sei que a culpa é minha.

— Star nunca fica bêbada assim — Wren fala baixinho. Ela parece preocupada.

— Josh vai cuidar dela — Sam fala de novo. Ele não parece preocupado. Na verdade, ele pisca para a esposa, que sorri para ele e revira os olhos.

— Me sinto mal por ela não estar indo para casa. E é tudo por minha causa — murmuro.

— Ela vai voltar para casa quando estiver pronta — Peck fala.

A questão é: ela estará pronta até que eu tenha que cuidar das coisas em casa? Preciso que elas me amem e confiem em mim. Depois, preciso que eles me deem dinheiro, e não vou conseguir convencê-las a fazer isso se não estiverem por perto.

* * *

NÃO VEJO a Star desde que cheguei aqui. Ela se recusou a voltar para o apartamento e se mantém afastada há três dias. Mas a Wren ficou. Só precisei de algumas lembranças. *Bang*. Peguei ela.

— Você se lembra da casa amarela na Chestnut Street? — pergunto.

Wren pisca.

— Lembro, sim.

Era a casa em que morávamos quando nossos pais morreram.

— Nosso pai te ensinou a andar naquela bicicleta cor de rosa velha, na calçada na frente.

— Eu me lembro. — Sua voz é rouca e tensa. — Isso foi antes...

— Antes que eles morressem — termino, em voz baixa. Forço um sorriso. — Você ralou o joelho quando caiu da bicicleta e queria desistir, mas nosso pai não deixou.

Ela ri. É um som discreto.

— Ele me fez subir na bicicleta de novo e disse que eu devia tentar até que eu pudesse dar a volta no quarteirão em cima dela.

— Depois eles não conseguiram te fazer entrar para jantar — eu a lembro. Percebo seu olhar devastado. Mas continuo. — Você queria ficar do lado de fora a noite toda.

— As luzes da rua se apagaram, e eu queria continuar andando.

— Nosso pai se sentou na varanda e contou suas voltas no quarteirão.

Uma lágrima finalmente cai de seus olhos e meu estômago se aperta.

— Sinto saudade deles — ela sussurra.

— Você tem uma boa família — eu a lembro. Não é como a que eu tive.

— No começo, não — ela fala, de repente. Mas depois, parece que ela queria retirar suas palavras.

Solto o garfo que estou segurando, e ele bate na mesa.

— O quê?

— A nossa primeira família adotiva... — Ela balança a cabeça. — Deixa pra lá.

— Me conta — peço.

— Você não quer saber.

— Quero, sim. — Não pode ser tão ruim quanto o inferno que enfrentei. — Me conta.

— O homem era pedófilo, e a esposa não fazia ideia. — Ela fecha os olhos. — Star suportou o peso disso.

De repente, sinto vontade de vomitar.

— O quê?

Ela assente. É um gesto rápido.

— O serviço social nos tirou de lá e nos levou para um abrigo. Era muito melhor. — Ela sorri para mim. — Pouco tempo depois, conhecemos a Marta e o Emilio, que nos adotaram.

— Não sabia — consigo responder. Mal consigo respirar, muito menos falar. Não é de se admirar que elas me odeiem.

— A Star te escrevia o tempo todo. Ela sempre acreditou que você ia nos resgatar. — Ela ri, mas não há humor. Nenhum mesmo. — É por isso que ela não está aqui. Ela ainda sofre por causa disso.

— Se eu soubesse...

Mas ela ergue a mão e acena para me parar.

— Você era criança.

— Fiquei feliz por vocês não terem ido para o mesmo lugar que eu — deixo escapar. Quero engolir as palavras assim que elas saem da minha boca. Mas elas ficam no ar, entre nós.

Ela pisca seus grandes olhos castanhos para mim.

— Por quê?

— Não era bom. Ele não era bom.

— Ele era da família — ela me lembra.

— Nosso pai não falava com ele por um motivo. Lembra? Você se lembra do nosso pai falar alguma coisa boa sobre ele?

Ela balança a cabeça.

— Na verdade, não. Mas não me lembro de muita coisa.

— Ele não era bom, nem legal ou gentil. E ele não é parte da minha família. Ou de vocês, só para constar. — Me levanto e começo a limpar a mesa. — Só de pensar nele me sinto mal.

— O que aconteceu? — ela pergunta atrás de mim.

— Não quero falar sobre isso.

— Por que não?

Respiro fundo.

— Ele foi pago pelo Estado para ficar comigo. — Não falo mais nada, esperando que ela tire suas próprias conclusões terríveis. — Eu era uma espécie de empregado. Cuidava dos filhos mais novos e mantinha a casa limpa. — E apanhava no lugar dos menores.

— Pelo menos você não era filho único — ela fala, procurando por um final feliz, mas posso assegurar que não existe. Não na casa do meu tio.

Ela parece tão otimista que quase odeio desiludi-la.

— Cuidava de todos. Cozinhava, limpava, trocava fraldas e colocava as crianças no ônibus para a escola. Cuidava de quem tinha febre e acalmava pesadelos. — Tremo ao pensar nisso. — E depois, quando eu terminava as minhas tarefas, eles me mandavam para o quarto, enquanto eles eram uma família, e eu não tinha ninguém.

— Nós não sabíamos...

— Ninguém sabia. — Dou de ombros e forço uma risada sem vontade. Só de relembrar esses dias, minha pele se arrepia. — Quando eu tinha dezenove anos, conheci um homem que trabalhava em uma igreja. Ele tinha uma filha, e ela tornou tudo melhor. Ela me ajudou. Tínhamos a mesma idade. Julia. — Só de lembrar da Julia, meu coração acelera. É por isso que tenho que voltar. É por isso que estou aqui.

— Que bom — Wren fala.

Empurro minhas lembranças para dentro de mim.

— Se lembra da época em que você e a Star decidiram construir uma casa na árvore? — pergunto. Eu a forço a voltar para as lembranças e vou com ela. E fico feliz por um tempinho, enquanto desfruto das memórias da época em que éramos uma família.

De repente, percebo que já bebi demais. Minhas emoções estão bem à flor da pele. Não estão escondidas no fundo da minha alma, onde costumo mantê-los. Elas estão flutuando logo abaixo da minha sanidade, à espreita.

— Preciso ir para a cama — Wren fala. Ela ergue a cerveja que estava bebendo na minha direção. Ela abriu a bebida, mas não tomou.

Já tomei um pack com seis ou mais. Não estou bêbado, mas estou perdendo as inibições e estou sóbrio o suficiente para saber disso. Empurro a cerveja de volta para ela.

— Não posso — ela fala rindo. — Sem chance. — Ela semicerra os olhos para mim, e eu imediatamente me preocupo. Falei algo que não deveria? Menti? Ela sabe disso? — Quero te dar uma coisa — ela fala, remexe na bolsa e pega um comprovante bancário. Ela o entrega para mim.

— Fiz um depósito na sua conta hoje.

— O quê? — pergunto. Mas por dentro, meu coração está pulando.

Ela geme.

— Eu meio que mexi na sua carteira para pegar o número da sua conta.

— Oh. — Eu imediatamente me pergunto o que mais ela encontrou.

— Não estava bisbilhotando. Só tentando descobrir como fazer isso para você.

— Tá. — Meu coração está batendo forte. Ela simplesmente fez todos os meus sonhos se tornarem realidade e nem faz ideia. Ela acha que fez uma boa ação.

— Quero que você fique. Que você permaneça por tempo suficiente para que a Star possa conversar com você, assim que ela superar a dor. Mas vou entender se você não puder. — Sua voz é calma, mas forte. — Não importa o que aconteça, quero que você seja cuidado. Que saiba que é amado.

Meu coração sobe até a garganta. Não deveria acontecer assim. Eu deveria induzi-las a me amar. Elas não deveriam simplesmente sentir. Empurrei o comprovante do banco de volta para ela.

— Não, eu não posso aceitar — falo.

— Não é muito. Só um pé de meia. — Ela vem na minha direção e coloca a mão na minha cabeça. Acaricia meu cabelo e beija a minha testa, exatamente como a nossa mãe costumava fazer. Era como se fôssemos inundados com carinho quando ela fazia isso, e todos nós adorávamos. Então, vê-la repetir o gesto faz com que meus olhos se encham de lágrimas.

— Estou feliz que você esteja aqui — ela sussurra. Em seguida, entra no quarto e fecha a porta suavemente.

Apoio a cabeça na bancada e engulo um soluço. Não posso chorar. Não posso. Não derramei uma lágrima desde que fui morar com ele — pelo menos não quando alguém pudesse ver. Pego o comprovante e vejo algumas transferências na conta em meu nome. E há um total ao final do papel.

Ela depositou cinquenta mil dólares para mim.

Para mim. Meu Deus. Cinquenta mil dólares...

Apoio a cabeça na bancada de novo e esfrego a testa na superfície. Se eu fosse um homem melhor, não aceitaria. Mas não sou. Estou desesperado.

Ouço o som de chaves do outro lado da porta e levanto a cabeça. Passo o dedo nos olhos, tentando fingir que as minhas emoções não estão batendo na minha cara como um raio em uma tempestade de verão. Provavelmente não vai funcionar, mas preciso tentar.

A porta se abre, e Fin entra. Ela está usando uma calça jeans preta que abraça seu traseiro e uma jaqueta de couro da mesma cor. Ela é gostosa. E linda. E eu estou um pouco bêbado.

Ela limpa os pés no capacho e se segura na parede. Em seguida, ri. Ah, droga. Ela também está bêbada.

— Oi — ela fala enquanto joga as chaves no balcão, fazendo barulho.

— Oi — murmuro de volta. Dobro o papel do banco, tentando descobrir se posso pegar o dinheiro.

— Onde está todo mundo?

Aceno com a cabeça para o quarto de Wren.

— A Wren acabou de ir para a cama. A Lark ainda não está em casa. E a Star ainda está no apartamento de Josh.

Ela assente e tira a jaqueta de couro. Está usando uma camiseta fina, sem sutiã. Seus mamilos pressionam contra o tecido, e tenho que me esforçar para não olhar. Ela se inclina e olha dentro da

geladeira.

— O que aconteceu com toda a cerveja?

Pego a minha lata e a esvazio.

— Bebi — murmuro.

Ela pega uma garrafa de água e se senta na minha frente.

— Noite ruim?

Balanço a cabeça.

— Noite boa. E você? — Arqueio uma sobrancelha para ela.

Ela dá de ombros.

— Boa como qualquer outra. Estou um pouco bêbada. — Ela faz um gesto com o polegar e indicador.

Eu rio.

— Ah, bom. Eu também.

Ela entra no quarto e volta com um violão. Eu a observo enquanto caminha até o sofá e se joga nele. Fin coloca o instrumento no colo, de modo que esteja virando para cima e começa a dedilhar as cordas. Uma melodia soa no ar e dança na minha frente.

— Isso é bom mesmo — falo. A música me atrai quase tanto quanto a garota. Me levanto e vou para a sala de estar. — Posso me sentar?

Ela dá de ombros. Me acomodo na outra extremidade do sofá e a observo. Fin toca, cantarola, toca mais e depois para e escreve algo em um bloco.

— Está compondo? — pergunto.

— Algo assim — ela murmura.

— É muito bom mesmo. Tem letra?

— Sim — ela fala enquanto segura a caneta. Uma mecha de cabelo escuro cai em seu rosto e ela o afasta com um sopro. Quando cai de novo, eu a pego e a afasto. Ela se surpreende, sai do transe musical e me olha fixamente. — Quer ouvir a letra? — pergunta, com a voz baixa, quase temerosa.

— Sim. — Não consigo pensar em nada que eu desejasse mais.

Ela começa a cantar. É cauteloso e hesitante, mas tão lindo que rouba meu fôlego. Fin canta sobre coração partido, vergonha, desejo, amor e dor, e por baixo daquilo tudo... há beleza. Só... beleza absoluta.

Quando ela para de tocar, percebo que nem respirei, então tomo fôlego e encho meus pulmões doloridos.

— Isso foi incrível. — Solto um suspiro.

— O quanto você está bêbado?

Balanço a cabeça.

— Não *muito*.

— Você deveria beber mais. — Ela acena com a cabeça em direção a cozinha.

— Por quê?

Ela me olha fixamente.

— Porque eu quero descobrir o que te motiva.

Nem tenho certeza se alguma coisa me *motiva*. Eu simplesmente existo. Desde que recebi a ligação de Julia dizendo que ela não queria o nosso bebê, que queria largar tudo, sinto que alguém pressionou o botão de pausa na minha vida.

— O que *te* motiva, Finny? — pergunto.

Ela resmunga. Mas é um som adorável, e me vejo sorrindo. E não é só porque estou bêbado.

— Sexo — ela fala. — Sexo me motiva.

Engasgo com a minha própria saliva.

— O quê?

Ela ri.

— Gosto de transar, Tag. Muito.

— Certo... — eu digo, devagar.

— Você vai pregar o evangelho para mim e me dizer que boas garotas não transam com desconhecidos, não é? — Ela balança a cabeça e aponta o dedo para mim. — Mas tenho novidades para você. Posso fazer o que eu quiser com meu o corpo. Posso trepar com quem eu quiser.

Estremeço com sua escolha de palavras.

— Ah, você acabou de me olhar *daquele* jeito — ela fala.

— Jeito?

— O que parece estar me julgando.

— Não te olhei assim.

— Olhou, sim. Você acha que é errado uma mulher gostar de sexo.

Balanço a cabeça.

— Eu não disse isso.

— Disse, sim. A sua linguagem corporal disse. — Ela começa a dedilhar o violão de novo.

— Na verdade, não me importo com quem você transa. — Fico remexendo em um fio solto na minha calça jeans. Não gosto dessa conversa. — Acho que vou para a cama. — Coloco as mãos nos joelhos e começo a me levantar.

— Quer companhia? — ela pergunta.

Eu congelo.

— O quê?

— Tenho duas regras — ela afirma e começa a enumerar com os dedos. — Um, não transo mais de uma vez. E dois, você tem que sair da minha cama quando terminarmos.

Franzo o cenho.

— Onde está a diversão nisso?

— Hum, seu pau... minha boceta... muito entra e sai. Diversão. Isso é muito divertido.

Balanço a cabeça. Só estive com uma mulher na vida, e ela me deixou há meses. Mas estar com ela forjaria uma conexão. E a conexão não acontecia necessariamente nas sessões de pau-na-boceta como a Finny explicou, de forma tão fria. Era nos momentos tranquilos após o sexo. Quando ela colocava a cabeça no meu peito e deslizava os dedos nos pelos. Era quando acordávamos presos um ao outro com o suor entre nós. Era a batida do seu coração enquanto ela deitava em cima de mim. A maneira como ela se enrolava em mim, envolvendo o meu coração com o mesmo tipo de calor que envolvia meu pau quando eu estava dentro dela.

— Você está pensando em sexo, não é? — Finny pergunta.

— Na verdade, não — admito. — Estava pensando em intimidade.

Ela resmunga de novo.

— Sexo é muito melhor que intimidade.

Balanço a cabeça.

— Não acredito em você.

— Vou te provar isso. — Ela coloca o violão ao lado e fica de joelhos. Então mordisca o lábio

inferior enquanto engatinha poucos centímetros no sofá entre nós.

Estou recostado no móvel quando ela sobe no meu colo.

— O que você está fazendo?

— Se você tem que me perguntar, estou fazendo errado — ela fala e sorri, me fazendo querer sorrir junto.

Seguro seus ombros e a afasto.

— E as minhas irmãs?

— O que tem elas? — Ela continua a mordiscar o lábio. Em seguida, umedece a boca para aliviar a dor e seu movimento dispara diretamente para o meu pau. — Não costumo pedir a permissão delas quando quero trepar com alguém.

Aponto para o meu peito.

— Você quer transar comigo?

Ela ri e esfrega a boceta contra mim.

— Acho que essa parte é óbvia.

— Por quê? — pergunto. Seguro seu rosto para evitar que ela me beije e olho nos olhos dela.

Ela se inclina e pressiona os seios contra mim.

— Porque você está aqui — ela responde.

— Ah — falo. — Essa é a sua única exigência?

Ela se senta de novo.

— Achei que estava rolando um clima... — ela fala em tom de dúvida, procurando meu rosto. — Me enganei?

— Droga, não! — Ela está certa. Essa garota já me intrigou. E é linda. Muito linda. Mas isso não pode acontecer. Simplesmente não pode.

Ela sorri.

— Então você *quer* trepar comigo.

Droga. O calor de suas palavras dispara direto para o meu pau.

Eu a beijo. Não posso evitar. Sua boceta é quente, está do outro lado do meu zíper e seu cheiro é bom demais. A minha cabeça está um pouco confusa, mas o meu pau, não . Ele está pronto.

Afasto a cabeça quando um pensamento me surge.

— É estranho que você seja a irmã das minhas irmãs?

— Cara, *não* temos qualquer ligação — ela fala. — Mas se você estiver se sentindo estranho sobre isso... — Ela se senta, e eu sinto sua falta de imediato. Ela volta para o outro lado do sofá.

— Não vá — protesto.

Ela sorri e desliza os polegares por baixo das alças da camiseta. Em seguida, a puxa para baixo. Olha para o quarto de Wren e morde o lábio inferior. Mas não consigo olhar para seu rosto. Tudo o que vejo são os seios. Bonitos, arredondados e com mamilos duros perfeitos. Umedeço os lábios. Quero prová-los.

— Vou para a cama — ela fala e me olha por cima do ombro enquanto se afasta de mim. Ela entra no quarto e deixa a porta aberta.

Passo uma mão pelo cabelo. Ah, caramba. Ajeito a minha ereção porque estou tão duro que mal posso aguentar.

Ela volta para a porta e se inclina no batente. Está nua. Completamente nua.

— Você vem? — pergunta baixinho.

Concordo. Eu me levanto e vou até ela, porque sinto como se Fin fosse um ímã, e eu o metal que

ela atrai sem esforço.

Entro no quarto, fecho a porta, e ela se senta na beirada da cama. Então enfia os dedos nos passantes da minha calça jeans e me puxa em sua direção.

— Espere — falo.

Ela coloca a testa na minha barriga e posso sentir sua respiração quente de encontro ao meu pau, através do tecido. Caramba, ela está me deixando louco.

Mas nunca fiz sexo casual.

— Quer dizer que você não se aconchega? — pergunto. Eu não deveria estar aqui, mas ela está aqui e está quase beijando o botão do meu jeans.

— Não. Nada de aconchego.

— E se eu quiser?

— E se eu quiser só trepar com você? — Ela ergue o rosto e me olha. — Não precisa ser mais do que isso. Só uma vez.

— Suas regras — murmuro.

— Sim. Você está dentro ou fora?

— Eu nunca... — Esfrego uma mão no rosto.

— Você nunca...? — Ela espera pela minha resposta enquanto abre o botão da calça.

— Eu nunca... transei com alguém que não amo. — Pronto. Falei. Só estive com uma mulher. É isso aí. E agora ela está com outra pessoa.

— Há uma certa alegria no sexo casual — ela fala em tom baixo. Erguendo a bainha da camiseta, toca os lábios macios na minha pele. Meu pau pulsa. Inclino a cabeça para trás e solto um gemido. — Finny — grunho.

— Você pode dizer não — ela fala. Mas suas mãos agarraram minha bunda, e ela me puxa para si, seus lábios deslizando em minha pele.

— Você está tornando isso duro.

Ela tateia meu pau com a ponta dos dedos, delineando-o.

— Sim — ela diz, com uma risadinha. — Lembra? Comigo é fácil. Sem bis. Não vou te pedir flores. Ou promessas. Nem que você me abrace depois.

— E se eu quiser? — É difícil pensar com ela tão perto.

— Quiser o quê? — ela murmura contra mim, substituindo os beijinhos com a ponta da língua e lambe o meu estômago. Meu pau salta.

— E se eu quiser abraçar? — pergunto.

Ela congela. Seus olhos se encontram com os meus.

— Por quê?

Porque eu realmente preciso abraçar. Preciso que alguém aja como se me amasse, mesmo que seja só por um minuto.

— Não sei — murmuro. Mas quero isso muito mais do que quero que ela coloque meu pau a boca. Quero mais do que quero estar dentro dela. Minha existência é solitária. E se ela está se oferecendo para tirar um pouco dessa solidão, mesmo que por alguns minutos, vou aceitar. Mas não pode ser só meu pau entrando e saindo da boceta dela. Tem que ser algo que eu possa sentir. — Não sei porque... mas eu preciso disso.

Ela assente.

— Vou te dar vinte minutos.

— O quê?

— Depois que você me comer, vou te deixar ficar por vinte minutos. É pegar ou largar.

Ela abre lentamente o meu zíper.

— Pego — sussurro com ferocidade.

Ela tira a calça jeans e a boxer com um único movimento e, em seguida, pega um preservativo e o abre com os dentes, rolando o látex pelo meu comprimento. Cerro os dentes e tento não gozar na sua mão. Não faço sexo há bastante tempo. E eu nunca fiz isso. Não assim. Não com alguém que eu não amo.

— Tem certeza? — pergunto. Ela estava embriagada. — Você ainda está bêbada?

Ela balança a cabeça.

— Não. — Fin engatinha nua na cama e estica o braço para mim. — Pare de bancar a garota — ela fala e aponta para o meu pau. — Isso — ela fala e aponta para sua boceta, que é rosada, bonita e perfeita e está bem na minha frente — vai aqui.

Assinto e vou para cima dela. De repente, estou completamente sóbrio. E fascinado. Ela envolve as pernas na minha cintura, assumindo o controle enquanto me puxa para si.

— Espere — peço. — Desacelere um pouco.

Ela geme e afunda os braços na cama.

— Você não é daquele tipo, não é?

— Que tipo? — pergunto, enquanto afasto seu cabelo do rosto.

— Do tipo que quer balançar o meu mundo. Que quer me ensinar como um amor de tirar o fôlego pode ser. Um daqueles tipos idiotas.

— Não, não sou desse tipo. — Olho nos olhos dela enquanto me pressiono contra o seu calor, deslizando em sua umidade. Entro nela devagar, com medo de machucá-la. Com medo de fazer errado. Com medo de não agradá-la.

Sua respiração acelera e ela agarra meu cabelo.

— Mais — ela pede.

Finny puxa meu cabelo, me castigando por estar muito lento sem usar palavras. Seguro seus pulsos e apoio as mãos na cama, segurando-as com a minha. Não quero que ela assuma o controle.

— Pare — ordeno. Fico imóvel dentro dela. Ela puxa minha bunda com os pés, mas eu me recuso a me mover. — Pare — digo de novo. Inclino a cabeça e mordo o ombro dela, fazendo-a olha para mim.

Ela congela e vejo algo em seus olhos. Algo necessitado, vulnerável e desejoso.

— Não vou deixar você me usar como usa os outros — falo e balanço os quadris, deslizando profundamente dentro dela.

Ela luta contra minhas mãos, que a seguram, e eu aperto mais. Ela ri.

— Então você quer fazer amor comigo? — Ela revira os olhos.

Balanço a cabeça e mordisco seu mamilo. É quente, duro e doce na minha língua. Ela remexe os quadris, tentando fazer com que eu me mexa.

— Não, quero te comer. — Afundo o mais profundamente que posso dentro dela, e um grito deixa sua garganta, fazendo cócegas na minha orelha. — Quero te comer — digo mais uma vez. Saio e entro de novo, penetrando o máximo que posso.

Se eu disser *quero te comer* mais cem vezes, talvez eu acredite.

Ela mexe os dedos.

— Me deixa te tocar — pede.

Balanço a cabeça.

— Não.

— Por que não?

— Porque você quer assumir o controle, e eu não quero dá-lo a você. — Volto a mexer os quadris. Ela arqueia para me encontrar, se entregando por completo.

— Você quer estar no controle — ela fala com uma risada, e quase me empurra para fora dela. Eu a penetro fundo e paro de me mover.

— Não. — Balanço a cabeça. — Eu simplesmente não quero que você me use como faz com os outros. Só isso.

— Você quer ser especial. — Ela baixa a voz para murmurar. — Você é especial, gatinho. Assim como todos os outros.

Saio de dentro dela e a viro, bato no seu traseiro e afundo dentro dela por trás.

— Você me *bateu*? — Ela para de se mexer. Mas suas mãos estão apertando os lençóis, então, sei que ela não está com raiva. Ela está excitada. Ainda.

Fin arqueia as costas e se empurra na minha direção, tirando tudo de mim, e tenho que cerrar os dentes e me esforçar muito para não gozar.

Deslizo a mão por baixo do seu quadril e encontro sua boceta. Em todo filme pornô que já vi, o cara segue direto para o clitóris. Então, é o que vou fazer. Ela está tão molhada que está até escorregadia, e eu acaricio a sua fonte de prazer. Ela apoia a bochecha na cama e olha para o lado. Sei que encontrei o ponto certo quando seus olhos se fecham e as costas arqueiam. Ela empurra o traseiro para me encontrar. Está tão apertada assim que quase não consigo deixar de gozar dentro dela. Paro e a viro de novo.

— Você vai acabar provocando um torcicolo em alguém com essa coisa de virar de um lado para o outro — ela fala com uma risada.

— Não. Só um orgasmo — digo. Eu espero. Abro suas pernas e a olho.

Ela ri.

— Ah, você vai me fazer gozar como louca, certo?

Olho para cima e suspiro.

— Você insulta todos os caras com quem fica?

O sorriso dela desaparece.

— Não me admira que ninguém volte — digo. Saio de dentro dela, fecho suas pernas e a viro de lado.

Ela se senta e fica de boca aberta.

— Quem você acha que é?

Aponto para o meu peito.

— Sou o cara com quem você está trepando — respondo.

— Bem, não mais — ela resmunga.

— Ninguém em seu juízo perfeito pode aguentar tudo o que sai dessa boca — digo.

— Minha boca é simplesmente incrível — ela contesta. — Quer experimentar? Mas já está pegando seu robe, e tenho a sensação de que está falando da boca pra fora.

— Posso te dizer uma coisa? — Meu coração está batendo como louco.

— Por favor, me ilumine — ela responde, seu tom é puro ácido.

— Eu queria transar com a garota que escreveu aquela música linda e depois subiu no meu colo. Ela era linda e sexy e interessante. — E prometeu que ia me abraçar depois.

Ela assente.

— Então você descobriu como eu realmente sou.

— Não. É só isso.

Ela faz um sinal para que eu me cale e olha para a porta como se tivesse com medo de que alguém nos ouça, então tento ficar quieto.

— É só isso — sussurro ferozmente. — Não descobri quem você é de verdade. Descobri como você quer ser para todo mundo. — Balanço a cabeça. — Deixa pra lá.

Pego a calça jeans e a sacudo.

— Espere — ela fala baixo. — Não entendo.

Fecho meus olhos e respiro fundo.

— É como se você estivesse interpretando um papel. Está se esforçando tanto para evitar que eu te enxergue que mal consigo me aproximar de você. Só isso.

— Não estou...

— Por que você queria transar comigo?

Sua voz é baixa.

— Porque você estava aqui.

Eu concordo.

— Não há nada de errado com uma mulher que gosta de fazer sexo.

— Concordo.

Ela se aproxima e eu seguro seus quadris. Levanto a beirada do robe e olho para sua bunda.

— A marca da minha mão está na sua bunda — falo. Inclino a cabeça e a mordisco. Ela prende a respiração.

— Não posso acreditar que você me deu um tapa.

— Eu também não. — Eu rio e aperto a curva do seu traseiro. — Quer tentar de novo? — pergunto contra a sua pele.

Ela se vira e sobe no meu colo, me puxando. Acaricia meu pau e depois me posiciona no seu calor. Suspiro enquanto ela desliza na minha ereção, me levando para dentro.

Seus braços envolvem meu pescoço, e ela suga o lóbulo da minha orelha, mordiscando gentilmente. Lambo o outro lado da garganta e mordisco sua pele com muita suavidade. Sua boceta estremece ao meu redor.

— Gosta disso? — pergunto.

Ela não responde, mas um silvo escapa quando inclino a cabeça e mordisco o mamilo suavemente. Olho para o seu corpo, ouço o seu gemido e percebo o que ela gosta, só prestando atenção.

— Gosto do seu pau — ela fala e olha nos meus olhos enquanto sobe e desce.

— Eu gosto da sua boceta — respondo. Gosto muito. Tanto que as minhas bolas já estão tentando sair pela garganta.

— Então você deve dar uma olhada de perto no que provoca em mim. — Ela para de se mover e ergue as sobrancelhas, esperando que eu concorde.

Eu a levanto e nos desencaixo. As penas dela se abrem, e ela morde o lábio inferior. Sua boceta brilha com umidade, e eu a abro com meus polegares. Me inclino e sopro o clitóris.

— Estou perto o suficiente? — pergunto.

Seus quadris enrijecem, e ela enfia os dedos nos meus cabelos, aproximando meu rosto. Lambo seu clitóris e observo sua reação. Ela fecha os olhos com força, mas não está fazendo aqueles sons felizes. Então eu o chupo com força. Ela geme. A peguei.

Deslizo dois dedos em seu calor e procuro o ponto escondido que li em um livro. Sei quando encontro, porque tenho que segurar os quadris dela na cama. Ela se movimenta contra a minha mão e tenho que apertar seu clitóris com força para segurá-la. De repente, ela fica imóvel e um

gemido sai da sua garganta, assim como sua boceta começa a tremer ao redor dos meus dedos. Eu a faço gozar, acariciando-a até que ela me afasta.

Suas pernas estão moles quando eu as fecho e as levo em direção ao estômago. Cubro seu corpo com o meu, apoiando seu pé no meu ombro, e juntamos nossas mãos. Ela olha para mim, assustada, mas em seguida relaxa e me deixa entrar. Fin grita quando empurro meu comprimento contra ela em um movimento apressado.

— Fico sensível depois que gozo — sussurra.

— Vou ter cuidado — sussurro de volta. Mordisco suavemente o seu ombro nu, e seus braços se arrepiam. Entro e saio devagar e com cuidado, e ela parece macia como algodão em baixo de mim. Ela vira a cabeça e me beija, seus olhos se encontrando com os meus, e há algo neles que não entendo completamente. — Você está bem? — pergunto.

Ela arqueia as costas e empurra contra mim, então sei que sim.

— Pode me fazer gozar assim?

— Posso? — pergunto.

Levanto os joelhos dela e puxo seu traseiro, segurando seus quadris com firmeza, entrando e saindo intensamente.

— Caramba — suspiro. — Você é tão gostosa. Não vou aguentar.

— Ainda não — ela fala e me olha por cima do ombro. Seus lábios se separam. — Quase — sussurra.

Assinto e seguro seu cabelo na nuca. Puxo, e ela geme. Aproveito o movimento para virar sua cabeça. Quero ver seu rosto.

— Agora! — Ela geme, de repente.

Gozo forte dentro do preservativo, dentro dela, meus dedos do pé se curvando com a força do orgasmo enquanto ela estremece, tirando tudo de mim e me levando cada vez mais longe. Paro e sua boceta me aperta até ela relaxar. Fin me solta e cai contra o colchão. Caio sobre ela, nem um pouco pronto para sair dali.

Ela vira, e eu me encaixo ao seu lado, mas ela me puxa para colocar minha cabeça sobre seus seios. As mãos deslizam até o meu cabelo, e ela segura minha cabeça em seu peito. Os dedos acariciam o meu couro cabeludo.

— Você tem vinte minutos para se aconchegar — fala.

— Aconchego é para idiotas.

Ela boceja.

— Você tem que sair do meu quarto em dezenove minutos e meio.

— Cale a boca — digo, parando. — Preciso de um pouco de conforto depois do sexo.

Ela ri e minha cabeça balança no peito dela.

— Tem algo melhor do que isso?

Beijo a barriga dela e apoio meu rosto na pele macia. Ela acaricia meus cabelos, seus dedos deslizando contra meu couro cabeludo. Levanto a cabeça, descansando meu queixo ali.

— Esta é a melhor parte — digo.

Ela resmunga.

— Continue tentando se convencer disso.

* * *

O TEMPO PASSA, e ela continua esfregando meu couro cabeludo. Já passou muito mais que vinte minutos, e Fin ainda não me expulsou. Mas então suas mãos ficam cansadas e pesadas contra meus cabelos. Não me mexo de imediato. Estou aproveitando a tranquilidade. Não há nada mais pacífico do que estar com uma mulher que acabou de ter um orgasmo ou dois. Não quero desistir disso. Esta é a parte que importa.

Um som rouco escapa da sua boca, e eu sei que ela está dormindo. Me sento devagar.

Tenho coisas que preciso fazer. Preciso me arrumar. E sair daqui antes que todos se levantem. A cama balança quando eu me viro, e ela me alcança. Pressiono os lábios nas costas da mão e a seguro enquanto ela se acomoda. Em seguida me levanto e pego minhas roupas.

Eu a observo, completamente nua. É tão bonita. É pequena e curvilínea, e seus cabelos compridos e escuros se espalham pelo travesseiro. Me lembro do jeito que me senti quando puxei sua cabeça para trás, e meu pau se ergue. Porra. Tenho que sair daqui agora ou não saio mais.

Coloco as cobertas sobre ela e olho para o seu rosto suave. Em um momento diferente, em um lugar diferente... eu poderia tentar conquistá-la. Poderia tentar transformar isso em algo real. Mas não posso. Agora não.

Visto a calça, saio do quarto e me deparo com Lark, que está entrando na porta da frente.

Sua testa franze.

— Você deve ter entrado na porta errada — ela fala e aponta para o meu quarto. — Seu quarto é ali.

— É bom saber — murmuro e vou para lá.

Arrumo as minhas coisas o mais rápido possível, depois enfio a cabeça no corredor. O apartamento está escuro, exceto por uma luz na cozinha. Vou até lá com a mochila e olho para a mesa. O comprovante. É por isso que vim aqui. Tenho que aceitar esse fato. Não posso fazer o que preciso sem isso. Pego e o enfio no bolso de trás. Ela queria que eu ficasse com o dinheiro, então não está errado. Certo?

Paro do lado de fora da porta de Finny e hesito por um minuto.

— É melhor você ir — Lark fala, da porta do seu quarto.

Ela me assusta, e minha respiração se acelera. Eu concordo.

— Eu sei — murmuro.

— É melhor assim.

Concordo com a cabeça de novo.

— É mesmo.

A porta de Lark se fecha, e respiro fundo.

É hora de ir. Tenho que buscar a minha esposa e o meu filho.

FINNY

Fico do outro lado da porta e o ouço falar com Lark. Ainda estou nua e posso sentir o seu suor no meu corpo.

Pego o robe e o visto, a seda deslizando pela pele na qual ele provocou arrepios. Estive com muitos homens, mas nunca tive um que controlasse meus sentidos, não como ele fez. Quando Tag colocou a cabeça no meu peito, me vi segurando-o, precisando tanto abraçá-lo quanto ele queria me abraçar.

E isso não é normal.

Queria que ele fosse como todos os outros, mas isso não aconteceu. Ele é diferente, e não gosto de saber desse fato.

— É melhor você ir — ouço Lark dizer através da porta. Alcanço a maçaneta, mas não posso me forçar a abri-la.

— Eu sei — ele fala. Sua voz é rouca e desgastada, e quero ir até ele e perguntar para onde está indo.

— É melhor assim — Lark fala.

— É mesmo — ele murmura.

Ouço sons de passos e o arrastar de bagagem, à medida que a porta da frente se abre. Pressiono a orelha na porta do quarto até ouvi-la se fechar. Então abro a minha.

— Ah, Finny. — Lark suspira. — O que você fez?

Fecho o robe e vou para o corredor.

— Ele foi embora? — sussurro. Não quero que Wren me ouça.

— Sim. — Lark se inclina contra a parede e apoia a cabeça como se estivesse cansada. — Ele foi embora.

Meu coração se aperta.

— Tá. — Dou de ombros fingindo indiferença, apesar de não me sentir assim.

— O que você fez?

Olho para o chão.

— Nada. — Volto meus olhos para os dela. — Ele foi embora de vez?

Ela concorda a cabeça.

— Pegou as malas e saiu.

— Ah. — Meu coração afunda, e eu não sei por quê. — Tudo bem.

— Você transou com ele? — Ela me olha fixamente.

— Bem, sim... — Provavelmente preciso explicar...

Ela me repreende.

— Ele não é um cara qualquer.

Não, não é.

— Eu sei. — Descobri isso da maneira mais difícil. — Ele foi mesmo? — Olho para a porta da frente como se ele fosse voltar.

Ela assente.

— Sim. Ele pegou um comprovante bancário da Wren.

— Ah, merda. — Coloco a ponta dos dedos sobre a boca. — Ela já sabe?

Lark balança a cabeça.

— Ainda não. — Ela estreita os olhos para mim. — Por que ele, Finny?

— Acho que só para ver se eu podia. — Minha voz é muito baixa. — Algo não estava certo sobre ele.

— Ele é irmão das duas.

— Eu sei. — Coloco uma mão no peito. — Mas você sabe que ele não tem relação comigo.

Ela levanta uma mão para frustrar minha objeção.

— Eu sei disso.

— Vai contar a elas que transei com ele?

Ela solta a respiração e balança a cabeça.

— Que bem isso faria?

Não faria bem a ninguém.

Mas eu ainda não consigo acreditar que ele simplesmente pegou tudo e foi embora assim.

Dois meses depois

SEGURO a mão de Julia e limpo sua testa com uma toalha fria e molhada.

— Eu te odeio! — ela grita comigo. Há quase uma hora, ela está gritando assim, e agora já estou bem acostumado. — Estou feliz por não ter que te ver nunca mais depois de hoje.

A enfermeira me encara. Todos sabem da nossa situação maluca. Mas continuo na expectativa de que ela vá mudar de ideia, de que vá querer ter algo a ver com nosso filho depois de hoje. Nosso relacionamento acabou, mas o deles não precisa terminar.

Outra contração envolve seu corpo, e ela aperta a minha mão com tanta força que eu estremeço e afasto os dedos dela.

— Não temos muito tempo agora — a enfermeira fala.

Julia relaxa na cama quando a contração acaba e pisca seus olhos verdes para mim.

— Posso te ajudar de alguma forma? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Só se certifique de que não o coloquem em mim quando ele nascer. Não quero vê-lo.

Afasto seu cabelo suado do rosto.

— Tem certeza?

— Tenho — ela responde em tom baixo. — Vai ser muito difícil.

— Ainda podemos fazer isso — digo a ela. — Podemos fazer isso juntos.

Ela balança a cabeça.

— Não é o que eu quero, Tag. Quero que ele tenha o melhor e não posso dar isso a ele.

Também não posso, penso. Se não fosse pelo dinheiro da minha irmã, não seria capaz de fazer nada por ele.

Julia veio até mim quando descobriu que estava grávida. Fiquei muito animado, mas ela, não. De jeito nenhum.

— Eles podem dar tudo a ele, Tag — ela disse. — Nós não podemos oferecer nada.

— Podemos conseguir — falei. Juntei as mãos como se estivesse orando. — Por favor. Me prometa que vai tentar.

— A família adotiva disse que me daria dinheiro suficiente para que eu vá para a faculdade — ela explicou. — Vou poder sair daqui.

Olhei ao redor da cabana do pai dela. Como pastor da igreja, era concedido a ele uma casa pequena. Foi assim que nos conhecemos. Seu pai estava me aconselhando sobre responsabilidade.

Julia fungou.

— Quero que ele tenha muito mais do que isso. A família adotiva... o quer muito.

Eu estava em uma viagem de missão quando ela descobriu que estava grávida. Então enviou uma mensagem para o México, mas demorou algumas semanas para que eu conseguisse juntar dinheiro suficiente para voltar para casa. A viagem ia demorar para terminar, mas voltei logo depois de receber a notícia.

Na verdade, eu nunca deveria ter ido.

— Eu o quero — falei e bati a mão contra o peito. — Você não pode entregá-lo sem a minha permissão.

— Eu poderia ter feito um aborto e você jamais saberia — ela falou em tom baixo.

— Mas você não fez. E agora eu sei. E eu o quero. Você não pode entregá-lo para adoção quando ele tem um pai que o quer.

Ela começou a chorar.

— Mas eu tenho sonhos. E eles vão pagar para que eu vá para a faculdade. Eles gostam de mim e disseram que nós vamos poder visitá-lo e ver como ele está. — Ela não parava de implorar.

— Quanto?

— Você não tem grana, Tag. Isso importa? Tudo o que eles podem dar é melhor do que o que nós podemos. Você não consegue ver isso?

Ela estava errada. Eu poderia amá-lo.

— Eu o quero — repeti.

— E eu quero estudar. Quero ser melhor do que... isso. — Ela fez um gesto para o quarto. O bebê não era maior do que uma maçã nesse ponto. E ela queria desistir dele.

— E se eu te desse a mesma quantia de dinheiro? — perguntei.

Ela zombou.

— Onde você ganharia tanto dinheiro?

Minhas irmãs. Jenny e Jessica. Elas têm dinheiro.

— Vou conseguir.

— Por que você tem que tornar isso tão difícil? — Ela suspirou. — Deixe que ele tenha uma vida boa.

— Eu vou. — Comigo.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você vai assinar os papéis?

— Não. Vou arranjar o dinheiro.

Seu rosto se contorceu. Eu odiava decepcioná-la, mas não ir desistiria dele.

— Isso não parece certo — ela disse.

Atravessei a sala para ficar na frente dela e inclinei o rosto na direção do seu.

— Nada disso está certo. Deveríamos ser uma família.

Ela recuou, criando um grande abismo entre nós.

— Você foi embora.

— Você me disse para ir!

— Você disse que precisava disso.

— Foi para a igreja — expliquei depressa.

— Às vezes, acho que você ama sua religião mais do que a mim.

— Eu posso mudar — tentei.

Ela balançou a cabeça.

— É tarde demais.

Julia me tira do meu devaneio quando grita e aperta meus dedos. Sua barriga ondula e se mexe, e a enfermeira me diz que eu posso olhar para baixo. Não vejo qualquer parte do corpo de Julia há meses, então não me sinto bem em olhar sua vagina, mas a vontade é muito grande. Suas pernas estão abertas, e eu olho para o bebê enquanto ele desliza para o mundo. A enfermeira o pega, e elas o levantam para colocá-lo na barriga da mãe.

— Não — Julia fala. Ela fecha os olhos e desvia o olhar. Uma lágrima escorre por sua

bochecha.

— Julia, por favor — falo. Se ela o vir uma vez só, vai mudar de ideia. Tenho certeza disso.

— Leve-o embora.

Ele está chorando agora, e o som é música para os meus ouvidos. Vou até a bancada onde estão limpando o bebê e olho para o seu rostinho perfeito. Ele tem o meu tom de pele e o meu tipo de cabelo.

— Quer segurá-lo, papai? — a enfermeira pergunta. Ela olha para Julia, mas ela está olhando na outra direção.

— Sim, por favor — respondo. Pego o bebê no colo e o coloco contra meu peito. — Olá, Benji. — Ele nasceu há poucos minutos e já estou apaixonado. Não consigo imaginar como Julia poderia desistir dele. — Tem certeza, Julia? — pergunto.

— Tenho — ela diz em tom definitivo, ainda se recusando a olhar.

Eles nos levam para uma sala diferente, longe de Julia. Aparentemente, é o que fazem em situações de adoção e é assim que estão tratando isso.

Passo a noite com meu filho no quarto dele e não tenho ideia de onde Julia está. Uma enfermeira entra no quarto e diz:

— A mãe do bebê gostaria de te ver. Ela está prestes a ter alta. — Olho para o berço de Benji. — Vou ficar com ele. Pode ir — ela fala com gentileza e bate no meu ombro.

A mulher me dá o número do quarto, e vou até lá. Ela está usando uma calça larga e uma blusa solta, e está com uma bolsa sobre o ombro.

— Você já está indo? — pergunto.

Ela assente, e uma lágrima desliza pela sua bochecha.

— Julia... — Quero abraçá-la, mas não sei se tenho o direito.

— Não torne isso mais difícil — ela fala em tom baixo. — Você está com o dinheiro?

Enfio a mão no bolso e pego o cheque de quarenta mil dólares. Usei o resto dos cinquenta mil para comprar coisas para o bebê e pagar um advogado para cuidar dos assuntos legais, assim ela poderia assinar o documento em que abria mão dos seus direitos, e eu poderia conseguir a custódia.

E para finalizar, o divórcio.

— Obrigada — ela fala enquanto pega o cheque.

— Você vai ficar bem?

— Teria sido mais fácil se ele tivesse ido para uma família diferente — ela fala. — Assim, eu sempre vou saber que ele está com você, mas não comigo. E ele também vai saber disso.

— Vou me certificar de que ele saiba que você o ama. — Meu coração está se partindo.

Ela concorda com a cabeça.

— Fiz isso porque o *amo*. Não posso dar a ele nada do que precisa. E também não tenho certeza de que você pode. — Ela me olha. — Você vai procurar suas irmãs de novo?

— Duvido que elas me aceitem de volta. Eu meio que fechei as portas.

Ela assente.

— Cuide dele, tá? — Sua voz falha, e eu não aguento mais. Vou até ela e a puxo para dentro dos meus braços. Ela cai contra mim e me deixa abraçá-la até que seus soluços diminuem.

— Quando você estiver pronta para vê-lo, me liga?

— Não vou ligar.

— Você não sabe como vai se sentir dentro de alguns anos.

Ela assente.

— Fique bem, Tag.

Então, vejo seu novo namorado de pé, ao lado da porta. Ela vai embora com ele. Ela está me deixando com um bebê recém-nascido e vai para a faculdade como se nada disso tivesse acontecido. Ela vai seguir em frente com a vida, e eu vou ficar com a beleza que criamos juntos.

Volto para o quarto de Benji, e a enfermeira o entrega para mim como uma bola de futebol bem embrulhada.

Meu telefone toca dentro do bolso, e eu troco Benji de lado para que eu possa pegá-lo. Meu coração acelera, pensando que pode ser Julia. Talvez ela tenha mudado de ideia.

— Alô?

— Tag? — Uma voz masculina chama.

— Sim?

— Aqui é o Josh. Vou me casar com a sua irmã, Star, em poucos dias. Adoraríamos que você pudesse estar aqui.

— Sim-sim — respondo rapidamente. Limpo a garganta. — Sim — digo de novo. Então, meu coração se aperta. — Espere. Não tenho dinheiro para ir até aí.

Ele ri.

— Não se preocupe, vamos cuidar disso.

— Vou precisar de uma passagem de ônibus.

— Quando você pode vir?

— Hoje?

— Vou cuidar da passagem. Me dê o seu nome completo.

Dou todas as informações a ele.

— Vou viajar com o meu filho — digo, estremecendo por dentro.

Uma pausa.

— Seu filho?

— Sim. Tudo bem?

— Caramba, sim, tudo bem — ele diz com uma risada. — A Star vai ficar muito feliz em te ver.

— Ele está brava comigo? — pergunto. Fui embora com os cinquenta mil dólares da Wren.

— Não que eu saiba. Mas ela tem vagina, então isso pode mudar em cerca de dez minutos — ele diz, com uma risada.

Algo me diz que minha irmã bateria nele se o ouvisse dizer isso. E algo também me diz que ele não se importaria.

— Nós o veremos quando chegar aqui, cara — Josh fala.

— Tudo bem — respondo, finalmente soltando a respiração pesada que eu estava segurando.

Enfio o telefone de volta ao bolso. Falta poucos dias para eles cortarem o serviço. Ainda bem que ele ligou antes.

Olho para Benji.

— Nós vamos para Nova York, carinha.

Vamos a Nova York para enfrentar a minha família, encarar o passado e fugir do futuro.

FINNY

Faz dois meses que ele foi embora como um ladrão na noite. Dois meses que ele transou comigo. E teve a coragem de aparecer com uma criança. Não gosto de bebês, nem mesmo os bebês de duas das minhas pessoas favoritas. E, particularmente, não de um bebê que pertence a ele.

Star o coloca em meus braços, e eu o mantenho na frente do peito com os braços estendidos, tentando mantê-lo tão longe de mim quanto possível enquanto ainda apoio sua cabeça. Ele se contorce e os pezinhos se agitam enquanto ele franze o rosto.

Minha irmã coloca a cabeça dele no meu ombro e o olha como se fosse a melhor coisa que já viu. Ela olha para o bebê da nossa irmã, Peck, do mesmo jeito. Em seguida, coloca uma mão na sua própria barriga grávida, e eu contorço um pouco a boca. Tento devolvê-lo ao pai, mas ele está conversando com o marido de Star, Josh, e nem percebeu a minha luta com sua prole do mal.

— Ele vai me vomitar, não é? — pergunto. Desvio o olhar dele, que solta um resmungo e, finalmente, seu pai olha.

Benjamin "Tag" Taggert Jr. tem a mesma carranca no rosto que o filho. Ele tira o bebê de mim e o puxa contra o peito.

— A mocinha se recusou a te segurar? — ele pergunta, conversando com o bebê. Seus olhos se encontram com os meus, e eu afasto o olhar. Ele aninha o bebê no colo e dá uma mamadeira a ele. O garoto se cala imediatamente. Graças a Deus.

— Não me recusei — murmuro. Eu me viro e sussurro para Star — Ele me chamou de mocinha? — Ela revira os olhos. Tenho que lutar contra isso com humor. Se não, vou deixar minhas emoções assumirem e vou dar um tapa no rosto dele, chutar suas bolas ou fazer algo igualmente estúpido.

Ele ri.

— Ele não vai te morder. Nem tem dentes ainda.

— Ela não gosta de bebês — Wren fala. Ela ri, e seu irmão revira os olhos.

— Como você pode não gostar de bebês? — ele pergunta. — Eles são um presente de Deus.

Eu bufo. Não posso evitar. Star me encara, e eu murmuro:

— Desculpa.

Sei que seu irmão quer que todos pensem que ele é religioso. Que ele acredita em Deus, bênçãos, oração, intervenção divina e toda essa besteira. Mas ele transou intensamente comigo e fez coisas loucas na minha boceta por um bom tempo, então eu sei a fraude que ele é.

Star se casou hoje. Tag apareceu do nada, com o filho em um bebê conforto e veio para ver seu casamento. Star permitiu. Não tenho certeza de que teria sido tão generosa, considerando como ele foi embora há dois meses com cinquenta mil dólares do dinheiro de Wren.

— Onde vocês vão ficar? — Star pergunta.

Ele olha ao redor, parecendo nervoso.

— Ainda não tenho certeza.

— Bem, você não terá problemas para encontrar um hotel, já que a Wren te deu todo aquele dinheiro — resmungo.

Ele estremece.

— É claro — ele murmura.

Sinos de alarme soam na minha cabeça.

— Cara, você gastou cinquenta mil dólares?

Star suspira.

— Agora, não, Finny — ela fala.

— Vou explicar tudo — ele diz, falando diretamente com Wren e Star. — Eu prometo.

Star sorri para ele.

— Depois.

Ele assente e parece aliviado.

— É claro. — Seus olhos se encontram com os meus novamente, e eu olho para longe, interrompendo o contato.

Star entrelaça os dedos nos de Josh e fala:

— Seu bebê quer um pedaço de bolo. — Ela pisca para ele. Minha irmã está grávida de seis semanas, mas já usa a coisa do desejo do bebê.

Josh ri.

— Já entendi. Alguém mais quer? — Ele olha ao redor. Estamos todos sentados em uma mesa, na festa de Star e Josh, ocupando espaço enquanto as pessoas nos cercam. Os dois foram jogados em uma fonte mais cedo e tiveram que trocar de roupa muito rapidamente. Star voltou parecendo mais desgrenhada do que quando saiu, e Josh tinha um sorriso enorme no rosto.

Alguém teve sorte, e não fui eu.

— Eu quero um pedaço — Wren fala. Lark ergue a mão também. Ela usa luvas até o cotovelo, como de costume. Rosa, para combinar com o vestido.

— Eu também — digo.

Josh se afasta, e Star o observa com um olhar de saudade. Dou uma batidinha em seu ombro.

— Ele vai voltar. Prometo. — Coloco as mãos ao redor da boca. — Com bolo! — sussurro.

Ela ri.

— Você está feliz? — Tag pergunta a ela de repente. — Feliz de verdade?

Star assente.

— Mais que feliz. — Ela tem um sorriso melancólico no rosto.

— Que bom.

Star apoia o cotovelo na mesa e coloca o queixo na palma da mão. Ela balança a cabeça na direção do bebê.

— Era para ele que você precisava do dinheiro?

Tag concorda com a cabeça.

— Sim.

— Precisa de mais? — ela pergunta.

Engasgo com a minha saliva.

— Me desculpe — resmungo enquanto Wren bate nas minhas costas.

— Não, resolvi tudo o que precisava. Obrigado. Gostaria de devolver, mas ainda não tenho emprego. — Suas bochechas ficam coradas. Ele está envergonhado?

Wren dá de ombros.

— Não estamos precisando.

Ele ri.

— Ainda assim, não quero ser um fardo.

Então ele deveria pensar seriamente em ir para casa. Ele está respirando o meu ar. Isso é um fardo por si só.

— Onde está a mãe? — questiono.

— Eu não... não tenho certeza. — Ele olha para o filho. — Gostaria de saber. — Solta um

suspiro.

— Você vai ficar na nossa casa — Wren fala de repente. — O quarto da Star ainda está vazio. E o da Peck também. Temos muito espaço.

Ele balança a cabeça.

— Não quero me aproveitar. — Mas a esperança floresce em seus olhos. Posso ver. Me pergunto se ele sabe disso e se ele se importa.

Ele não *pode tirar proveito*? Como se fugir com cinquenta mil dólares enquanto seu pau ainda estava molhado por ter ficado dentro de mim não fosse suficiente?

— Alô? — resmungo. — Você não deveria perguntar às outras pessoas que moram lá? — Aponto para mim mesma. Meu coração está chacoalhando no peito como uma bola de ping-pong em um copo. Lark, Wren e eu dividimos o apartamento. Não acredito que precisemos de mais colegas de quarto.

Em particular, não alguém que transou comigo. Nem alguém que alcançou uma parte muito profunda dentro de mim, como ninguém jamais conseguiu. Menos ainda alguém que me assusta tanto.

— Ele é nosso irmão — Star me repreende. — Isso não está em discussão.

— Então você deveria levá-lo para a sua casa.

Ela revira os olhos.

— Estou em lua de mel. — Então se aproxima de mim e sussurra no meu ouvido. — E tenho certeza que Josh arranjou algum móvel sexual para usarmos durante a lua de mel, e quero experimentar.

— Ecaaaa — gemo. — Informação demais, Star.

Ela ri e olha para Tag.

— Finny vai ser legal. Eu prometo. — Ela me lança um olhar diabólico. — *Não vai*, Finny?

Com certeza não, não vou ser legal.

— Não vou prometer nada. — Balanço o polegar em direção ao bebê. — Ele vai levar isso junto?

Tag ri.

— Não vou a lugar nenhum sem ele. — Seu olhar se prende ao meu.

A mesa fica quieta, porque há força e convicção por trás de suas palavras.

Um homem aparece e para ao meu lado.

— Quer dançar? — ele pergunta.

Não o conheço, mas ele é bonito e corajoso o suficiente para me convidar. Posso até transar com ele. Desde a noite com Tag, a minha vagina parece seca, como se tivesse sido enfeitiçada. É quase como se ela estivesse quebrada. Olho para o rosto do cara.

Espere. Já transei com ele? Os rostos deles ficam borrados depois de um tempo. Quem sabe?

— Adoraria — digo. Me levanto e o sigo para a pista de dança. De repente, minha noite parece ter mudado para melhor.

Ele me puxa para muito perto, muito rápido. Eu endureço, mas ele parece não perceber.

— Não se lembra de mim, né? — ele pergunta e sua respiração quente desliza em minha orelha.

Agora me lembro. Posso esquecer seus nomes e rostos, mas nunca me esqueço do cheiro deles. Este tem perfume de spray corporal e cebolas.

— Te comi por quase uma hora na noite em que ficamos juntos — ele fala e sorri, como se isso fosse uma coisa boa. Só que não é. Durou uma hora porque ele era uma merda na cama.

Ranjo os dentes.

— Eu me lembro.

— Você não retornou minhas ligações.

Eu disse a ele que não queria seu número e nem dei o meu. Ele deve ter conseguido com outra pessoa.

— Eu tinha esperança de conseguir falar com você — ele continua a falar e me puxa de encontro a seus braços, esperando provocar uma resposta.

— Não estou à procura de um relacionamento — falo gentilmente. Então dou de ombros e olho nos olhos dele. — E você não faz muito o meu tipo.

Ele estremece.

— Eu era seu tipo quando estava trepando com você.

Balanço a cabeça.

— Na verdade, não. Você estava disponível.

Ele para de se balançar ao ritmo da banda.

— Fui uma transa fácil? — Sua voz aumenta de tom ao final do comentário, e as pessoas se viram para nos olhar.

Na verdade, não foi tão fácil, porque eu tive que fingir gostar dele enquanto o ensinava como navegar pelas partes baixas. Não acho que ele sabia o que era um clitóris até aquela noite.

— Disponha — digo com relutância.

Ele dá um passo para trás, e um som irado sai dele. Não é uma risada e me faz lembrar de um camelo que acariciei no zoológico uma vez. Se ele cuspir em mim também...

— Sério? — ele pergunta, sua voz ficando cada vez mais alta. — Você me usou?

— Disponha? — digo novamente, mas desta vez, eu termino com uma pergunta.

Ei, sei que alguns caras ficam felizes em pegar alguém da Zero. Aparentemente, este aqui está procurando mais que uma noite com a baixista da banda.

— Você é uma vaca. Sabe disso?

Me conte algo que eu não sei. Sorrio para ele.

— Obrigada. — Gosto da minha vida de pegação. E também não preciso dele para gostar disso.

— Tudo bem? — Uma voz profunda soa por cima do meu ombro.

Eu me viro e vejo que Tag está atrás de mim. Ele ter devia estar dançado com a Lark, porque ela está bem ao lado dele.

— Você está bem, Finny? — ela pergunta.

— Como você se sente sabendo que ela é uma vadia? — o cara fala e sorri. — Ou você é o próximo da fila? — ele pergunta para Tag.

Tag endurece e acho que ele vai me questionar a respeito disso. Mas ele não fala nada. Toda a atenção dele está no babaca.

— Tenha um pouco de respeito, cara — ele fala baixo. Olho para suas mãos enquanto ele as flexiona, abrindo-as e fechando.

— Que se foda o respeito — o babaca retruca.

Tag ajeita o paletó.

— Eu gostaria que você observasse sua linguagem. Não há necessidade de palavrões.

— Foda-se seu... — ele para de falar. Principalmente porque Tag acertou seu maxilar. Sua cabeça recua e ele cai. Aconteceu tão rápido que eu nem vi. Só vi a reação.

— Falei para você observar a linguagem perto das damas. — Tag esfrega a barba por

fazer.

— Dama? Dama é o car... — De novo, a cabeça dele recua. Agora ele começa a sangrar. O líquido escorre do nariz para os lábios.

Tag enfia a mão no bolso, pega um lenço e o enfia sob o nariz do homem.

— Você precisa de alguma ajuda para encontrar a saída? — ele pergunta com calma, se inclinando para ele.

O babaca balança a cabeça.

— Não — ele murmura, mas é por via nasal.

— Você deve se desculpar com a dama — Tag fala e se afasta para que o cara possa me encarar.

Ergo as mãos para descartar o pedido de desculpas.

— Isso não é necessário.

— É, sim — Tag fala e ergue uma sobrancelha na direção do homem.

— Me desculpe — o homem murmura.

— Me desculpe por... — Tag espera, com um olhar de expectativa.

Ele olha para Tag com uma pergunta nos olhos. Ele não faz ideia do porquê deveria se desculpar.

Tag balança a mão no ar.

— Me desculpe por ofender a dama... — Ele espera.

— Me desculpe por ter te ofendido.

Tag sorri e bate no ombro dele.

— Tenha uma boa noite — ele fala.

O homem se afasta. Vejo os Reeds encontrá-lo na beira da pista de dança para acompanhá-lo até a saída. Agora me lembro de como eles o conheciam. É um dos seus clientes. Oops.

Levanto o olhar e percebo que todos na pista de dança estão nos observando. A banda começa a tocar de novo. Tag me oferece a mão.

— Me concede a honra? — ele pergunta.

— Fecha a boca — Lark sussurra com ferocidade. Aperto o maxilar. Ela coloca uma mão no meio das minhas costas e me empurra para Tag. Tropeço nele, que apoia a mão no meu quadril. Ele segura minha outra mão no dele e começa a me levar em uma dança. Lark vai dançar com outra pessoa.

Ele se inclina para olhar nos meus olhos.

— Você está bem?

— Estou. — Tirando o fato de que não consigo respirar. O único homem que já me fez sentir assim é Emilio, meu pai adotivo. Ele seria capaz de mover céus e terras, mas é o único homem que já se importou. — Por que você fez isso? — pergunto.

— Fiz o quê? — Ele me olha. É estranho ver o quanto da sua atenção eu tenho. Quase desconcertante.

— Por que você bateu nele?

Os ombros largos se movem quando ele os encolhe.

— Ele estava sendo grosseiro.

— Porque ele me chamou de vadia?

Ele geme e sei que acertei.

— A linguagem foi inadequada. Só o ajude a perceber.

— Então alguém se referindo a mim como vadia te ofende? — Disfarço um sorriso quando o

vejo estremecer de novo.

— Não era necessário entender o ponto de vista dele. — Ele me afasta e me puxa de volta. O homem com certeza sabe dançar.

— Ah.

— Você é melhor do que isso — ele diz, com calma. — Não deixe as pessoas falarem com você como se fosse menos do que é.

Meu coração acelera. Aparentemente, eu não era suficiente para fazê-lo ficar.

— O quê?

— Você tem valor. É digna. Adorável. Todo mundo tem valor. E é digno de respeito.

Eu bufo. Não quero ser adorável. Eu amo a minha família, mas não adoro ninguém. Não posso. O amor te torna vulnerável. Isso dá às pessoas o poder de te machucar.

Como ele.

— Você também é fofa pra cacete — ele diz com um sorriso.

— Você me chamou mesmo de fofa? — Rio. Não consigo evitar. — E ainda disse pra cacete.

— Palavrões e xingamentos nem sempre são necessários para se fazer entender.

— Você tem medo de ir para o inferno? — pergunto com uma risada. Diga alguns *foda-se* e pegue a chave para os portões de fogo.

— Eu costumava ter — ele responde. — Agora não tenho tanta certeza.

Percebo o quanto ele está rígido em meus braços.

— Me desculpe — peço. — Não deveria ter te provocado.

Olho para ele. Seu cabelo escuro cai sobre a testa em uma onda. Os olhos são quase negros na luz fraca e estão olhando diretamente para os meus. Sei que eles são castanhos, mas agora estão escuros. E aquecidos.

— Eu te perdoo — ele fala com um sorrisinho.

— Na próxima vez, só vou te provocar sobre esse pega rapaz. — Aponto para o cabelo dele.

Tag ri alto e joga a cabeça para trás. Olho para ele, me perguntando sobre um homem que pode rir sem restrições.

— Precisamos conversar — ele diz no meu ouvido. Um delicioso arrepio percorre minha espinha.

— Não precisamos. — Seguro firme em sua mão, que está presa na minha.

Ele me mantém mais firme.

— Precisamos, sim.

— O que você fez com o pestinha? — pergunto quando me lembro do seu filho.

Ele ri.

— Sua mãe o levou e me disse para vir dançar. Ela não aceitaria não como resposta.

— Ela geralmente não aceita — murmuro. Olho ao redor e a vejo abraçando o garoto enquanto o alimenta com uma mamadeira. Ela pisca para mim.

— A sua família é demais.

— É mesmo — concordo. A minha família é maravilhosa.

— Você tem sorte — ele diz, sua voz fica rouca. — Nem todos são tão sortudos.

— Você foi adotado por um tio, certo? — Me lembro vagamente da história. O tio não queria as irmãs dele, então Tag foi adotado sozinho.

— Sim. — Ele está rígido como uma porta agora.

— Então você também teve sorte.

Ele não diz nada.

— Vai para casa conosco? — Estremeço quando percebo como isso soou. — Quero dizer — me enrolo para fala. — você vai usar o antigo quarto da Star?

Ele concorda com a cabeça.

— Por esta noite, pelo menos. — Ele me olha. — Você não se importa, não é?

— Enquanto você prometer não fazer xixi no assento do vaso sanitário ou deixar a tampa levantada.

— Farei o meu melhor. — Ele ri. — Você pode sobreviver à minha presença por um dia ou dois?

Dou de ombros.

— Vou tentar. Vai ser difícil.

— Obrigado pelo seu sacrifício. — Ele ri de novo. É uma risada calorosa, e meu interior se derrete. Ele fala de novo, desta vez bem na minha orelha. — Me desculpe se a minha partida te machucou. Eu tinha que resolver algumas coisas e não consegui explicar naquele momento. Mas agora quero falar sobre isso. Posso? — Ele espera com expectativa.

— Talvez…

A música para, e ele leva minha mão aos lábios. Ele dá um beijo terno em meus dedos e o meu estômago dá um giro.

— Obrigado pela dança — ele fala e seus lábios continuam sobre minha pele, a respiração quente e úmida.

— Obrigada por dar um soco no babaca.

— Por nada. — Ele entrelaça dos dedos nos meus e me leva de volta aos meus pais. Em seguida, ele tira Wren para dançar.

Olho para ele enquanto os dois riem juntos. Suas bochechas ficam coradas, e eu imagino que ela o esteja provocando por ter batido no cara. Mas então ele olha na minha direção e seus olhos se encontram com os meus. Provavelmente ela o está provocando por minha causa, já que ele está me procurando assim. Ele pisca para mim e meu coração me trai com um solavanco. Que merda é essa?

Outro homem aparece e me convida para dançar. Eu me levanto e pergunto a ele em tom baixo:

— Também transei com você e não me lembro?

Ele balança a cabeça.

— Ainda não — ele responde com um sorriso.

Eu rio e o deixo me levar para a pista de dança. Mas posso sentir os olhos de Tag em mim, e eu nem desabotoei o primeiro botão do cara. Não deslizei a ponta dos dedos sob o colarinho. Nem toquei no seu pau acidentalmente. Não fiz nada. Porque Tag está me observando e, por algum estranho motivo, me sinto mal em pensar que ele vai me ver dando em cima de um cara qualquer. Só neste momento. Apenas neste segundo.

O pensamento me irrita, porque posso fazer o que eu quiser com meu corpo. É meu e não tenho que deixar que ninguém me julgue. Nem uma única alma.

Fico ainda mais irritada quando a dança termina, porque eu poderia ter levado esse cara para casa comigo. Tag já está estragando todo o meu jogo.

Tenho que consertar isso. Começando imediatamente.

Flexiono a mão, esticando os dedos, porque eles estão doendo. Faz muito tempo que não bato em alguém. Mas não pude evitar. Ele foi muito grosseiro e não teve consideração. Queria empurrar seus dentes goela abaixo, mas não podia. Não com ela assistindo. Já foi ruim o suficiente eu bater nele.

Se ela visse quanto tumulto há no fundo da minha alma, ia ficar assustada. Se ela encontrasse a profundidade da minha raiva, não me olharia igual. Nenhuma delas olharia.

Me sento ao lado de Emilio, o pai adotivo de Finny. Ele ergue o punho como se quisesse me cumprimentar, como os homens costumam fazer, e eu correspondo o gesto gentilmente.

— Bom trabalho — ele fala em tom baixo.

Não digo nada.

— Se você não tivesse feito isso, eu ia fazer.

Olho para ele, mas ainda não falo.

— Eu lutaria até a morte pelas minhas filhas. — Sua voz é baixa e grave.

— Estou contente por saber que a Star e a Wren têm você. — É verdade. Muito feliz. Agradeço que elas não tenham ido parar no mesmo lugar que eu. Porque onde eu fiquei era muito pior.

— Como está a sua mão? — ele pergunta.

Flexiono os dedos de novo.

— Vou sobreviver.

— O sentimento é bom, não é? — Ele observa meu rosto de perto.

— Na verdade, não. Não gosto de brigar. — Eu me inclino para a frente e equilibro os cotovelos nos joelhos, deixando as mãos penduradas.

Seus olhos observam a sombra de uma cicatriz na minha sobrancelha, depois deslizam para o meu queixo, que tem uma série de marcas ocasionadas por todas as vezes que a correia encontrou meu rosto.

— Certo — ele fala baixo.

Olho para Fin enquanto ela dança. Ela é graciosa e muito linda. E totalmente fora do meu alcance.

— Você vai para a casa das garotas esta noite? — Emilio pergunta.

Dou de ombros.

— Elas me convidaram. — Finalmente, olho para ele e o vejo me estudando com atenção. — Você não se importa, não é?

Ele balança a cabeça.

— Minhas garotas são mulheres fortes. Elas podem se cuidar sozinhas.

Meus olhos voltam para a pista de dança e focam de novo em Finny, que está nos braços de outro homem. Ele a olha como se quisesse comê-la no café da manhã. Ou no lanche da meia-noite.

— Não deixe que os caras de Finny o incomodem — ele fala.

Levanto a cabeça.

— O quê?

Ele balança a cabeça na direção dela.

— Às vezes, ela os leva para casa, mas os manda embora logo depois. Acho que ela nunca deixou que um deles passasse a noite inteira.

Ele balança a cabeça.

— Isso te preocupa?

— Não — ele diz. — Me preocuparia se alguém tivesse passado a noite.

— O que você quer dizer?

Emilio balança a cabeça.

— Não importa.

Me pergunto se ele se sentiria tão indiferente se soubesse que eu era um dos seus caras, e que ela não me expulsou da sua cama no final da noite.

Ele se levanta e vai buscar Marta para dançar. Ela coloca Benji no carrinho para mim. Meu filho está dormindo, mas eu o balanço o pé.

Emilio leva Marta para a pista de dança. Ela ri e o deixa puxá-la para perto.

Me pergunto o que ele quis dizer ao falar que só se preocuparia se ela deixasse alguém passar a noite. Estranho.

* * *

BENJI ME ACORDA quatro vezes no meio da noite. Minha vista está turva e cambaleio quando sinto o cheiro de café sendo preparado. Levanto a cabeça e olho ao redor. Café? Tem café?

Afasto as cobertas e visto uma calça jeans e camiseta. Provavelmente seria prudente ir à cozinha vestido. Me pergunto se Fin estaria acordada e vestida. É perturbador o fato de que eu adoraria vê-la de pijama, amassada e sonolenta? É provável que sim.

Sigo em direção à cozinha e Wren grita:

— Não fique entre a Finny e a cafeteira!

Paro e esfrego os olhos.

— Hã?

Fin anda na minha direção, me encarando. Dou um passo para o lado e a deixo passar por mim. Ela está usando calça solta de pijama, com a parte de cima enrolada na cintura e uma camiseta fina de alcinhas. E, caramba, ela não está usando sutiã. Desvio o olhar. Meu pau já está prestando atenção. Nunca a vi acordando. Droga, ela é linda.

Ela cambaleia cegamente em direção à cafeteira e para na frente do utensílio. Enche uma caneca e minha boca se enche de água. Também quero café, mas ela está fazendo as coisas a seu tempo.

— Não toque no meu café — ela resmunga enquanto passa atrás de mim, arrastando os pés.

Já estou procurando uma caneca, mas paro.

— O quê?

— Você me ouviu — ela fala, mas não me olha.

Coloco a caneca de volta no lugar.

Wren se levanta do sofá e entra na cozinha. Ela a pega e a enche para mim, me entregando.

— Obrigado — eu murmuro. É tudo o que posso falar a essa hora. Geralmente não falo nada até ter terminado uma jarra.

— Eu não beberia isso se eu fosse você — Lark fala ao entrar na cozinha.

Já estou soprando o café. Olho para cima.

— Ela vai te esfaquear enquanto você estiver dormindo, cara — Lark diz. — Ela é uma vaca com o café dela.

— Vou fazer mais — falo. Vou até a mesa da cozinha e me sento. Há um jornal ali em cima, e eu o abro. Imediatamente vejo uma foto das Zeroes. São fotos do casamento, obviamente tiradas de uma árvore ou de um prédio alto perto do local.

Leio todas as notícias sobre o casamento de Star, os Reeds, que estavam presentes, e todas as fofocas sobre eles. Algumas são ridículas. Outras partes são risíveis, e muitas são apenas tristes. Eles não podem ter muita privacidade.

— Ah, merda — Wren fala enquanto olha por cima do meu ombro. Ela puxa o jornal da minha mão. — Eles receberam fotos para publicar. Idiotas!

— Estou feliz que ninguém tenha publicado uma foto do Josh de pé, no altar — Lark fala.

— Ele não quer que ninguém saiba? — pergunto.

Elas balançam a cabeça.

— Aquilo foi só para a Star. É algo particular — Wren explica.

— Ela vai ficar brava com isso?

— Provavelmente não — Lark responde. — Mas eu é que não vou contar a ela.

— Por que não? — pergunto.

As meninas olham de uma para a outra e sorriem.

— Porque eles estão ocupados fazendo *vuco-vuco* — Finny retruca. — *Tchaca tchaca na butchaca*.

Sinto o meu rosto esquentar.

— Ah.

De repente, Benji chora no quarto.

— Posso pegá-lo? — Wren pergunta.

Olho para a minha caneca de café meio cheia.

— Eu posso fazer isso. — Suspiro e começo a me levantar. Mas Wren já está indo em direção ao meu quarto. Ela entra, e a ouço brincar com Benji. Isso me faz sorrir.

Mas ele não vai ficar feliz até que sua barriga esteja cheia. Tenho certeza disso. Pego uma mamadeira da geladeira e a coloco no micro-ondas. Ainda a estou chacoalhando quando Wren volta à cozinha com ele no colo. Ela pega a mamadeira de mim e se senta no sofá com meu filho em seus braços. Ele a deixa alimentá-lo e a olha com os olhinhos bem abertos.

— Fica lindo em você — Finny fala para ela.

Wren fuzila Finny com os olhos por cima do ombro.

Eu rio.

— Só porque você não gosta de crianças não significa que todas são ruins — Wren fala. — Esse daqui é muito fofo. — Ela sorri para o rosto do meu filho.

— Essa coisa parece melhor longe daqui — ela responde.

— Ele não é uma *coisa* — retruco.

Ela resmunga.

— Sim, continue dizendo isso a si mesmo.

— Espero que ele não tenha te acordado essa noite — digo a ela. Ele só chorou por um minuto ou dois cada vez, mas ainda assim era barulho enquanto elas estavam tentando dormir.

Cheguei em casa com Lark. Fin ainda estava dançando com um cara na festa quando partimos. Não deveria me aborrecer, mas não consigo descobrir por que isso acontece. Ela não é minha. Nunca foi.

Ela me olha e ergue a sobrancelha, mas não diz nada.

A campainha toca, e Lark revira os olhos.

— Aposto dez dólares que são as flores do *quero-tirar-sua-calcinha-de-novo*.

— Hã? — Me levanto e vou até a porta. Fin vai para o quarto, fechando a porta.

Atendo e encontro um homem de pé, segurando flores. Ele olha por cima do buquê e franze o cenho para mim.

— O que você quer? — pergunto.

— Estou procurando pela Finch... — Ele espera, deixando as palavras no ar.

— Por que você quer falar com ela?

— Eu trouxe flores.

Olho para ele, que se encolhe um pouco.

— Por quê?

— Ela não está aqui — Lark fala de trás de mim.

— Posso deixar as flores? — o homem pergunta.

— Claro — Lark responde. Ela se aproxima e pega o buquê das suas mãos. Em seguida, bate a porta na cara dele.

— Isso não foi muito legal.

Fin coloca a cabeça para fora.

— Ela já foi?

— Sim. Você já pode sair.

— Precisamos ter uma conversa séria com o porteiro. Eles deixam praticamente qualquer pessoa entrar no prédio. — Ela olha para mim.

Na verdade, naquela primeira noite, não me deixaram entrar. Entrei escondido.

Ela volta para a cozinha e se serve de mais café. Em seguida, tira o cartão das flores, lê, revira os olhos e o joga no lixo.

— Vou deixá-las no centro de vida assistida. Eles vão gostar. — Ela dá de ombros, vai para o quarto e fecha a porta.

— Ela recebe muitas flores — Wren explica. — Esse cara, em especial, traz um buquê a cada duas semanas. Isso já dura quatro meses. Ela os leva ao centro de vida assistida e entrega aos moradores que não recebem visitantes.

Ela não dormiu com esse cara recentemente? Meu coração, que está apertado, se alivia um pouco.

— Isso é legal... ela levar as flores para o centro de vida assistida.

Wren bufa.

— Ninguém comete o erro de chamar a Finny de legal na cara dela.

Lark faz um gesto exagerado com as mãos e fala:

— Ela tem uma reputação a manter.

Eu rio. Fin é pequena. Como uma pequena bola de fogo latina. Mas não tenho medo dela.

— Você ri, mas ela é dura.

A campainha toca de novo, e eu olho ao redor.

— Devo atender?

Elas reviram os olhos, mas vou até a porta mesmo assim. Abro e encontro um entregador com um vaso de rosas enorme. Há, pelo menos, três dúzias. Quantos homens ela trouxe para casa nos últimos dois meses?

Pego as flores e as coloco ao lado das outras.

Fin sai do quarto. Ela está usando jeans e moletom de capuz e prendeu o cabelo em um nó bagunçado.

— Ah, merda — ela fala quando vê o segundo vaso. — Não vou conseguir carregar tudo isso sozinha.

Wren se levanta.

— O Tag pode ir com você para ajudar. — Ela olha para o meu filho. — Ele está dormindo.

— Deixa pra lá — Fin fala. — Vou fazer duas viagens.

— Não me importo — digo, rapidamente.

Ela me olha com a testa franzida.

— Tem certeza?

Preciso mesmo conversar com ela.

— Tenho, sim. Deixa só eu pegar meus sapatos. — Vou para o quarto e calço o tênis. Depois, vou até o banheiro e escovo os dentes. — Tem certeza de que não se incomoda em ficar com ele? — pergunto a Wren quando volto. Afinal, ela nem me conhece direito.

Ela sorri.

— Desde que você volte — ela fala.

— Prometo voltar. — Visto o casaco e pego o arranjo de flores maior. — Pronta? — pergunto a Fin.

— É melhor perguntar se você está pronto ou não — Lark murmura. — Ela só tomou duas canecas de café.

Acho que vou me arriscar.

FINNY

Meus joelhos tremem ao entrar no lugar onde a minha mãe mora. Parte do motivo é porque o Tag continua tentando falar comigo.

— Eu não tinha expectativas — digo em um suspiro.

— Eu sei, mas... — Sua voz falha.

— Cara, está tudo bem. Transei com você. Não esperava que se casasse comigo.

Ele respira fundo e aperta a ponte do nariz.

Detesto visitar a minha mãe, porque nunca sei o que vou encontrar quando estiver aqui. Mas, ao mesmo tempo, adoro vir, porque há uma parte minha que deseja mais. Quero uma família. Desejo ter alguém para chamar de meu. Mas, provavelmente, isso nunca vai acontecer. Não tão cedo, de qualquer maneira.

Vou até o balcão de informações, e a recepcionista me cumprimenta pelo nome.

— Finch! — ela exclama. — Estou muito feliz em te ver!

— Como ela está hoje? — pergunto, calmamente. Tag está em silencio, ao meu lado, observando tudo.

— Ela não está tendo um dia bom — a moça responde e geme. — Sinto muito.

Sempre espero que ela tenha um bom dia. Mas raramente tem.

— Tudo bem — falo. — Vou dar um pulo lá. — Aponto para as flores. — Pode dar para alguns dos moradores que não recebem flores?

Ela sorri.

— Claro. Sei exatamente para quem dar.

Tag também coloca suas flores no balcão.

— Você pode voltar para casa. Obrigada pela ajuda — digo a ele.

— Vou com você — ele fala.

— Não preciso de acompanhante.

Ele me encara.

— Não quero ser o seu acompanhante. Mas você pode precisar de um amigo. — Ele começa a andar ao meu lado.

— Não preciso de nada — murmuro.

— Tudo bem — ele fala. — Então eu preciso disso. — Ele me olha.

— Você é um daqueles carolas da igreja, não é? Vai rezar por mim depois?

Ele semicerra os olhos.

— Você precisa que eu reze por você?

— Nem sonhando — retruco.

Ele assente. Passamos pelo centro de vida assistida para a seção onde os pacientes de saúde mental estão alojados. As portas estão trancadas, e precisamos de escolta especial para chegar a esta parte do prédio. Se a minha mãe não fosse tão violenta, isso talvez nem fosse necessário.

Paro na porta dela e olho pela janelinha. Ela está sentada em uma cadeira, lendo um livro. Parece muito normal. Mas não é. Nunca foi e nunca será, não importa o quanto eu deseje isso.

Bato e espero que ela me mande entrar. Já fui atingida na cabeça com livros, canetas e outras coisas diversas desde pequena, simplesmente por entrar em seu quarto. Fiquei cautelosa.

Ela me manda entrar, e eu olho para o Tag. Ele está parado na porta, mas não tenta se juntar a mim.

— Oi, mãe — falo, enquanto entro no quarto. A porta se fecha. Às vezes, ela sabe quem eu sou. Às vezes, não. Nunca sei o que vou encontrar.

— Oi — ela responde. Seus olhos semicerram. — O que está fazendo aqui?

Eu me sento na beirada da cama.

— Só queria dar um oi. Ver se você precisa de alguma coisa.

— Preciso de algumas revistas. E de um pouco de chocolate. E preciso que a enfermeira pare de roubar o meu papel higiênico.

— Vou resolver isso e pegar um pouco de chocolate.

— Ou foi *você* quem roubou o meu papel higiênico? — Seu rosto se transforma com um grunhido. De repente, ela salta da cadeira e voa para cima mim, seus punhos minúsculos me atingindo.

Seguro suas mãos. Contenho minha mãe desde que posso me lembrar. Instinto de autopreservação. Ela luta e consegue cortar minha boca. Afasto a cabeça, mas já consigo sentir o gosto de sangue que inunda a minha língua.

Ela se vira, pega uma caneta de uma mesa próxima e vem até mim, usando-a como uma faca. Eu congelo. Minha mãe tentou me matar mais vezes do que posso contar. Desta vez não é diferente. Viro para a esquerda, e ela enfia a ponta da caneta na parte de cima do meu braço. Estremeço e tento me abraçar.

De repente, ouço uma voz.

— Pare! — Tag ordena. Ele atravessa o quarto, seus passos rápidos e constantes. Envolve os braços ao redor da minha mãe, abaixando suas mãos. A caneta cai no chão. Ela luta. Grita. Se contorce. Seu rosto se transforma em fúria, diferente da mulher que estava no quarto há poucos minutos.

— Saia! — ele grita comigo.

— Não a machuque — aviso, e vou buscar uma enfermeira.

A mulher pega um frasco de medicamento de dentro um armário trancado e entra no quarto. Ela injeta uma seringa no ombro da minha mãe, que vai ficando mole nos braços de Tag. Ele a pega e a leva para a cama.

— Talvez seja melhor que você não venha por uns dias, Finch — a enfermeira fala. — Ela andou um pouco descontrolada esta semana.

— Tá. — Tento fechar a porta da parte em meu coração onde a esperança mora. Espero que algum dia ela possa me amar.

Minha mãe murmura para si mesma enquanto luta contra o sono.

— Será que aconteceu alguma coisa para deixá-la assim? Pergunto. Na semana passada, ela achou que a vizinha de quarto havia roubado sua bolsa e ficou frenética por dias.

— Não é necessário que algo aconteça, Finch. Você sabe disso. E sabe que não é culpa sua. E que não é você, especificamente, que ela está atacando.

Concordo. Eu sei. Mas isso não torna as coisas melhores.

— É melhor a gente ir — Tag diz, suavemente.

Olho para minha mãe. Ela parece velha e frágil. E suave. E gentil. Parece com a minha mãe. Não como uma paciente doente mental.

Tag segura a minha mão e a aperta. Encaro seus olhos verdes, que encontram os meus. Ele me avalia de perto. Tão de perto que a minha pele fica muito tensa, e eu tento afastar a mão da dele. Mas ele me segura apertado e me puxa em direção à porta. Quando ela se fecha atrás de nós, paro e olho pela janelinha, observando enquanto a enfermeira se move, limpando e

arrumando a bagunça que a minha mãe acabou de fazer.

Ainda estou respirando com dificuldade. Não deveria. Respiro fundo e solto o ar pelos lábios. Estou pronta para ir embora. Muito pronta. Eu deveria ter ouvido quando me disseram que ela estava tendo um dia difícil. Não deveria ter tentado visitá-la. A culpa é minha por ela ter tentado me esfaquear.

Tag faz uma pausa no corredor e me faz parar ao seu lado. Ele se inclina contra a parede e dobra os joelhos para que possa me olhar nos olhos com um pouco mais de intensidade. Ele é muito mais alto do que eu. Muito mesmo.

Ele levanta nossas mãos entrelaçadas e endireita os dedos. Minha palma repousa contra a dele, e seus dedos estão colados aos meus. Ele simplesmente me segura assim. Tento me afastar, mas ele não fala nada e não me solta.

— Sério?

— Shh — ele fala. — Fique quieta por um segundo. Quero tentar uma coisa.

— Você não vai rezar, né?

— Não neste exato momento. A não ser que você queira. — Ele inspira e expira, e eu percebo que está combinando nossas respirações. Ele olha nos meus olhos. Minha respiração para, mas ele continua inspirando e expirando devagar, e eu sigo seu ritmo. — Alguém me ensinou isso quando eu era mais novo. Quando o meu tio perdia o controle, eu ficava tão chateado que acabava hiperventilando toda vez que ele entrava no cômodo em que eu estava.

— Não estou hiperventilando.

— Mas acho que eu poderia estar. — Ele ri.

Ele inspira e expira, olhando nos meus olhos, e me sinto relaxar. Mas então ele puxa o meu braço, e eu caio contra ele, apoiando minhas mãos no seu peito para me equilibrar,

— Que merda é essa? — pergunto, enquanto tento me soltar.

Mas ele não permite que eu me afaste. Ele me puxa contra si e envolve os braços ao meu redor, me segurando. Estou rígida como uma tábua, mas ele é macio, quente e parece muito forte.

— Só por um minuto — ele sussurra. — Sessenta segundos. — Ele começa a contar suavemente. — Um. Dois. Três…

Suas palavras são quase tão quentes quanto o seu corpo. Ele está me segurando com força, e eu me deixo derreter contra ele, só por um segundo. Coloco a lateral do rosto sobre o seu coração e ouço ritmo constante, relaxando. Quando ele percebe que não precisa mais me abraçar com tanta força, levanta uma mão e esfrega gentilmente minhas costas. Me aproximo dele.

— Trinta. Trinta e um. Trinta e dois…

Quando chega ao sessenta, meu corpo está mole e sinto as pernas moles como gelatina. Então ele me afasta, segura meus cotovelos e olha para mim.

— Tudo bem?

Bem, eu estava até ele me segurar. Agora eu me sinto... estranha. Exposta.

— Sua mãe tem problemas mentais? — ele pergunta.

Eu concordo.

— Ela sempre foi violenta?

Eu não quero responder, mas minha boca decidiu que tem vontade própria. Traidora.

— Sim. — Agora que soltei, me apresso a explicar. — Ela nem sempre foi assim. Às vezes, ela era incrível. Cozinhava, brincava comigo e saíamos em aventuras. — Não sei porque eu sinto que ele deve saber de tudo isso. Ou porque quero contar a ele. — Mas seus dias bons estão ficando mais raros. — E os ruins eram ruins pra caramba. — Agora ela está aqui, onde podem controlar

seus medicamentos. — E impedir que ela tente matar pessoas. Como eu.

Ele começa a caminhar pelo corredor, mas para em frente a porta de um banheiro e entra. Sugere que eu o acompanhe.

— O quê?

— Posso dar uma olhada no seu ombro?

— Por quê? — Olho para o meu braço. Não estou sangrando.

— A sua mãe tentou te atingir com a caneta.

— Ah. — Esqueci da nossa luta. E a calmaria depois tempestade. Abro o casaco e descubro o ombro.

— Ela te pegou de jeito — ele fala. As pontas dos seus dedos fazem cócegas ao tocar lentamente o local, e eu estremeço.

— Já passei por coisa pior.

— Tenho certeza que sim.

Olho para ele, que pega uma toalha de papel e limpa as gotinhas de sangue que saíram do machucado.

— Não foi muito profundo — ele fala.

Eu bufo.

— Essa foi a mentira que ela contou na cama.

Suas bochechas coram, mas um sorriso surge no canto da boca.

— Por que você faz isso? — ele pergunta, balançando a cabeça.

— Isso o quê?

— Disfarça com piadinhas quando alguém tenta cuidar de você.

— Cara, você me conhece há meio segundo — lembro, a raiva aumentando.

— Diga isso a alguém que nunca esteve dentro de você — ele fala devagar, olhando nos meus olhos.

Meu coração se aperta.

— Estou pronta para ir para casa.

Ele passa por mim e joga o papel toalha úmido fora. Seu braço toca nos meus seios, e ele congela.

— Me desculpe — ele fala, corando.

— Você usou o truque do esbarrão para tocar no meu peito. É o truque mais antigo do mundo.

Ele ri.

— Mas eu nunca fiz isso.

— Mentiroso.

Ele franze a testa e olha para mim.

— Nunca toquei no seio de alguém sem consentimento.

— Então sou sua primeira.

Suas bochechas novamente. Tag não é virgem. Ele tem um filho, pelo amor de Deus. Para não mencionar que trepou comigo naquela noite.

Caminhamos em silêncio em direção à saída, e alguns dos moradores agradecem pelas flores. Aceno para eles e continuo andando.

Quando saímos na rua, estremeço e pergunto:

— Você não vai contar às minhas irmãs sobre o que aconteceu hoje, não é?

Ele parece confuso.

— Por que você não quer que elas saibam?

Dou de ombros.

— Elas ficam preocupadas.

— E devem ficar mesmo. Ela poderia ter te machucado pra valer.

Eu concordo. Não é nada com que eu não esteja acostumada.

— Vamos fazer um acordo, tá? — Ele me olha com esperança. — Se você me trouxer sempre que vier visitá-la, não conto a ninguém.

Reviro os olhos.

— Eu disse que não preciso de um acompanhante.

— Não tenho que acompanhar você — ele contesta. — Posso visitar outros moradores. Eu gosto de conversar com as pessoas. — Ele dá de ombros.

— É só isso mesmo? Você não está tentando bancar a porcaria do macho que salva a donzela?

Ele estufa o peito.

— Macho, sim. Porcaria? Não, mesmo. — Ele empurra meu ombro com o dele. — Me traga com você. Por favor. — Junta as mãos como se estivesse rezando.

— Tudo bem. — Mas um sorriso surge nos cantos da minha boca. — Isso significa que temos um encontro? — Eu empurro seu ombro desta vez.

— Você quer que seja um encontro?

Eu quero? Há duas horas, com certeza, eu teria dito não. Mas agora... depois do que ele fez por mim com a minha mãe? E depois?

— Talvez — falo em voz baixa.

— Então será um encontro.

Minha pele parece muito arrepiada, e meu coração se aperta.

— Vou pensar sobre isso — sussurro.

TAG

Fin e eu voltamos para o apartamento e encontro Benji dormindo no berço portátil. Wren pegou emprestado da Peck, que também tem um bebê recém-nascido. Eu não tinha mais do que um pacote de fraldas, um pouco de leite em pó e umas peças de roupa que a enfermeira colocou em uma bolsa de fraldas.

Não tenho dinheiro para comprar nada. Preciso arranjar um emprego. Bem rápido. Mas, para conseguir um, também vou ter que encontrar alguém para cuidar do Benji.

Tenho que planejar muitas coisas e descobrir o que vou fazer no futuro.

Vou ao banheiro, ligo o chuveiro e penso.

Benji.

Trabalho.

Dinheiro.

Babá.

... Finch.

Paro, apoio as mãos no balcão e olho para o meu reflexo.

Finch é um problema que não antecipei.

Antes da Finny, só dormi com uma mulher minha vida inteira. Nunca houve outra pessoa para mim, então me surpreendeu pra caramba quando percebi que só de olhar para ela eu perdia o ar. Ainda posso senti-la conta meu corpo. E quando eu a abracei no corredor do centro de apoio... os sessenta segundos em que eu a tive em meus braços pareceu ter durado o mesmo tempo que um piscar de olhos.

Um piscar de olhos que abalou meu mundo.

Sabia que havia algo poderoso entre nós. Eu só não sabia o quanto. Eu a puxei contra mim, esperando conseguir ajudá-la a se acalmar, a se equilibrar. Mas fui eu que me equilibrei quando a segurei em meus braços.

E agora estou nu, no banheiro, ficando duro de novo só com a ideia de abraçá-la mais uma vez. Estávamos em um corredor público. Ela tinha acabado de ser atacada pela mãe. E eu estava duro como aço, assim como estou agora.

Finch é uma coisinha pequena. Seus longos cabelos escuros estavam presos no alto da cabeça naquele nó estranho, e sei que eles caem sobre os ombros quando ela os solta. Na minha imaginação, ainda posso vê-los espalhados sobre o travesseiro. Eu amo deslizar os dedos através dos seus cabelos. Mas, como eles estavam presos no momento em que a abracei, eu me permiti deslizar os dedos para cima e para baixo em suas costas.

Eu meio que esperava que ela retrucasse, mas nem tenho ideia de que ela percebeu como me afetou. Tenho certeza de que eu era um qualquer. Uma transa fácil. Certo. *Espero* que ela não tenha notado. Ela vai achar que tenho más intenções, mas não tenho intenção nenhuma.

Ou, pelo menos, não tinha.

Agora, minha única intenção é ficar com Finch Vasquez. Porque eu sinto uma conexão com ela. E conexões são assustadoras, perigosas, e te tornam um idiota. Não posso permitir que isso aconteça. Tenho Benji para cuidar e não posso deixar que nada afete minha situação atual: tenho um lugar para ficarmos, mamadeira para alimentá-lo e fraldas para ele usar, mas...

...eu poderia perder tudo se fizer alguma besteira. E isso significa que tenho que ter muito cuidado com Finch.

Afasto esses pensamentos, pois ela pertence a uma porta dentro de mim chamada felicidade, e essa porta esteve trancada a sete chaves durante a minha vida toda. Nunca consegui abri-la e duvido que um dia consiga.

FINNY

Ouço uma batida rápida na porta da frente e me levanto para ir para o quarto, mas a fechadura gira e, em questão de segundos, a porta se abre. Peck e Star entram na sala, carregando muitas sacolas de compras. Peck está com o bebê no canguru, e Wren o tira de lá imediatamente.

— V-você vai pegar o Sammy e ele v-vai acordar com fome — Peck adverte.

Olho ao redor de todas aquelas coisas.

— Está distribuindo comida para pessoas carentes de novo?

Star balança a cabeça.

— Fomos fazer compras para o bebê. — Ela sorri.

— Você mal engravidou — repreendo.

— Não é para mim, engraçadinha — Star responde. — É tudo para o Tag e o bebê dele.

Balanço as mãos para aquele monte de coisas.

— Você comprou tudo isso para aquela coisinha lá dentro? — Balanço o polegar na direção do quarto de Tag.

— Bem, o Tag não trouxe quase nada com ele. Achamos que ele poderia precisar de algumas coisas. — Star dá de ombros.

— Espere um minuto! — protesto. — Você não deveria estar em lua de mel? Por que está fazendo compras ao invés de atormentar aquele seu marido incrivelmente sexy?

Ela geme.

— Ah, meu Deus — ela murmura. — Minha vagina já está cansada. Não posso mais subir naquele balanço. — Ela sorri. — Bem, não até hoje à noite.

— Quer dizer que o balanço foi um sucesso? — pergunto.

— Ah, droga, sim! Dá para fazer umas coisas loucas naquilo. De cabeça para baixo. Lado direito para cima. Para trás. Para frente. Você escolhe.

Sammy começa a chorar, e Peck estica os braços para tirá-lo de Wren.

— Eu te avisei — ela fala, se senta e levanta a camisa. Ele dá um sorrinho fofo quando encontra o café da manhã. Wren esfrega a cabeça dele.

— Termina logo com isso, carinha — ela fala. — A tia Wren quer brincar com você. — Ele se afasta do seio de Peck apenas o suficiente para sorrir para Wren. Em seguida vira a cabeça e volta a mamar.

Um barulho soa do quarto de Tag.

— Ah, outro bebê! Vou buscá-lo! — Wren fala.

— Há uma multidão de crianças nesse apartamento — resmungo.

Wren volta com Benji no colo, colocando a mão na testa do bebê.

— Você acha que ele está quente? — ela pergunta e o abaixa, como se quisesse que eu o pegasse.

— Ah, droga, não — protesto.

— Pegue-o. Sinta sua testa — ela insiste.

Com raiva, eu o tiro dela e o coloco no colo. Ele olha para mim e imediatamente começa a chorar.

— Ela também *me* faz sentir assim — Star fala.

— Aqui, pega ele. — Eu o inclino para Star. Ela sente a temperatura do bebê, e eu imagino

que vai pegá-lo, mas ela se afasta e começa a remexer nas sacolas. — Alô-ôôôô — reclamo. Todo mundo me ignora.

Eu me sinto um pouco zonza com ele nos meus braços e fico com medo de deixá-lo cair. Ele aninha a cabeça contra meu ombro, e eu olho para o nariz nele. Seu peso nos meus braços parece estranho.

— Ele parece estar quente — falo. — Você não acha que ele está ficando doente, não é?

Star desembrulha uns pijaminhas e cobertores e, em seguida, os leva para lavar.

— Você não deveria perguntar ao Tag se ele *quer* essas coisas? — questiono.

— São só umas coisinhas usadas que meu vizinho estava doando. — Star sorri para mim enquanto volta para a sala. Ela esconde todos os pacotes vazios no lixo, colocando-os bem lá no fundo. — E não é como se ele não precisasse. Não acho que ele tenha muita coisa.

— Exceto pelos cinquenta mil dólares da Wren — eu lembro a ela.

— Usei esse dinheiro para tirar o Benji da Julia — uma voz profunda diz atrás de mim.

Eu pulo e o bebê também. Dou tapinhas nas costas dele para acalmá-lo.

— Quem é Julia? — Star pergunta.

— A mãe dele — Tag responde. Ele está vestindo jeans e camiseta, e está descalço. Então esfrega uma toalha nos cabelos molhados.

— Onde ela está? — Star pergunta.

— Não faço ideia. — Ele se senta ao meu lado no sofá e sorri para o filho. — Achei que você não gostava de bebês — ele me diz.

— Não gosto — resmungo. Mas o bebê está quieto e calmo. Fico com ele no colo, porque quero ouvir a história da mãe do bebê.

— Bem, os bebês gostam de você — ele fala e toca na ponta do meu nariz.

Alcanço o lugar onde ele tocou e o cubro. Não acredito que ele tenha feito isso. Pego minhas irmãs olhando uma para a outra com expressões chocadas.

— Quietas — digo a todas.

Peck afasta o bebê do seio e o muda de lado, tudo por baixo de uma manta que Star tirou da bolsa.

— E ela não vai v-voltar? — Peck pergunta.

Ele balança a cabeça.

— Não.

Star pergunta suavemente:

— Você gostaria que ela voltasse?

— Sim. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, queria que ela voltasse. Mas ela seguiu em frente. Foi culpa minha, acho.

— Você ofereceu a ela os cinquenta mil dólares e ela te deu o bebê? — pergunto.

— Não. — Ele coça a cabeça. — Foi um pouco mais que isso. Mas para encurtar a história, estou sem dinheiro e fiquei com o Benji. — Ele dá de ombros e olha para o filho, que está começando a se mexer nos meus braços. — Você acha que ele está quente?

Benji ainda está inquieto, então Tag levanta e pega uma mamadeira. Espero que ele tire o bebê de mim, mas ele aquece o leite e depois me entrega. Olho para ele como se estivesse perdida, porque estou.

Tag ajeita Benji nos meus braços, de modo que ele fique meio deitado e enfia a mamadeira na boca da criança. Ele sorri para mim.

— Também tive que descobrir tudo — ele fala. — Ainda estou aprendendo.

— Eu, particularmente, não quero aprender — resmungo.

Ele ri.

— Ele gosta de você — Tag responde em voz baixa.

— Bem, ele é um de nós — respondo.

Tento manter o distanciamento, mas acho que gosto do carinha.

A perna de Tag está pressionada ao longo da minha e meu ombro toca seu braço. Ele podia se afastar um pouco. Há espaço no outro lado.

— Nós trouxemos alguns suprimentos para bebês — Star fala. — Achei que você não trouxe muita coisa.

Ele solta um suspiro.

— Não tenho muito. Mas você realmente não precisava fazer isso.

Ela balança uma mão no ar.

— Ah, não foi nada. Só umas coisinhas das quais o meu vizinho estava se desfazendo.

— Mentirosa — ele fala.

Ela sorri.

— Que seja.

Eles conversam em tom baixo enquanto eu termino de alimentar Benji. Quando a mamadeira está vazia e seus olhos pesados, Tag o ajeita no meu ombro e pega minha mão para me mostrar como erguê-lo.

— Ele vai vomitar em mim? — pergunto, entrando um pouco em pânico.

Peck joga um pano para ele, que o coloca entre a minha camisa e o rosto do filho. Relaxo um pouco. Então, o carinha solta o maior arroto que já ouvi. Estou prestes a sentá-lo de volta para reclamar com ele sobre isso, mas antes que eu possa movê-lo o suficiente, ele vomita em mim. A gosma branca voa da sua boca para a minha camisa.

— Ecaaa! Pegue-o. Pega ele *agora*.

Tag ri enquanto segura seus braços, e eu passo Benji. Me levanto para trocar de roupa.

— Vomito não vai te machucar! — ele fala, enquanto saio da sala.

Mas o que me preocupa mais do que qualquer coisa, não é o fato dele ter vomitado em mim. É o fato de que não me importo tanto quanto deveria.

Ando de um lado para o outro com Benji no colo. Não tenho ideia do que fazer. Ele está quente, irritado e as bochechas estão rosadas. No curto período em que ele está na minha vida, nunca o vi tão irritado. Eu o balanço suavemente no ombro, mas ele não para de chorar. Não quer mamar e nem precisa trocar a fralda. Já verifiquei.

Wren está fora a noite toda. Imagino que ela esteja com as outras, já que não tem ninguém aqui além de mim. Estou sozinho, meu filho está doente e não tenho ideia do que fazer com ele.

De repente, a porta da frente se abre, e Fin entra no apartamento. Ela trouxe um homem, e ele está com a mão no seu traseiro. Ela congela quando me vê. Ele, não. Ele a vira em sua direção para que possa beijá-la.

A raiva nubla a minha visão. É rápido, inesperado e não tenho ideia de onde veio. Isso me surpreende.

O cara, que está com a mão debaixo da blusa dela, para quando ela cobre a mão dele com a sua.

— Pare — ela sussurra. Ela tira a mão de onde estava e a aperta. Ele resmunga e se afasta. Depois ajeita as roupas.

— Oi — ela fala com voz baixa para mim. — O que há de errado?

Olho para Benji.

— Não faço ideia. Ele não para de chorar. — Olho para ela em busca de ajuda, mas ela está olhando para o Benji com a testa franzida.

— Quem é esse, Finch? — o cara pergunta.

— Shh! — Ela sussurra.

Ele abre a boca para falar de novo, mas ela aponta para a porta.

— Pode ir — ela fala.

— O quê? — ele questiona.

— Fora — ela fala, vai até a porta, a abre e faz um "movimento" rápido com a mão. Ele ergue a cabeça. e aperta o queixo. Depois dá de ombros e sai.

O sujeito se vira no último momento.

— Me liga? — ele pergunta.

Ela bate na porta na cara dele.

Os gritos de Benji ficam ainda mais altos.

— Não sei o que fazer — digo.

— Checou a temperatura?

— Não tenho termômetro.

— Onde estão as coisas dele?

Aponto para o quarto. Enquanto eu ando de um lado para o outro, prestes a fazer um buraco no tapete, ela entra no meu quarto e volta com a bolsa de fraldas pendurada no ombro.

— Vamos — ela fala com impaciência e ergue as mãos.

— Aonde?

— Vamos levar seu filho para o hospital. — Ela faz outro gesto para mim. — Anda logo.

Meu coração para na garganta.

— Você acha que ele precisa ir ao hospital?

— Não tenho ideia do que ele precisa — ela fala com impaciência. Fin pega o bebê conforto,

e eu o coloco dentro.

Ele não para de gritar. Chora enquanto estamos caminhando no corredor e quando entramos no elevador, e seus soluços se transformam em fungadas quando entramos no táxi. Ele começa a pegar no sono, mas só dura um momento. Em seguida, ele chora de novo.

— Nunca me senti tão desamparado — falo. Esfrego o alto da sua cabecinha. Ele é tão lindo. E eu não posso nem cuidar dele.

— Vão consertar tudo no hospital — ela me assegura. O bebê conforto está no meio do banco de trás, e cada um de nós está sentado de um lado dele.

— Vão atendê-lo mesmo que eu não tenha dinheiro, não é? — pergunto baixinho. Meu estômago se aperta. Odeio ter que falar isso em voz alta, porque é como afirmar todas as coisas ruins que ouvi do meu tio durante a vida toda.

Nunca vali nada.

Ninguém podia confiar em mim.

Ninguém podia contar comigo.

Não consigo cuidar do meu filho.

Não sou nada.

— Vão atendê-lo — ela fala e deixa Benji segurar seu dedo. — De um jeito ou de outro — ela sussurra. —, vão atendê-lo.

Suspiro e apoio a cabeça contra o banco do táxi.

— Provavelmente não é nada — ela fala, em tom baixo.

— Acha mesmo? — sussurro, mais para mim do que para ela.

— Claro. — Ela sorri para mim e cobre a minha mão com a sua sobre a barriga de Benji. — Sabe onde estão suas irmãs? — Ela pega o telefone e começa a digitar.

— Não, achei que estariam com você.

— Voltei antes para o apartamento.

Seu rosto fica corado, e ela não olha para mim. Ela as deixou para voltar para o apartamento com um homem.

— Era o seu namorado? — Sei que não é. Mas quero ouvi-la falar. Vai me distrair da preocupação com Benji.

Ela resmunga.

— Deus, não.

— Quem era?

Ela dá de ombros.

— Só um cara.

— Só um cara?

Ela assente.

— Só um cara.

— Seu encontro?

Ela balança a cabeça e solta um suspiro.

— Alguém que conheci hoje.

— Você levou um cara que acabou de conhecer para casa? — questiono. Odeio isso assim que as palavras saem da minha boca.

— Sim. Não me julgue.

— Por quê?

Ela finalmente me olha. Sua testa franze.

— Porque o quê?

— Por que levou um cara que acabou de conhecer para casa? E por que as mãos dele estavam em você, se acabou de conhecê-lo?

— Porque você faz dois meses que você está na porcaria da minha cabeça, Tag. E agora você está de volta, e eu estou pronta para seguir em frente. Então me deixa fazer isso, tá? — Ela me encara, e posso sentir a eletricidade entre nós.

— Ah — ele diz. — Entendo.

— Não me julgue — ela adverte.

Levanto as mãos em rendição.

— Não estou te julgando.

— Está, sim. Pare com isso. — De repente, sua voz soa cortante e fria.

— Não estou.

— Está.

— Não, sério... — Mas, na minha cabeça, eu estou. Estou mesmo. De verdade. E odeio isso. Não quero que ela esteja com mais ninguém. Quero que seja minha.

Ela me assusta quando segura o meu queixo e vira meu rosto em sua direção.

— Gosto de transar, Tag. Deixa isso para lá. — Eu me arrepio. — Não tem problema algum uma mulher gostar de transar. Eu gosto de sexo. Não preciso me defender, principalmente para você, levando em conta que também não pôde resistir a mim. — Ela solta meu rosto, mas não deixa de me olhar nos olhos. — Não me julgue — ela fala baixo.

— Não estava julgando — digo novamente e gemo por dentro. Eu não deveria dizer isso em voz alta, mas vou. Não posso evitar. — Estou com ciúme. — Aperto os olhos com força.

Ela se assusta.

— Por quê?

Eu poderia ser honesto.

— Me incomoda.

— O que te incomoda sobre isso? — Suas palavras são repletas de veneno e gelo.

Escolho as minhas com cuidado.

— Porque uma vez não foi suficiente.

O táxi para na entrada da sala de emergência, e eu saio, levando o bebê conforto de Benji comigo. Ela pega a base da cadeirinha e me segue para o hospital. Vamos até a recepção e, rapidamente, somos atendidos. Eles tiram Benji de mim, me prometendo que vai ser só por um momento e que estarei logo com ele.

Ele se vai, e eu estou com Finny, que está me olhando como se eu estivesse desesperado. Acho que estou mesmo. Mas há também um questionamento em seu olhar. E eu não sei a resposta. Não sei de nada, exceto que estou morrendo de medo.

— Venha. — Pega a minha mão e me puxa para o banheiro. Ela olha furtivamente para a esquerda e para a direita, depois me puxa para dentro. — Sessenta segundos — fala.

Ela abre os braços, e nem penso antes de puxá-la ao meu encontro. Preciso disso. Eu preciso dela. Preciso que alguém tire o sentimento de desamparo que estou sentindo.

Desta vez, quando eu a abraço, meu pau não fica duro. Mas eu tiro vantagem. Me aproveito do seu calor e sua suavidade, e ouço a sua voz doce enquanto ela conta até sessenta. Acabou cedo demais. Ela se afasta de mim, e eu me sinto perdido.

— Vamos esperar pelo Benji — ela fala, e entrelaça os dedos nos meus.

— Eu não estava julgando — digo baixinho, enquanto nos sentamos lado a lado na sala de

espera.

Ela suspira.

— Tudo bem.

— Não estava mesmo. Só estava pensando que posso entender porque você recebe tantas flores.

A testa dela franze.

— O quê?

— Porque você é maravilhosa — falo baixo. — Se você fosse minha, eu não gostaria de desistir também.

Ela esfrega o braço quando fica arrepiada.

— Não namoro.

— Não tenho transas de uma noite só.

— Então, é bom saber que somos amigos, não é? — ela pergunta.

Uma enfermeira sai e chama meu nome. Nós nos levantamos e vamos até ela.

— Você é a mãe? — ela pergunta a Fin.

Ela começa a balançar a cabeça, mas eu respondo:

— Sim.

Não quero ir até lá sozinho. Não agora. Quero que ela fique comigo e suavize o golpe de qualquer coisa que esteja errada com Benji. Não posso perdê-lo. E preciso dela para me ajudar a fazer tudo certo.

Quero descobrir por que sessenta segundos abraçado a Fin foi melhor do que qualquer momento que já passei com Julia, mas não posso fazer isso agora. Primeiro, preciso saber o que há de errado com meu filho. Quando ele estiver melhor, lido com o resto.

FINNY

Ele parece absolutamente impotente. Estou falando do Tag, não do Benji. O bebê parece estar confortável. Ele não está chorando agora. Conseguiram distraí-lo para colocar o soro e deram remédio para diminuir a febre. Era só uma infecção do tipo simples e os antibióticos devem combatê-la. Fizeram vários exames de sangue e disseram que ele estava bem.

Tag é o problema.

— Você vai parar de andar de um lado para o outro? — pergunto.

— Não estou andando de um lado para o outro — ele argumenta, mas não para de andar.

— Certo, então pare de caminhar para frente e para trás. Vai fazer um buraco no chão.

Ele para e olha para o berço.

— Estou tentando planejar algo — ele fala em voz baixa.

— Como assim?

Ele dá de ombros.

— Planejar a vida dele. Cuidar dele. Imaginar como ser um bom pai, que satisfaça suas necessidades. Nem tenho emprego, Finny. — Ele solta um suspiro e esfrega as mãos nos olhos.

— Está tarde — falo. — Você pode pensar em tudo isso amanhã.

— Tenho que arranjar um emprego.

— Amanhã.

— E alguém para cuidar dele enquanto trabalho.

— Cara, você tem duas irmãs, que têm três irmãs e uma mãe. Acho que vai ter ajuda.

Ele resmunga.

— Não posso pedir a minha família para cuidar dele. Não posso me aproveitar. — Ele segura a beirada do berço com tanta força que os nódulos dos dedos ficam brancos. — Você não entende? — ele resmunga. — E se a culpa foi minha?

— O que você quer dizer?

Ele fica parado, com os olhos bem fechados.

— Fiquei bravo quando voltei da viagem missionária e descobri que a Julia não queria mais ficar comigo. Fiz algumas coisas das quais me arrependo. Disse coisas que me arrependo.

— Para ela? — É provável que ela tenha merecido.

— A Deus — ele fala. — Falei para Deus.

Ah. Agora eu entendi.

— E você acha que Deus está com raiva e punindo você?

— Acho que eu não fiquei grato pelos presentes que recebi.

— Isso é besteira.

Ele levanta a cabeça.

— O quê?

— Isso é besteira — repito. Levanto as mãos quando ele começa a falar. — Ah, espera, estou desdenhando de Deus. Você acha que algo terrível vai acontecer comigo?

— Isso não tem graça.

— Quando eu estiver tentando te fazer rir, você vai saber.

— Só estou preocupado que as minhas dúvidas possam causar um efeito contrário — ele fala baixo.

— Você ainda tem fé, certo? — Não compreendo a fé completamente. Não agora. Mas

respeito o fato de ele ter.

Ele concorda com a cabeça.

— Claro — ele geme. — Mas eu estava com raiva. E disse algumas coisas que não deveria.

— Então não diga mais — falo, dando de ombros.

Ele parece confuso.

— O quê?

— Deus não é um cara vingativo, seu idiota. Ele é benevolente. Ele também sabe de tudo, o que significa que Ele conhece o seu coração. Não repita mais o que você disse antes e está tudo resolvido.

— Você acredita em Deus? — ele me pergunta e olha nos meus olhos.

Deslizo o dedo para cima e para baixo em uma fenda na parede.

— Eu costumava passar muito tempo com o pastor e a esposa na nossa cidadezinha. Quando a minha mãe ficava mal, eles me levavam para a casa deles. Então, sim, sei quem é Deus.

— Você vai achar que eu sou um idiota se eu acreditar? — Ele observa meu rosto de perto.

— Cara, eu já te acho idiota.

Ele sorri.

— Quando perdi tudo, a minha fé me sustentou. Se eu a abandonar, sinto que estarei abandonando uma parte de mim mesmo.

Dou de ombros.

— Então não a abandone. — Meu telefone vibra, e eu olho para baixo. — Suas irmãs estão a caminho. — Me levanto de onde estou sentada. — Acho que eu deveria ir.

— Não — ele responde rapidamente.

— O quê?

— Não vá. Por favor. — Ele inclina a cabeça e sorri para mim. — Por favor — ele diz novamente.

Meu coração se aperta.

— Por que você quer que eu fique? — Prendo a respiração.

Ele dá de ombros.

— Eu gosto de você.

— Você *gosta* de mim? Quantos anos tem, doze? O que vai acontecer depois? Vou andar no guidão da sua bicicleta?

Ele sorri.

— Isso seria tão ruim?

Não. Não seria tão ruim. Seria meio que impressionante.

— Já temos um encontro marcado e envolve visitar os internos do centro de apoio — lembro. Não quero que ele pense em mim como uma garota normal. Quero que ele se lembre de que não sou e nunca mais serei.

— Algo para se esperar — ele fala com um sorriso.

— Não beijo no primeiro encontro, só para que você saiba — falo, mas estremeço assim que as palavras saem da minha boca. Eu não deveria ter dito isso.

— Ah, mas você me beijaria — ele diz com confiança.

Meu coração acelera.

— Você acha?

— Sim. Tenho grandes habilidades.

Benji começa a se remexer no berço, então me levanto e vou até ele. Coloco a mão na barriga

do bebê, que olha para mim, se acalmando imediatamente. Seus grandes olhos piscam enquanto ele mexe as mãos e os pés.

— Está se sentindo melhor, Benji? — pergunto a ele, que balança as perninhas de novo.

Tag vem atrás de mim, e posso sentir sua presença com o corpo todo. Ele coloca uma mão no meu quadril e apoia o queixo no alto da minha cabeça, olhando para o berço.

— Estava tão preocupado — fala. — Fiquei muito feliz por você ter chegado em casa naquela hora.

Meu estômago se aperta quando penso em quem levei para casa e no que eu estava prestes a fazer.

— Eu também — concordo. Não sinto vergonha. Há bastante tempo. Mas me pergunto como seria ter uma família e um homem para quem voltar. Deixo o pensamento de lado. Coloco a mão sobre a dele. — Esse cara... — Aperto os olhos com força e prendo a respiração, tentando me acalmar por dentro. — O conheci hoje. Não saí com ninguém desde... aquela noite. — Olho para ele. — Ninguém.

Ele sorri.

— Tudo bem. — Ele beija a minha bochecha, seu toque sempre tão breve.

Quero que ele me diga que não saiu com mais ninguém, mas não sinto que tenha o direito de perguntar.

— Adivinha só? — ele sussurra.

— O quê? — sussurro de volta.

— Não saí com mais ninguém também. — Ele beija a ponta do meu nariz.

Sinto um frio na barriga.

— Nem quando voltou para ver a Julia?

Ele balança a cabeça.

— Nosso relacionamento acabou antes de eu ter vindo aqui pela primeira vez. — Ele abre um sorriso estranho para mim. — E fiquei com essa moreninha na cabeça o tempo todo, desde que fui embora.

Meu coração se aquece.

— Bem, quando será o nosso encontro? — ele pergunta e afasta o meu cabelo para o lado, de modo que não faça cócegas no rosto dele. Sua respiração quente toca meu pescoço, e meus braços se arrepiam. Meus mamilos endurecem e. de repente, fico muito feliz por ele estar atrás de mim, assim não pode ver minhas reações.

— Assim que eu receber mais flores — falo, dando uma risada sem vontade. Não há humor nas minhas palavras. Nenhum.

Ele se endurece atrás de mim.

— Tudo bem.

A porta do quarto se abre de repente, e Wren e Star entram. Elas param na entrada e congelam quando o veem de pé, atrás de mim e com o queixo no meu ombro. Eu o cutuco para que ele se afaste e quando isso acontece, sinto falta dele imediatamente.

— Tudo bem aqui? — Star pergunta. Seus olhos deslizam de mim para ele.

— Benji está melhor — murmuro e olho para o berço. — Foi só uma infecção.

Star sorri.

— Ah, graças a Deus. — Ela se aproxima do berço e olha para dentro. De repente, ela cobre a boca. — Acho que vou vomitar — fala e sai correndo.

— Vou ver se ela está bem — Tag fala e a segue.

Wren me olha por bastante tempo, e seus olhos estão cheios de censura.

— O que você está fazendo, Finny?

Aponto para o berço.

— Ele ficou doente — digo. — Só estava tentando ajudar.

— Não é disso que estou falando e você sabe. Ela balança o polegar na direção da entrada. — Você estava toda aconchegada ao meu irmão.

— Não estava — protesto. Mas eu meio que estava. E gostei. Mas não gostei de ter gostado. Solto um som pesado de protesto.

Ela semicerra os olhos para mim.

— Não acho que ele esteja emocionalmente disponível, Finny — ela fala baixo.

— Bom, porque não tenho sentimentos.

Ela resmunga.

— Diga isso a alguém que não te conhece, sua vaca. — Ela olha para mim. — Sempre me perguntei que tipo de cara te conquistaria.

Eu zombo.

— Ele não me conquistou, cachorra.

— Ah, c*om certeza* ele conquistou, sim.

Não posso dizer se ela está brincando ou não.

— Por que você acha isso?

— Você deixa que ele te abrace, Finny. Você nunca permite que ninguém faça isso. — Sua voz suaviza. — Por que você o deixaria te abraçar se não gosta dele?

— Ele não pediu — explico. — Só estávamos olhando o Benji!

Sua voz suaviza ainda mais.

— Ele não estava olhando o Benji, Fin. Estava te olhando.

Eu bufo.

— Não estava.

— Você pode mentir para si mesma, mas não pode mentir para mim.

Não digo nada, porque não há nada a dizer.

— Obrigada por cuidar dele esta noite — ela fala. — Acho que faz bastante tempo desde que alguém cuidou dele.

— Não fiz nada.

A porta se abre, e Tag e Star voltam para o quarto. Wren para de falar, graças à Deus.

— Você está bem? — pergunto a Star.

Ela assente com a cabeça.

— Tive que comer meus biscoitos. — Ela coloca uma mão na barriga. — Estar grávida me faz sentir mal. — Ela olha para Tag. — Julia enjoou muito?

Ele dá de ombros.

— Não sei — ele responde em tom baixo. — Não acompanhei a gravidez.

— Bem — falo. —, já que tudo aqui está sob controle, vou para casa.

Tag franze a testa.

— Aquele cara está te esperando?

— Que cara? — Wren pergunta. Ela olha de mim para ele.

— Não tem ninguém me esperando — protesto e forço uma risada. — Vejo vocês mais tarde. — Saio e paro para respirar.

A porta se abre, e Tag quase cai sobre mim.

— Me desculpe — ele fala. — Estava tentando te alcançar. — Ele me segura com firmeza pelos cotovelos.

— Precisa de algo?

— Só queria te dizer...

Coloco uma mão no bolso do meu casaco de moletom.

— O quê?

— Eu esperaria por você — ele fala em tom baixo.

Remexo na pintura descascada da parede com a unha.

— Você já está esperando pela mãe do seu bebê — falo, tentando parecer casual.

Ele balança a cabeça.

— Não.

— Por que não?

Ele olha para a porta do quarto do filho.

— Ela não é quem eu pensei que fosse. — Minha expressão deve ser de quem não está entendendo, porque ele continua falando. — Ela o abandonou. A mulher que amei nunca teria feito isso.

— Talvez ela tivesse um motivo.

— Ela não me escolheu. Isso é tudo o que sei. — Um músculo tensiona em sua mandíbula. Ele respira fundo e relaxa um pouco. — Quando eu resolver a minha vida, vou te convidar para um encontro de verdade.

Meu coração acelera.

— Isso vai envolver dois canudinhos em um refrigerante? Ou você vai me deixar usar o seu anel de formatura?

Ele sorri.

— Você vai ter que esperar para ver.

Ele se inclina e beija minha bochecha, seu calor paira delicadamente sobre a minha pele como a mais doce das respirações. Em seguida, ele acena e volta para o filho. Me apoio contra a parede, porque, de repente, meus joelhos estão fracos.

Não gosto nem um pouco desse sentimento.

Volto para o quarto e encontro as minhas duas irmãs de braços cruzados, me olhando. Paro.

— O quê? Fiz algo errado?

— O que há com você e a Finny? — Wren pergunta. Ela ainda está franzindo o cenho.

— Nada. Por quê? — Atravesso o quarto e finjo estar ocupado olhando para o meu filho.

— Finny não deixa que ninguém *a abrace* — Wren fala com veemência.

— Eu não estava *abraçando-a* — retruco. — Só estava de pé atrás dela. — Na verdade, estava sentindo seu cheiro como um grande pervertido, mas não vou dizer isso a elas.

— De pé, atrás dela, *abraçando-a* — Star esclarece. — Você deu algum tipo de droga para ela ou algo assim?

— Não! Não tenho que drogá-la para que ela goste de mim.

— A Fin não gosta de ninguém — Wren responde.

— Diga isso ao cara que ela levou para casa hoje. Ela estava gostando de sentir as mãos *dele* pelo seu corpo — resmungo.

— Não — Star fala devagar. — Ela ia transar com ele.

Olho para cima.

— Qual é a diferença?

Wren ri.

— Ah, você está com grandes problemas.

Star se junta a ela na risada.

— Você não faz ideia — ela fala.

Elas estão começando a me deixar nervoso.

— Me expliquem, por favor.

— A Finny cresceu de um jeito diferente de nós — Star começa.

— Todo mundo cresce de um jeito diferente. — Não consigo entender onde ela quer chegar com isso.

Wren ergue a mão.

— Não, você não entende. Ela cresceu de uma forma muito diferente. — Ela aponta para Star e depois para si mesma. — Tivemos pais que nos amaram até a morte. A Finny nunca teve isso. Não de verdade. Então, ela tem dificuldade em se aproximar das pessoas.

— Já conheci a mãe dela — falo em tom baixo.

— O *quê*? — Star segura a cadeira mais próxima, como se fosse cair. — Conheceu a mãe dela? — Ela começa a sorrir e olha para Wren. — Ele conheceu a mãe dela.

— Na verdade, foi um acidente — digo.

— O que aconteceu quando você a conheceu?

Bem, tive que contê-la para evitar que ela matasse a Fin e, em seguida, deixei que alguém aplicasse um remédio para que ela passasse. Mas não posso trair sua confiança. Eu minto.

— Foi só um encontro normal.

— E como ela estava quando você foi lá?

— Quem? — pergunto, tentando parecer estúpido para que elas deixem isso pra lá.

— A mãe da Finny. Como ela estava?

Descontrolada.

— Tipo, mãe.

— Hum-humm. — Star balança a cabeça. — Você está mentindo.

— Não estou.

— Está, sim.

— Não estou! — digo um pouco mais alto.

— Que seja — Star fala. Ela vai até o berço. — Posso segurá-lo?

— Se isso for te fazer parar de me pressionar, sim.

Tomando cuidado com o soro, ela pega Benji e se senta em uma cadeira de balanço com ele. Ela o segura bem perto. Star olha para ele por alguns minutos em um silêncio bom. Em seguida, ela olha para cima.

— Estou muito feliz por você estar aqui — ela me diz.

Concordo.

— Eu também.

— Vamos fazer uma turnê em duas semanas — ela fala. — Serão só seis shows em cidades pequenas.

— Certo...

— Queremos que você vá com a gente. Precisamos de ajuda com a montagem e desmontagem dos equipamentos.

— Certo — digo novamente.

— Você vai ganhar para isso.

— Não preciso que me paguem. Vocês já estão nos deixando ficar no apartamento.

— E Paul Reed disse que precisa de ajuda no prédio. Algum tipo de trabalho de manutenção. Está interessado?

— Claro que estou interessado. Mas o que eu faço com o Benji?

— Quando estivermos em turnê, Marta pode tomar conta dele. Ela vem conosco às vezes. Ela também vai cuidar do bebê da Peck, mais um não vai atrapalhar.

Qualquer um que diga que um bebê a mais não vai atrapalhar nunca teve filhos.

— Tem certeza?

Ela assente com a cabeça.

— Já conversei com ela sobre isso. E quando você estiver trabalhando para os Reed, vamos nos revezar para cuidar dele.

— Sério? — O aperto no meu coração alivia um pouco.

Star sorri para mim.

— Sério. — Ela olha para o meu filho e depois se volta para mim. — Família serve para isso. Para nos segurar quando caímos.

— Ou quando somos derrubados — Wren fala. Ela me encara com firmeza.

— Obrigado — digo em voz baixa. — Vou resolver minha vida e te pagar. Prometo.

Star balança a cabeça como se eu fosse uma criança teimosa.

— Sabemos onde você mora, Tag.

Um sorriso surge nos cantos dos meus lábios.

— E aí, vai chamar a Finny para um encontro? — Wren pergunta.

— Você acha que ela diria que sim? — Espero, com um suspiro.

Star balança a cabeça.

— De jeito nenhum.

Meu coração se aperta.

— Ela vai dizer que não. Que não tem encontros. Vai mandar você se foder. E pode até tentar

chutar suas bolas.

Cubro minhas partes baixas e fico pensando nisso.

— Talvez eu não deva convidá-la...

Star sorri.

— Você não vai conseguir evitar. Ela é magnética.

A voz de Wren soa tranquila quando diz:

— Ninguém mais do que ela merece um final feliz.

— Obrigado pelo conselho — falo. Minha cabeça já está zumbindo pensando em várias formas para fazer com que a Fin goste de mim. E com todas as maneiras em que eu poderia estragar tudo para que ela chute meu saco.

A última parte é muito mais provável.

FINNY

Tag e o filho estão aqui há duas semanas. Duas semanas com um bebê chorando a noite toda, com o lixo transbordando e a geladeira cheia de mamadeiras. Duas semanas de fofura excessiva.

Tudo bem, eu admito. O garoto é fofo. E Tag também é muito fofo. Ele é bom, gentil e é um pai atencioso. Pelo menos está tentando ser.

Abraço o travesseiro com mais força e dou um soquinho nele. O garoto está chorando há alguns minutos, e Tag não o pegou.

Me levanto e vou até a cozinha. O som fica mais alto.

Vou até o quarto dele e abro a porta.

— Pode parar essa coisa?

Congelo quando vejo que a luminária da cabeceira está ligada, mas Tag não está no quarto. Onde ele está? Então, ouço o chuveiro ligado. Ele trabalhou até tarde para os Reed. Eu o ouvi entrar e dizer boa noite a Wren. Ele deve ter ido direto para o banho depois.

Vou até o berço e olho para baixo. O rosto de Benji está vermelho, e ele está remexendo os braços e os pés. Coloco a mão na barriga dele, que se remexe com mais força, mas não para de chorar. Eu o pego no colo e o abraço com força. Wren diz que os bebês gostam de ser abraçados. Este não, porque ele grita cada vez mais alto.

Vou até a cozinha e pego uma das mamadeiras da geladeira. Esquento-a com muita rapidez. Ele a segura quando a coloco em sua boca e, finalmente, se acalma. Certo. Isso é bem legal. Posso dar a mamadeira e depois colocá-lo de volta no berço.

A casa está completamente silenciosa, exceto pelos sons dele mamando e o barulho do chuveiro. Pouco depois, ouço a porta abrir, e Tag entra na sala. Ele para e tenho que me lembrar de respirar.

Ele está enrolado em uma toalha. E só. E está segurando a ponta da toalha. Suas pernas compridas estão nuas, mostrando a tatuagem na perna, e seu peito está completamente exposto. A água pinga dos cabelos molhados para o peito, e eu sinto uma vontade louca de lambê-lo.

Puta merda. Isso é ruim. Olho para Benji e o observo enquanto ele devora a mamadeira com avidez.

— Ele estava chorando — explico.

— Ele te acordou? — ele esfrega a toalha sobressalente no cabelo.

Balanço a cabeça.

— Eu estava acordada.

— Não sabia que você estava aqui — ele responde.

— Tudo bem. — Finalmente olho para ele e deixo meus olhos vagarem por seu tórax.

Seu rosto fica corado, e ele se vira em direção ao quarto.

— Acho melhor vestir uma roupa — ele fala, com a voz rouca.

— Não é má ideia — eu sussurro.

Ele fecha a porta do quarto e volta um minuto depois. Está usando camiseta e calça de pijama. Seus pés estão descalços.

— Quer que eu o pegue? — ele pergunta e se inclina, como se fosse tirar o Benji dos meus braços. Eu o impeço, virando ligeiramente.

— Ele está quase dormindo. — Olho para seu rostinho perfeito. Sua boca está aberta ao

redor da mamadeira, e eu a balanço entre seus lábios para que ele volte a sugar. Ele a agarra de novo e começa a mamar.

— Você é muito boa nisso — ele fala em tom baixo.

— A necessidade é a mãe da intenção — falo.

Ele sorri.

— Não é da invenção?

— Eu sei. — Sorrio para ele. — É algo que o meu pai costumava fazer comigo. Ele dizia as citações e provérbios errados. E todas nós passamos a fazer o mesmo.

— Seu pai verdadeiro?

Balanço a cabeça.

— Emilio.

Tag olha para mim de forma interrogativa.

Dou de ombros.

— Ele é o único pai que já tive.

Tag balança a cabeça.

— Vou visitar a minha mãe amanhã — falo baixo.

Ele esfrega as mãos rapidamente.

— Ah, um encontro! Que horas?

— Assim que me levantar.

A mamadeira cai da boca de Benji, e eu a coloco ao lado. Ele está dormindo.

— Ele deveria arrotar ou algo assim? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Às vezes ele arrota. Às vezes, não. — Ele o pega no colo, e eu ajeito Benji. Passo a mão em seus cabelos e sinto um súbito e esmagador desejo de me inclinar e beijar sua bochecha gordinha. E é o que eu faço.

Me inclino e passo a mão no cabelo macio do bebê, sentindo o seu cheiro, com os olhos fechados. Dou um beijinho em sua testa.

Quando olho para cima, vejo Tag me encarando. De repente, ele segura a minha camisa e me puxa para si. Seus lábios se aproximam dos meus.

— Me mande não te beijar — ele sussurra, seus olhos encarando o meu rosto.

— Não me beije — digo.

Seus lábios pousam nos meus com intensidade. Não há nada suave ou doce naquele beijo. É forte, quente e eu o correspondo. Ele suga meu lábio inferior, e eu mordisco o dele. Eu o beijo até que uma parte da paixão se desvaneça e fico com calor e desejo.

— Eu não deveria ter feito isso — Tag fala, seu rosto perto do meu.

Eu concordo.

— Péssima ideia. — Engulo tão alto que posso ouvir.

Ele ergue meu queixo, então tenho que olhar para ele. Meus olhos se recusam a encará-lo, e eu desvio o olhar.

— Foi um inferno estar com você durante duas semanas e não poder te tocar — ele me diz.

Finalmente, olho para ele.

— O que está te impedindo de me tocar?

— Quero esperar. Até que esteja certo.

Ele se inclina e pressiona os lábios na minha testa, permanecendo lá como eu fiz com Benji. Sinto o ar quente do seu nariz enquanto ele me cheira, como fiz com seu filho. Só não é carinho ou

gentileza o que sinto dele. É calor.

— Acho melhor ir para a cama — digo.

— Verdade.

— Boa noite — sussurro.

— Boa noite — ele responde.

Em vez de ir para o meu quarto, vou para o da Lark. Abro a porta e entro. Ela está deitada na cama, ouvindo música com os fones de ouvido. Deito ao seu lado e finalmente solto o ar que estava prendendo.

Ela puxa os fones de ouvido e me olha.

— Estava bebendo?

— Não. — Mas sinto como se estivesse.

Ela ergue a mão até a minha testa.

— Sem febre — fala.

— Não. — Olho para ela e abro um sorriso.

— Ah, meu Deus! — ela exclama enquanto se senta. — Conheceu alguém?

Tenho conhecido tantos "alguéns" que não consigo dar conta de todos.

— Mais ou menos. — Estremeço.

Seus olhos semicerram.

— O que você quer dizer com mais ou menos?

— Tag meio que me beijou — falo. A confissão sai com naturalidade.

— O quê! — ela grita. Cubro sua boca com a mão.

— Shh! — repreendo. — Ele vai te ouvir.

Ela sorri e começa a sussurrar.

— E aí, como foi?

— Perfeito — falo. Meu coração faz uma dancinha no peito.

— Ah, Finny... — De repente, ela parece chateada.

— O quê?

— Estava imaginando quanto tempo demoraria.

Meu coração acelera de novo.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu o vi saindo do seu quarto naquela noite, Finny — ela fala em tom baixo.

— Ah. — Esqueci disso.

— E não vi você trazer mais ninguém para casa desde então.

— Sim — suspiro. É melhor eu cuidar disso.

— Você gosta dele.

— Não... — Não pronuncio a palavra.

— Gosta, sim.

Enterro o rosto nas mãos e gemo.

— Não sei. — Finalmente eu a olho. — Me diga o que devo fazer.

Ela se deita ao meu lado, e nós duas olhamos para o teto. Lark segura a minha mão e não diz mais nada. A textura suave das luvas que ela sempre usa desliza na minha pele.

Sua respiração é suave e uniforme e percebo que ela está dormindo. Saio da cama e estico os ombros. Vou dizer a Tag que não posso fazer isso. Não posso ser esse tipo de garota.

Vou até o quarto dele e levanto a mão para bater.

— Não faça isso — diz uma voz pelo vão da porta.

Eu congelo.

— Não faça o quê?

— Não bata na minha porta.

— Por que não?

— É uma má ideia.

— Tá. — Me viro para voltar para o meu quarto.

A porta se abre, e ele coloca a cabeça para fora.

— Estava esperando que você batesse na minha porta para me dar um tapa por causa do beijo.

— Não vou te dar um tapa.

— Eu sei. — Ele encosta a testa contra a porta do quarto. — É isso que me assusta.

Balanço a cabeça, embora eu não entenda nada. Nem um pouco.

— Tudo bem.

Vou para o meu quarto e ele volta para o seu. Olho para a porta fechada por um momento.

Que merda foi essa?

FINNY

A música pulsa nas minhas veias como o batimento cardíaco. É acelerado e intenso, e estou tão animada que me viro e tudo que faço é dançar.

Meu segurança está de pé, no bar, fingindo beber uísque e Coca-Cola, mas sei que é só refrigerante diet. Nem sempre preciso de guarda-costas, mas quando vou para lugares com muita gente e estou sozinha, é melhor ter alguém para ajudar se as coisas ficarem ruins. O olhar de Jason percorre o ambiente, e ele franze o cenho quando vê o cara com quem estou dançando um pouco mais perto. Ele começa a se levantar, mas eu balanço a cabeça. Ele semicerra os olhos para mim com uma pergunta silenciosa.

Não, eu não preciso que você o afaste de mim. Não é ele que eu quero. O cara que eu quero cheira a baba e talco.

— Quer ir para a minha casa? — o cara pergunta com a boca próxima ao meu ouvido.

Balanço a cabeça.

— Só quero dançar!

Antes de Tag, eu teria dito sim para ele. Eu iria e não pensaria duas vezes a respeito. Poderia gozar duas vezes. Talvez mais, se ele fosse bom, mas nem teria que pensar sobre isso. Sim, ainda posso atingir o orgasmo. Mas algo me diz que eu me sentiria vazia por dentro quando fosse para casa. Sentiria o cheiro e teria a sensação do sexo, em seguida, abraçaria meu travesseiro e adormeceria.

A banda para de tocar e todos aplaudem.

— Vamos fazer uma pausa de cinco minutos — alguém avisa ao microfone.

— Obrigada pela dança — digo por cima do ombro. O cara aperta o peito como se eu o tivesse atingido, mas me afasto. Sigo na direção do bar para pegar algo gelado para beber.

Jason, meu guarda-costas, finge que não me conhece, então eu me inclino para o lado dele.

— E aí, você vai me foder ou o quê? — Sorrio e pisco para ele.

Ele abre um sorriso de lado.

— Não acho que a minha esposa ia gostar, Fin, mas obrigado por pensar em mim. — Ele revira os olhos e estala a língua para mim. Jason está com quase cinquenta e está casado e feliz há quase vinte e cinco anos. Ele murmura algo como "chave de cadeia" quando uma mulher jovem e seminua passa por nós.

— Como está a Norma? — pergunto.

— Chateada comigo. Aparentemente, eu deveria ler mentes ou alguma merda desse tipo.

Toco o ombro dele com o meu.

— O que você deixou de fazer?

Ele finge estar ofendido.

— O que te faz pensar que a culpa é minha?

Olho para baixo.

— Porque você tem testículos, cara.

Ele junta os joelhos.

— Pare de falar sobre as minhas partes masculinas.

— Não disse que queria lambê-las nem nada, Jason — falo com um sorriso.

Ele olha para mim.

— Você beija a sua mãe com essa boca?

Eu congelo. Ele percebe seu erro imediatamente, porque me segura quando me afasto.

— Me desculpe, Finny. Não quis falar dela. — Ele me leva de volta para as banquetas. — Estava falando da Marta.

— Sim, beijo a minha mãe com essa boca — retruco e balanço o dedo para o salão. — E também beijo outras pessoas. Tem gente que gosta dos meus avanços. — Olho para ele. Gosto de implicar com Jason, mas, verdade seja dita, ele é como um tio velho e legal. Ele esteve por perto tempo o suficiente para parecer ser parte da família.

— Quando você vai sossegar, Finny?

— Nunca — respondo e bebo o último gole da água.

Alguém toca o microfone do palco e depois limpa a garganta. Olho para lá.

— Acabei de ouvir um rumor de que alguém famoso está aqui — o dono do clube fala. Ele coloca a mãos sobre os olhos e começa a procurar.

Ah, merda. Jason segura meu braço e se prepara para me puxar para a saída dos fundos.

— Espere — falo e levanto um dedo. Ele não me solta.

— Você vai matar nós dois — ele murmura. — E a Norma vai cortar minhas bolas se eu deixar você se machucar. — Mas ele fica quieto e me deixa ver o que eles querem.

— Um dos membros da Fallen from Zero está aqui. A principal guitarrista. Finch Vasquez — ele fala, procurando na multidão. Então ele junta as mãos, como se estivesse rezando. — Finny, da última vez que esteve aqui, você nos agradou com uma música. — Ele ergue um violão. — Será que nos daria a honra?

— O que acha? — murmuro para Jason.

— Que você não tem como escapar — ele murmura de volta. Então caminha ao meu lado, me acompanhando como se eu fosse a pessoa mais importante do planeta. Alguém se estica para tocar na minha blusa, mas ele afasta o braço da pessoa.

Vou até o palco e pego o violão. Afasto o microfone.

— Só uma música — digo a ele.

O dono do clube sorri e assente.

— Só uma. — Ele se inclina e beija minha bochecha.

— Tenho uma condição — falo no microfone. Me inclino e tiro o chapéu da cabeça de um cara na multidão. — Se vocês querem que eu toque, têm que encher o chapéu. Vou doar o dinheiro ao abrigo dos sem-teto no caminho de casa. Combinado?

Espero para ouvir suas respostas entusiasmadas. O chapéu começa a se mover pelo salão, e as pessoas colocam dinheiro nele. Vejo Jason esvaziá-lo e colocar tudo no bolso. Em seguida, começa a se movimentar de novo.

Me acomodo na beirada de um banquinho e equilibro o violão no colo.

— Não posso acreditar que a Finny Vasquez está tocando na porra do meu violão! — O dono do instrumento fala.

Sorrio e começo a tocar. Tenho uma música que acabei de escrever, então eu poderia muito bem experimentá-la, certo? De repente, deslizo as mãos sobre as cordas e paro.

— A Peck, minha irmã, teve um bebê há dois meses — falo no microfone. — Esta é para ela.

Recomeço a tocar.

Às vezes, quando minha irmã está com seu bebê, fico observando os dois. Seus olhos se enchem de tanto amor e alegria que chega a doer. Nunca tive isso. Nem por um momento. Só soube o significado de amor incondicional quando conheci Marta.

No primeiro instante,
Me perguntei como você poderia ser tão perfeito.
No segundo instante,
Me perguntei como você poderia ser tão pequeno.
No terceiro instante,
Me perguntei como você poderia ser tão frágil.
No quarto instante,
Me perguntei como você poderia ser tão careca.
No quinto instante,
Vi você respirar.
No sexto instante,
Te vi chorar.
No sétimo instante,
Vi você se esticar.
No oitavo instante,
Vi você amar.

Você nasceu sabendo
Que era amado.
Você nasceu sabendo
Que era adorado.
Você nasceu sabendo
Que seria cuidado.
E naquele momento,
Seus sonhos se tornaram realidade,
Porque ela era amada por você.

Repito o começo e o refrão algumas vezes, e quando termino, me sinto um pouco perturbada, porque não nasci sabendo que eu era amada. Na verdade, era exatamente o contrário. Nasci sabendo que eu era odiada.

Você nasceu sabendo
Que era amado.
Você nasceu sabendo
Que você era adorado.
Você nasceu sabendo
Que seria cuidado.
E naquele momento,
Seus sonhos se tornaram realidade,
Porque... ela... era amada por... você.

Me calo e espero. A plateia pisca e começam a bater palmas. Algumas mulheres na frente enxugam os olhos e outra pessoa faz um pedido de casamento.

Pego uma caneta do bolso e a seguro sobre o violão, perguntando silenciosamente ao dono se ele gostaria que eu o autografasse. Ele balança o punho e grita:

— Porra, sim! —Então assino com um floreio. Coloco a caneta de volta no bolso da calça jeans e entrego o seu violão.

Ele tenta me abraçar, mas Jason fica entre nós. O cara ergue as mãos como se estivesse se rendendo.

Jason me tira do palco e voltamos para o bar, mas não posso mais ficar aqui, agora que todos sabem quem eu sou. Estou ciente disso, e Jason também.

— Precisamos sair daqui — ele fala.

E é aí que as coisas ficam ridiculamente ruins.

Apoio o pé na parede e cruzo os braços. Deus, ela é linda. A música sai da sua boca e da ponta dos seus dedos, e é como se ela estivesse tocando da sua alma direto para a minha.

Ela canta sobre bebês. Que eles devem ser motivo de risos, luz e bondade, mas o que eu acho que a maioria das pessoas não percebe é que ela está cantando sobre perda. Ela está cantando sobre sua própria vida e todas as coisas que perdeu.

Meu estômago se aperta ao olhar para o rosto dela.

Deixei meu filho em casa com a Wren. Ele só tem alguns dias, mas ela queria ficar com ele no colo, e me pediu para ver se eu encontrava a Fin no bar. Honestamente, senti cheiro de armação, mas eu daria tudo para cair nessa armadilha.

Finny autografa a guitarra com um floreio, e espero que ela saia do palco.

Vejo a multidão cercá-la e vejo Jason tentar ficar entre eles. Mas ele está sozinho.

Acho que isso acontece quando se é uma estrela do rock famosa, , mas nunca imaginei que acontecesse tão rápido. Atravesso a multidão, Jason me vê e grita:

— Proteja o outro lado!

Concordo com a cabeça e empurro as pessoas. Finny xinga enquanto alguém agarra a manga da sua blusa e a rasga. Vejo um pedaço do seu sutiã rosa quando as costuras se soltam, e a minha visão fica nebulosa de raiva.

Puxo o cara que tentou tirar a roupa dela e dou um soco em sua garganta. Ele cai como uma pedra, em seguida eu passo sobre ele e vou para cima de outro. Levo um soco no queixo que faz meus dentes se juntarem, e então, vejo que é uma mulher. Não posso bater em uma mulher.

O dono do clube e seus seguranças estão tentando ajudar também, e tentam afastar a multidão. Fin cai no chão e percebo que estou deitado sobre ela.

— Humm — ela murmura. — Tag...

— O quê? — Mal consigo respirar, muito menos falar.

— Você está meio que me esmagando.

Me apoio nos cotovelos e olho para seu rosto.

— Desculpa.

Então percebo como estamos deitados. Suas pernas estão abertas, e eu estou encaixado entre elas.

— Merda — resmungo. — Desculpe. — Tento sair de cima dela.

Fin ri e me puxa de volta.

— Eu meio que gostei — ela diz com uma risada.

Meu rosto esquenta enquanto meu pau fica duro. Droga. Não era para que isso acontecesse.

— Bem, você *gosta* de mim — ela diz perto da minha orelha e ri. — Até agora, achei que você estava imune a mim.

Nunca serei imune a essa mulher.

— Para com isso.

Ela ri.

— Não sou eu quem está pressionando o pau nas minhas partes macias, Tag — ela fala.

Desta vez, me esforço para me levantar. Seus olhos permanecem no meu pau.

— Impressionante — ela murmura. Estendo a mão, e ela aceita. Eu a puxo para ficar ao meu

lado. Fin é tão pequena que quase não alcança meu ombro.

Tento ajeitar sua blusa, mas está rasgada até o decote. Dá para ver o sutiã. Tiro a camisa e visto nela.

— Obrigada — ela fala, levando a gola até o nariz e respira fundo. — Seu cheiro é muito bom. — De repente, ela olha ao redor. — Onde está o Jason?

Ela o procura de forma frenética até encontrá-lo caído no chão, e corre até ele.

— O que aconteceu? — ela questiona.

— Acho que o filho da puta quebrou meu pulso — ele fala enquanto segura o braço contra o peito. Ele geme e ela o abraça.

— Sinto muito — eu a ouço dizer.

— Não é culpa sua que ele seja um idiota. — Ele ergue a cabeça e a apoia contra a parede. — Acho que preciso ir para o hospital.

Ela concorda com a cabeça e o ajuda a se levantar.

— Devo chamar a Norma?

Jason assente.

— Se não chamarmos, ela vai me matar. Vou dormir no sofá por um mês.

Fin pega o celular dele no bolso e resmunga, brincando por ter que chegar perto do seu pênis. Ele retruca de brincadeira e bagunça o cabelo dela com a mão boa.

No momento em que saímos de dentro do clube, Norma está carona calçada, nos esperando dentro do carro.

— Eu posso dirigir — Jason fala.

— Entra na merda do carro, Jason — Norma diz enquanto segura a porta aberta. Ela beija a Fin bem rápido e me olha como se estivesse se perguntando quem eu sou e por que não estou de camisa. Ela balança um polegar para mim. — Ele é gostoso, Finny — fala. — Pegou bem.

Vejo Fin murmurar:

— *Eu sei, viu?*

— Pode levá-la para casa? — Jason me pergunta.

— Claro — eu me apresso em dizer. Ele parece terrível, então tento acalmá-lo. — Estamos a poucas quadras de casa.

— Não deixe que nada aconteça com ela.

— Pode deixar. — Procuro tranquiliza-lo, mas sei que ele ainda está preocupado. Acho que ele se importa de verdade com ela.

— Posso ir com você? — ela pede. — Por favor? — Fin está falando com Jason, não comigo.

— Vá para casa, Finny. Não posso te proteger esta noite.

— Te ligo mais tarde, docinho — Norma diz. — Prometo.

— Promete?

— Te juro com a minha vida — Jason fala.

— Bem, não morra — Fin fala. — Eu me sentiria mal. E levaria alguns minutos para encontrar um homem melhor para a Norma.

A esposa do homem ri e entra no carro. Vejo as luzes traseiras sumirem ao longe.

— Obrigada por me ajudar — ela fala em tom baixo.

O ar da minha respiração condensa com o ar frio.

— Por nada.

— O que você estava fazendo lá?

— Ah, merda. — Bato a palma da mão contra a testa. — Vim te buscar. As garotas estão te

ligando há horas, mas você não estava atendendo.

Ela tira o telefone do bolso e vê as mensagens de texto.

— Me esqueci totalmente que vamos sair em turnê amanhã — ela fala com um gemido.

Assinto. Não esqueci. Wren disse que vai ser uma turnê curta, mas todos nós vamos.

Ela começa a andar rapidamente em direção ao apartamento, com os saltos altos batendo no concreto. Enfia as mãos nos bolsos, e sigo com ela.

— Finny — chamo, depois que entramos no elevador do prédio.

— O quê? — Ela desvia o olhar de mim.

— Achei que íamos visitar a sua mãe esta manhã, mas quando acordei, você não estava. Mudou de ideia?

Ela balança a cabeça.

— Não. Eu fui.

— Sozinha?

Ela assente.

— Você deveria me levar junto — eu a lembro.

Ela respira profundamente e solta o ar.

— Ela é louca, Tag. Totalmente insana. Fica trancafiada para que não possa matar as pessoas. Não gosto de levar ninguém para ver isso.

Sua atitude é novidade para mim. Já conheci sua mãe. Sei com o que ela tem lidado.

— Ela estava bem hoje?

Fin balança a cabeça.

— Não. Estava igual. — Sua voz é baixa e mal consigo ouvi-la. Ela apoia a cabeça contra a parede do elevador e fecha os olhos.

De repente, ela os abre de novo e olha meu peito.

— Tag, posso te dizer uma coisa?

Cruzo os braços, porque ela está avaliando meu peito como se quisesse me comer no jantar.

— Tá.

— Você é muito gostoso — ela fala e umedece os lábios cheios, me deixando duro de novo.

Então, o elevador apita, as portas se abrem, e ela sai. Levo um segundo para tentar recuperar o juízo, que está espalhado no chão como moedas que caem do bolso. Ela se vira e segura a porta.

— Traga seu belo corpo para dentro — ela fala e sorri para mim.

Me pergunto como ela é quando não está escondendo a sua dor por trás do sexo. Imagino que não vou ter chance de descobrir

FINNY

Quando não sei o que fazer ou como me comportar, eu paquero. É como eu sempre lidei com as coisas. E ver o rosto de Tag ficar vermelho está funcionando. Ele está pensando mais em me beijar do que na minha mãe maluca.

Entro na sala de estar e paro. As minhas quatro irmãs estão aqui.

Peck está sentada com o bebê no joelho e o marido, Sam, está ao lado dela no sofá.

Star está sentada no colo do marido.

Wren e Lark estão dividindo uma poltrona, e Emilio e Marta estão de pé, junto ao balcão da cozinha.

— Onde é que você estava? — Emilio questiona.

Olho para todos eles.

— Dançando — digo devagar. — Por quê? O que aconteceu? — Pego uma garrafa de água da geladeira.

— Por que não atendeu nossas ligações, *mija*? — Marta pergunta.

Dou de ombros.

— Não consegui ouvir o telefone com a música alta.

De repente, Emilio percebe que Tag não está usando a camisa.

— O que aconteceu?

— Nada — falo e me sento no braço do sofá. Tag vai até o quarto, pega uma camisa e volta para sala vestindo-a. À medida que seu tanquinho desaparece, vejo um machucado vermelho sumindo em baixo do tecido. Ele estava machucado? Vou descobrir quando o interrogatório acabar. — Onde está o garoto?

Wren balança o polegar para o quarto de Tag.

— Está dormindo.

Aprendi que Benji dorme um pouco, de tempos em tempos.

— O nome dele é Benji — Tag me lembra.

— Benjamin Taggert III — minhas irmãs dizem em uníssono. As duas riem quando Tag franze o cenho para elas.

— Por que você está usando a camisa dele? — Emilio me pergunta de novo. Ele não vai aceitar ficar sem resposta.

— Um fã estragou a dela — Tag resmunga.

Murmuro "traidor" para ele.

— Não foi nada...

— O Jason está a caminho do hospital — Tag fala. Se ele estivesse dois passos mais perto de mim, eu chutaria suas bolas. — Ele se machucou. A esposa foi buscá-lo.

— Você está bem? — Star pergunta a Tag.

Ele assente.

— Estou. — Pelo que parece, ela não viu o corte na barriga dele. Aquele que desaparece nos pelos esparsos que seguem para as impressionantes regiões baixas.

Emilio vira as costas para mim e começa a falar pelo telefone. Provavelmente está ouvindo toda a história de Jason agora, porque não acredita na minha versão. Mas foi. Isso é normal quando se está em uma banda de rock famosa. Estamos acostumados a isso. Às vezes, os fãs ficam muito ansiosos. Acontece.

Emilio sai do telefone e vai até o Tag. Ele estica a mão para apertar a dele. Tag olha para ele por um instante e, finalmente, aperta. Mas parece assustado.

— Obrigado por trazê-la para casa — Emilio fala.

— Tudo bem — Tag murmura.

— E aí, por que essa reunião familiar? — pergunto. Pego um saco de batatas fritas da Lark e coloco uma mão cheia da comida gordurosa na camisa.

Ela puxa o saco de mim.

— Devolva as minhas batatas — ela resmunga, brincando.

Pego uma lambo-a inteira e depois ofereço a ela.

— Quer de volta?

Ela finge vomitar e depois tenta me ignorar.

— E aí, para que a reunião? — questiono de novo.

Emilio e Marta fazem contato visual por tempo demais.

— É a sua mãe — ele fala.

Olho de um para o outro.

— O que tem ela?

— Está pior, Finny — ele responde. Sua voz soa tão gentil que está realmente me irritando.

Eu bufo.

— Isso não é novidade.

— Não — Emilio esclarece. — Ela machucou seriamente uma pessoa hoje à tarde. Outro residente. Querem transferi-la para um quarto que tenha mais segurança.

Coloco outra batata na boca.

— E?

Marta solta um suspiro.

— Bem, *mija*, eles precisam da sua permissão para isso.

Minha mãe está em um centro de cuidados desde que eu era pequena. Ela tem que ser mantida em um lugar onde podem regular seus medicamentos. Normalmente, ela fica bem. Parece que agora ela tem mais com que se preocupar além da sua doença mental.

— Você vai precisar tomar decisões sobre os cuidados dela — ele continua explicando.

Dou de ombros.

— Por que eu?

Marta para ao meu lado e passa a mão pelo meu cabelo.

— Você é a única família dela.

— Bem, quem de vocês vai lá? — Sorrio para eles. Não tenho vontade de ver a minha mãe de novo. Hoje, ela estava frenética quando a vi pelo vidro da porta do quarto. Ela andava de um lado para o outro, torcendo as mãos e murmurando consigo mesma.

— Isso é algo que você precisa fazer —Marta fala com suavidade.

— Contrate alguém para avaliar a minha mãe — falo, dando de ombros. — Não é grande coisa.

— Não podemos fazer isso por você — Emilio fala. — Eles também querem fazer algum tipo de terapia com a sua mãe e gostariam que você estivesse presente.

— Não. — Com certeza, não.

— Finny...

— Não — eu digo novamente. — Não vou. Além disso, nenhum de vocês pode ir comigo, porque a turnê está marcada. E o Jason está no hospital. — Dou de ombros. Parece tão simples

para mim. Levanto o dedo no ar. — Por falar nisso, com o meu guarda-costas machucado, quem vai viajar comigo quando estivermos em turnê?

Emilio e Marta olham um para o outro, perplexos.

— Posso ir e ajudar — diz uma voz masculina do outro lado da sala. Olho para cima e vejo o Tag encostado na parede, o ombro prendendo a porta.

— Você faria isso? — Star pergunta.

Ele concorda com a cabeça.

— Eu ia de qualquer jeito para ajudar a produção. — Ele ri de forma leve.

— E o Benji? — Wren pergunta.

Ele dá de ombros.

— O que tem ele? Nós o levaremos conosco. — Ele aponta para Marta. — A Marta disse que poderia cuidar dele enquanto eu estivesse trabalhando. Agora ela não vai precisar. Ele pode ficar comigo.

— Não — digo rapidamente, e Tag vira a cabeça para me encarar. Ele está confuso, mas não posso ficar com ele me seguindo por todos os lados em seis shows.

— Eu posso cuidar de você — ele fala.

A sala fica quieta. Era possível ouvir a queda de um grampo, se isso acontecesse.

— Não preciso de ninguém para cuidar de mim — eu me apresso em dizer.

— Então está resolvido. — Emilio se levanta e une as mãos.

— Não está resolvido! — retruco.

Mas todo mundo está se levantando. Isso não está resolvido.

— Por que você não está me ouvindo? — eu praticamente grito.

— Você vai fazer a turnê e precisa ter alguém para protegê-la — Emilio fala com firmeza. — O Tag vai com você. A Marta vai ajudar a cuidar do bebê. — Ele ergue as mãos para me parar quando eu interrompo. — Está resolvido. Arrume a mala. Você viaja de manhã.

Ele está usando o *tom de voz de pai* de novo. Droga, odeio quando ele faz isso. Emilio sempre passava a mão em nossa cabeça, mas quando ele usava aquele *tom paternal*, sabíamos que era melhor obedecê-lo.

— Mas...

— Nada de mas! — ela fala alto. — Está resolvido, Finny. Vá arrumar a mala! — Ele aponta para o meu quarto.

Me levanto e penso em jogar a almofada que estou segurando na cabeça dele, mas nunca faria isso. Tenho muito respeito por Emilio.

Ele ri quando passo por ele.

— Não pense nisso.

Coloco meu dedo do meio onde ele não pode ver, só porque me sinto desafiadora.

— Eu vi isso! — ele fala atrás de mim.

Bato a porta do quarto e me inclino contra ela. Em seguida, começo a arrumar minhas coisas porque, aparentemente, vou para a turnê acompanhada do cara com quem passei uma noite, como meu guarda-costas. Quando voltarmos, vou ter que lidar com a minha mãe.

Merda de vida.

Finny bate a porta do quarto, e eu coço a cabeça. Peck e Star chamam os maridos e vão para casa, e Marta e Emilio vão para a cozinha por alguns minutos. Benji está se mexendo, então vou pegar uma mamadeira. Ele estava dormindo há um tempo, logo vai acordar com fome.

Emilio se apoia no balcão da cozinha e olha para mim. Olho para trás, porque não consigo pensar em nenhuma razão que o fizesse me encarar como se me odiasse. Dou uma tossida.

— Está tudo bem? — pergunto a ele.

— A Finny é especial — ele fala.

Eu concordo.

— Tenho certeza de que ela é, sim.

— Não, quero dizer, realmente especial.

Concordo com a cabeça e coloco a mamadeira de Benji no microondas.

— Ela tem medo de compromisso — ele fala.

— E quem não tem? — murmuro.

A testa dele franze, mas não responde.

— Você vai cuidar dela durante a turnê, não é? — ele pergunta.

— Prometo fazer o meu melhor.

— Acredito em você. — Ele me aponta um dedo. — Mas se ferrar com tudo, e ela chegar em casa com um arranhão sequer, vou te matar com minhas próprias mãos. — Ele sorri, mas não há humor. — Entendeu?

Engulo o nó na garganta.

— Entendi.

Agito a mamadeira, esperando que Benji comece a resmungar.

— Há duas coisas que você deve saber sobre a Finny — ele fala.

— Certo...

— Um, se quiser conhece-la, você tem que ouvir o que ela não diz.

Eu concordo.

— E dois, nunca fique entre ela e uma cafeteira. Ela cortará suas bolas.

Isso já sei, mas me inclino instintivamente, e minhas bolas tensionam. Ele ri.

— Me ligue se precisar de alguma coisa — ele fala, bate no meu ombro e vai com Marta em direção a porta, depois de ter se despedido das filhas com um beijo.

— Boa noite, Melio — Wren fala para ele.

O homem acena e vai embora.

Ouço Benji no meu quarto, então pego a mamadeira e vou até ele. Olho para o berço e vejo que ele se livrou dos cobertores e sua pele está úmida e rosada. Eu o pego no colo e converso com ele enquanto troco a fralda. Em seguida, volto para a cadeira de balanço na sala de estar para me sentar com ele.

Lark vai para a cama e Finny ainda está no quarto, mas a Wren fica comigo.

— Então... — Wren fala.

— Então...

— Você acha que pode cuidar da Finny enquanto estamos em turnê? — Ela morde o lábio inferior.

— Vou fazer o meu melhor.

— Tente não se apaixonar por ela, tá?

Levanto a cabeça.

— Não vou.

— Ah, vai. Mas tente, ok?

— Posso te garantir que não estou pronto para um novo relacionamento, Wren.

Ela solta um suspiro.

— Nem a Fin. Mas, sério, Tag, não se apaixone por ela. Você vai se machucar.

Olho para minha irmã. Ela está totalmente séria.

— Pode deixar.

Ela assente, mas ainda parece preocupada.

— Não diga que não te avisei. — Ela se levanta, vai até o quarto e volta com um recibo de depósito bancário. — Coloquei mais dinheiro na sua conta — ela fala e coloca o papel na mesa.

— Não quero o seu dinheiro, Wren. Agora não. Estou fazendo uns bicos para os Reed e estou bem. De verdade. Só preciso organizar as coisas.

— Bem, não quero que o meu sobrinho passe necessidade enquanto você se firma. — Ela se inclina e beija Benji na bochecha. Em seguida, acaricia a minha cabeça. Ela me lembra muito a minha mãe, o que faz com que as lágrimas encham meus olhos.

— Você parece com ela, sabia? — pergunto, e uma lágrima escorre.

— Ela era linda — Wren fala, suavemente.

— Era, sim.

Ela vai para o quarto e fecha a porta.

Assim que ela se vai, a porta de Finny se abre e ela sai do quarto.

— Tire a camisa — ela resmunga.

— O quê? — Estou assustado com a forma brusca com que está falando.

— Você se machucou. Eu vi. — Ela aponta para o meu estômago, onde Benji está descansando. Sua boca está meio aberta ao redor da mamadeira, então eu a tiro e a coloco no sofá ao meu lado.

— Estou bem — falo. Mas me levanto mesmo assim.

— Deixa eu ver.

Não me mexo, então ela se inclina, levanta a bainha da camiseta e a puxa para clima, expondo minha barriga.

— Ah, não machucou muito — ela fala.

— Acho que é só um arranhão. — Abaixo a blusa.

Ela vai ao banheiro e volta com uma gaze e antisséptico.

— Me deixe limpar.

Seguro a mamadeira.

— Eu posso fazer isso.

Ela balança a cabeça.

— Eu faço. — Ela me pede para tirar a camisa, e eu obedeço, jogando-a no sofá ao nosso lado.

Ela coloca antisséptico na gaze e começa a limpar suavemente a área, mas queima pra caramba. Resmungo alto.

— Ah, para de bancar o bebê — ela retruca, se inclina, assopra o corte, e eu imagino que ela esteja tentando aliviar a ardência. Mas a sensação suave da sua respiração na minha pele

provoca um outro tipo de dor. Meu pau começa a pressionar contra o zíper.

— Eu posso fazer isso — falo. Tento me virar, mas ela segura meu cinto e me mantém imóvel. Fecho os olhos e penso em cheeseburgueres. Verrugas. Gelo. Mas então, o gelo se transforma em uma gota de água que derrete e desliza pela sua pele, na minha cabeça repleta de desejo. Ah, merda. — Posso fazer isso — digo de novo.

De repente, ela percebe a protuberância em minha calça.

— Oh — ela murmura, suas bochechas ficando rosadas. — Ops. — Ela ri e me entrega os suprimentos de primeiros socorros. — Não, hum, quero dizer, não queria provocar isso. — Ela estende a mão na direção do meu pau. — Quero dizer, não podemos fazer isso de novo.

— Com certeza devemos — falo com a voz rouca. — Bom, isso se você mudar sua regra de dormir com alguém duas vezes.

Ela balança a cabeça para mim e seu olhar, mais uma vez, se volta para o meu pau, que ainda está em estado de atenção.

— Tentador — ela fala e sorri. — Você pode precisar de ajuda.

Reviro os olhos.

— Posso lidar com isso, obrigado.

— Se você diz... — Ela se vira e vai para o quarto. No último momento, ela se vira de novo para mim. — A que horas você quer sair amanhã? Preciso falar com o médico da minha mãe antes de viajar, e acho que você vai comigo.

— Assim que você se levantar.

Ela assente com a cabeça.

— Acho que não podemos dizer 'assim que você se levantar', já que, bem... — Ela sorri para mim.

— Bonita e engraçada — eu murmuro.

Ela coloca uma mão no peito.

— Você me chamou de engraçada? — Ela pisca para mim.

— Entre outras coisas.

Ela dá de ombros.

— Gosto mais de engraçada. — Então, entra no quarto, fechando a porta suavemente.

— Sim, eu também — murmuro para ninguém.

Acho que estou com um problema. Um grande problema.

FINNY

Duas xícaras de café não são suficientes. Porém, Tag não parece se importar com meu mau humor. Ele anda ao meu lado pela calçada. Respiro fundo, porque, pela primeira vez, quero contar a alguém a respeito da minha mãe.

— A primeira vez que a minha mãe tentou me matar, estávamos em uma roda gigante na feira do condado. Agora eu sei que ela estava em crise. Mas não sabia disso na época. Só pensei que teríamos um dia divertido. Em alguns dias, ela ficava bem para baixo, mas, de vez em quando, ela tinha momentos bons. E quando ela estava bem, parecia voar. Ela tinha muita imaginação, queria sair em busca de aventuras, e nós ríamos e brincávamos.

Tag caminha ao meu lado e não diz nada. Só ouve.

— Mas eu tinha seis anos na primeira vez que ela tentou me matar.

Mergulho na lembrança como se fosse ontem.

— Não quero ir — sussurrei para ela, enquanto estávamos na fila da roda gigante.

Ela se agachou ao meu lado.

— O que você disse, docinho?

— Não quero ir — repeti, desta vez um pouco mais alto.

Ela se levantou, ainda segurando a minha mão.

— Ah, todo mundo precisa andar na roda gigante, querida. — Ela abriu os braços. — O mundo parece enorme lá em cima.

Puxei sua mão de novo.

— Não quero ir.

Mas ela já estava entregando nossos ingressos para o funcionário do parque. Ela puxou meu braço e me empurrou para a plataforma. Eu a segui, porque ela estava apertando a minha mão com tanta força que doía. Seu olhar parecia frenético, e eu sabia que o nosso dia tinha acabado. Ela estava ficando muito mal.

E ela ia me levar junto.

Nos sentamos, e o funcionário do parque baixou a barra na nossa frente, mas as minhas pernas eram tão pequenas que mal me segurou. A cadeirinha balançou quando a roda começou a girar, e eu segurei a barra com toda a força que pude. Minha mãe se inclinou e olhou para baixo.

— Olha, querida.

Fechei os olhos. Não queria olhar.

O assento balançou de novo à medida que mais pessoas entraram.

— Olhe — ela disse de novo. Dessa vez, ela gritou, e vi que as pessoas na cadeirinha acima de nós fizeram uma careta. Queria dizer a eles que eu estava bem, mas não estava. Eu nunca ficaria bem.

O balanço parou e começamos a nos mover em um círculo lento. Fechei os olhos.

— Abra os olhos — minha mãe falou.

O vento afastou suavemente o meu cabelo para trás e fiquei feliz por tê-la deixado colocar os belos prendedores cor-de-rosa neles antes de sairmos de casa naquela manhã.

— Eu mandei você abrir os olhos — ela grunhiu. Minha mãe segurou meu queixo entre o polegar e o indicador, e eu soltei um grito. — Tem medo de cair? — ela perguntou, estendeu os braços para o lado e fechou os olhos, com o rosto contrariando o que se passava na sua cabeça. Ela me confundia muito quando ficava assim. — Você tem medo de cair? — perguntou de novo, desta vez mais alto.

— Não — falei em tom baixo. Eu estava com muito mais medo de estar naquela cadeirinha com ela.

De repente, ela segurou a parte da frente do meu vestido e me tirou do banco, me puxando para o seu colo. A barra era tão solta que não proporcionava nenhuma resistência. Envolvi os braços em seu pescoço.

— Vou te ensinar uma lição de vida importante, querida — ela disse, sua voz perto do meu ouvido.

— Não! — Me esforcei para segurá-la, mas ela afastou meus braços do seu pescoço quando me virou de cabeça para baixo. Ela me segurou pelos pés na parte de trás da cadeirinha, e eu gritei, tentando encontrar algo para me segurar. — Mamãe! — gritei.

As pessoas abaixo de mim começaram a gritar, e a viagem parou completamente.

— Se apaixonar é assim, se sentir desestabilizada — ela gritou. — Se lembre de como é isso, baby, assim você nunca vai fazer nada tão estúpido.

— Me puxe para cima — implorei. Suas mãos vacilaram, escorregadias de suor, e eu deslizei um pouco. A roda parou, e o homem na cadeirinha abaixo de nós estendeu os braços, como se ele pudesse me pegar se ela me deixasse cair. — Por favor! Mamãe! Me puxe para cima!

Ela riu.

— Desestabilizada, baby. Se certifique de nunca fazer isso.

— Não vou! — gritei, com lágrimas nos olhos. Vi quando meus lindos prendedores cor de rosa caíram na grama muito abaixo de nós. — Prometo que nunca vou me desestabilizar.

Finalmente, ela me puxou para cima, e eu me agarrei ao assento, tentando ficar o mais longe possível dela. Minha mãe jogou a cabeça para trás e riu.

A roda voltou a funcionar e, finalmente, chegamos ao chão. Havia dois policiais esperando quando saímos, e um deles pegou a minha mão enquanto o outro colocava algemas nela.

Tive que ficar com a minha avó pelos três meses seguintes. Eu estava a salvo e feliz com ela. Ninguém tentava me matar quando eu estava com a minha avó.

Mas quando os medicamentos da minha mãe foram controlados, me mandaram de volta para ela. Isso aconteceu várias vezes, até que a minha avó morreu. E quando eu não tinha mais para onde ir, entrei oficialmente no sistema.

Esse foi o melhor dia da minha vida. O dia em que fui para o abrigo, porque não havia outro lugar para mim. Esse foi o dia em que a minha vida começou.

Mas uma coisa eu sei, com certeza. A minha mãe me ensinou uma lição naquele dia.

— Nunca se apaixone, querida. Nunca, nunca se apaixone. — Então eu não vou me apaixonar. De jeito nenhum. Não posso.

Nunca vou me arriscar. Jamais vou entrar nesse tipo de situação.

Eu me afasto do meu transe quando Tag coloca o braço ao meu redor e me puxa para um beco.

— Sessenta segundos — ele fala.

Ele me puxa contra seu corpo, e eu vou de bom grado. Ele me segura com firmeza e aproveito cada segundo. Não sei quando comecei a precisar desse homem, mas é o que está acontecendo.

Ele chega aos sessenta e me afasta, mas desta vez faz isso lentamente, quase como se não quisesse me soltar.

— A minha mãe é louca — eu digo a ele quando volto para a rua e caminhamos em direção ao centro de vida assistida. Ele deixou Benji com Wren, e estou feliz por isso. Eu teria medo que minha mãe o machucasse.

Ele acena com a cabeça.

— Parece que sim.

Nós entramos, e assino a papelada para que os administradores possam transferi-la para uma área que tem mais segurança.

— É só isso que você precisa de mim? — pergunto, enquanto devolvo a prancheta para o médico responsável.

— Gostaríamos de oferecer aconselhamento para vocês duas. Sei que nem sempre foi fácil para você. — Ele é o psiquiatra responsável pelo tratamento dela.

Balanço a cabeça.

— Que bem isso faria?

— Honestamente? Para ela, provavelmente nenhum. Para você, talvez ajude.

— Estou bem — falo.

Ele assente.

— Me avise se mudar de ideia.

Ao chegarmos na calçada, Tag me pergunta:

— Não quis vê-la?

Balanço a cabeça.

— Não. — Eu suspiro.

Ele olha diretamente para mim, nos meus olhos.

— Você ainda tem esperança de que ela te ame do jeito que você precisa ser amada?

— Não. Parei de esperar por isso há muito tempo.

— Não acredito em você — ele fala, e entrelaça a mão na minha, unindo nossos dedos. Fecho os olhos e respiro fundo, mas não solto o solto. — Quer tomar café da manhã?

Concordo, e entramos em um lugarzinho especializado em waffles.

Ele abre o cardápio.

— O que tem de bom aqui? — ele pergunta e sorri.

— Dãã — falo. — Waffles.

Ele coloca o cardápio para o lado.

— Então acho que vou querer waffle. — Ele olha para a garçonete. — E café.

— Eu também — falo.

— E aí, você tem medo de altura agora? — ele pergunta quando mexe o creme em seu café.

— Não, tenho medo de me desestabilizar.

Ele me olha fixamente sobre a borda da caneca.

— Explique.

— Tenho que me sentir segura, só isso.

Ele semicerra os olhos.

— Você gosta de controle.

Aceno com a cabeça e dou de ombros.

— Sim.

— Então, quando você e eu estávamos juntos... — Ele para e balança a cabeça. — Não importa. — Suas bochechas ficam vermelhas.

— Fale — peço. Meu coração está acelerado pra caramba.

— Quando estávamos juntos, e eu bati na sua bunda, isso te excitou ou te abalou?

Minhas palmas começam a suar, e eu as seco no meu jeans.

— Outros homens já bateram na minha bunda antes.

Seu músculo maxilar tensiona.

— Não estamos falando sobre eles. Estamos falando sobre você e eu.

Me ajeito na cadeira e tento respirar.

— Você quer saber se me excitou?

— Sim.

— Por que você se importa? — eu o encaro.

— Porque um dia pretendo fazer isso de novo. Quando você estiver pronta para o que eu quero.

Sinto um frio na barriga.

— E o que você quer?

— Quero esperar enquanto te conheço. E quero sair com você em alguns encontros. Espero que você se apaixone por mim e pelo meu filho. E então, quando tivermos certeza do que queremos, quero transar com você de novo, mas desta vez será mais intenso. Muito mais.

Não posso falar. Não esperava que ele colocasse as cartas na mesa assim. Esperava que ele escondesse o jogo, como eu faria.

— Não transo com ninguém mais de uma vez.

— Eu sei. Essa é a razão de eu não querer isso. Quero fazer você se apaixonar por mim. — Ele pega a minha mão na sua e desliza o polegar nas costas dela em movimentos lentos.

— Você não quer muito, não é?

Ele balança a cabeça, os cantos da sua boca se curvando um pouco.

— Quero tudo.

— Comigo?

Ele assente.

— Com você.

— Posso pensar a respeito?

Ele balança a cabeça.

— Não. Se você pensar demais, vai sair correr de medo.

— Então o que eu deveria fazer?

— Me deixe te amar. — Ele dá de ombros. — Só isso.

Eu zombo.

— Você não me ama.

Ele sorri.

— Ainda não. Mas quero sair com você. — Ele aperta a minha mão. — Aceita ter um encontro comigo, Finny?

Olho em volta.

— Não estamos fazendo isso agora?

Ele sorri.

— Estamos?

— Talvez — eu sussurro.

A garçonete chega com os nossos waffles, e ele solta a minha mão. Tag come em silêncio, e eu também.

Quando terminamos, ele pega a carteira.

— Deixa comigo — falo, e puxo um cartão de crédito do bolso.

— Eu pago — ele retruca.

— Cara, sabe quanto dinheiro ganhei no ano passado?

— Eu pago, Finny.

Me inclino contra a cadeira.

— Por quê?

— Não tenho muito, mas ganhei o que tenho, e quero gastá-lo com você. Então, deixe que eu pague, está bem? — Ele me olha fixamente. — Me deixe te valorizar. Te paparicar. Me divertir com você. Te tratar do jeito que você deve ser tratada. Você pode confiar em mim, Finny. Não vou te desestabilizar.

Um nó se forma na minha garganta e tento engoli-lo.

— Obrigada pelo café da manhã. — É tudo o que posso dizer.

Ele paga a conta e nos levantamos. Ele entrelaça os dedos nos meus de novo e caminhamos lado a lado pela rua.

— Posso dar a mamadeira ao Benji quando chegarmos em casa? — pergunto rapidamente. Minhas bochechas esquentam quando ele sorri para mim.

— Você não gosta de bebês — ele me lembra e bate no meu braço com o seu, brincando.

— Gosto de você. E posso gostar do seu bebê. Tenho que passar algum tempo com ele para ver.

Ele assente.

— Tudo bem — ele fala. — Pode dar a mamadeira a ele. Preciso mesmo arrumar as malas.

Caminhamos lado a lado, de mãos dadas, e tenho medo de estar me envolvendo muito rápido. Jurei que nunca faria isso, mas não parece algo sem uma base. Parece algo que vai crescer. Como pegar o vento e deixar que ele me leve.

— Se eu me desestabilizar, você me apoiaria? — pergunto, enquanto entramos no elevador.

Ele me puxa contra si, e seus lábios se aproximam dos meus.

— Eu te apoiaria ou me desestabilizaria com você, tentando te manter firme.

— Não me derrube, tá? — Coloco a testa contra seu peito para que ele não possa ver a verdade nos meus olhos. Não quero que ele veja o quanto eu quero isso. O quanto eu o quero. Quanto eu quero a perfeição.

— Não vou te derrubar. — Ele ergue o meu rosto e seus lábios tocam os meus. É lento no início, mas depois, ele nos gira e me pressiona contra a parede, segurando meu rosto. De repente, seus lábios estão exigentes, e a língua desliza na minha boca. Ele tem gosto de xarope de waffle e está quente. Ele está sem fôlego quando se afasta, e eu o vejo ajeitar a ereção.

— Você está bem? — Pisco em direção ao seu desconforto.

— Estou. — Ele sorri. — Ele vai desistir em um segundo.

Eu rio em voz alta.

— Espero que não.

Quando a porta se abre, saio do elevador, e ele me vem atrás, depois me puxa de volta contra si, com os braços ao meu redor e a mão na minha barriga. Ele me segura e sussurra no meu ouvido.

— Acho que estou gostando muito de você, Finny.

Cubro a sua mão com a minha.

— Eu também — sussurro. Ele beija minha bochecha rapidamente e entramos no apartamento.

Ele vai partir meu coração. E eu vou deixar, porque, pela primeira vez, pode ser legal ser vulnerável. Pelo menos com ele.

TAG

Quatro dias no ônibus da turnê com uma mulher por quem estou muito interessado e agora meu corpo até dói quando me aproximo dela.

— Sam! — chamo do gramado onde estamos preparando o palco. — Onde você quer isso? — Aponto para a caixa de som que estou segurando.

— Acima do seu traseiro seria bom — ele grita de volta para mim e sorri, então tenho certeza de que ele está brincando.

Coloco a caixa de som no lugar e aguardo instruções.

Ele se aproxima de mim e bate no meu ombro.

— A equipe pode terminar isso.

— Tem certeza? Eu posso continuar — falo, ainda que esteja mentindo.

— Mas eu não posso. Planejo trepar com a minha esposa mais tarde, e as minhas costas não vão me deixar se não pararmos logo.

— Bem, está certo — falo. Meu rosto esquenta pra caramba.

Ele olha para mim, semicerra os olhos e balança a cabeça.

— O quê?

— Nada.

— Não, tem algo aí. Fale.

— O que está acontecendo com você e Finny? — ele pergunta.

Dou de ombros.

— Nada. Por quê? — Desvio o olhar.

— Porque — ele fala devagar — ela é parte da minha família, e quero ter certeza de que você está com ela pelas razões certas.

— E quais razões seriam essas?

— Do tipo boas. Não do tipo *quero tirar sua calcinha*.

— Eu tenho boas intenções. — *E* intenções do tipo *quero tirar a sua calcinha* e *fazê-la se apaixonar loucamente por mim*.

Os olhos dele se arregalam.

— Droga. Você está caidinho.

— Tem razão. — Ele está certo. Estou caidinho por ela. Eu a vi se aproximar esta tarde. Ela piscou para mim uma vez, e tudo o que eu podia fazer era olhar, ou iria atrás dela e daria um beijo na frente de todo mundo. — Você acha que eu tenho chance?

Me sento na caixa de som, e ele fica a meu lado.

— Finny é um pássaro estranho — ele responde. Abro a boca para protestar, mas ele me interrompe. — Espere — ele fala. — Ela é incrivelmente talentosa. É maravilhosa no violão, mas tem medo de tudo.

— Ela age como se não tivesse medo de nada.

— Ela também é ótima atriz. — Ele me aponta um dedo. — Mas enquanto você tiver boas intenções, vou deixar vocês em paz.

Concordo.

— Você não tem nada com o que se preocupar. Minhas intenções são honradas. — Bem, eu gostaria de tirar a calcinha dela, mas, ainda assim, com respeito.

— Só tenha paciência com ela — ele fala e fecha a boca. — Retiro o que eu disse — ele

fala. — Não seja paciente. Se você evitar se comprometer, ela nunca vai te dizer como se sente.

— Como você acha que ela sente? — pergunto a ele.

— Acho que ela gosta muito de você. — Ele aponta sobre meu ombro. — Ela não consegue parar de te olhar.

Todas as meninas e Emily estão no palco testando os microfones e equipamentos. Finny levanta o polegar para indicar que os ajustes estão bons. Ela me olha e sorri, e eu perco um pouco o fôlego.

— Não estou mais preocupado com as suas intenções — Sam fala em tom baixo.

— Por que não?

— Porque quando ela sorriu na sua direção, você parecia o cara mais feliz do mundo. — Ele sorri para mim. — Parabéns.

Marta surge ao longe e está empurrando um carrinho de bebês duplo. Sammy, o filho de dois meses de Sam, está de um lado e meu filho está no outro. Ela para na nossa frente. — Decidi ficar com os dois garotos esta noite para que vocês possam descansar — ela fala.

Eu franzo a testa.

— O quê?

Ela sorri para mim.

— É puramente egoísta. Eu gosto do rapazinho e ele gosta de mim, e acho que você precisa de uma pausa.

— Não posso pedir que você faça isso — eu me oponho.

— Você não está pedindo. Estou te informando.

— Tem certeza? — Meu coração acelera no peito só de pensar em uma noite de sono ininterrupto.

— Emilio e eu reservamos um quarto de hotel, então teremos espaço para os berços. — Ela pisca para mim. — Aproveite a noite sem bebês ou pais no ônibus.

Meu rosto cora. Com certeza ela não está sugerindo...

— Cara, acho que ela acabou de dizer para você ficar com alguém — Sam fala, inclinando a cabeça na minha direção.

— Ela não disse isso.

Ele sorri.

— Com certeza disse.

Marta se volta para mim.

— Com certeza ela disse — ela repete e sorri para mim de novo. — Posso ser velha, mas não estou morta.

Me inclino e beijo meu filho na testa. Ele vira a cabeça como se quisesse se aconchegar na minha bochecha e o deixo encostar um pouco o nariz. Deus, ele tem meu coração.

— Te vejo amanhã — digo a ele e o beijo, demorando sobre a sua pele macia por um momento mais do que deveria, eu sei. — Me liga se precisar de alguma coisa? — pergunto a Marta.

— Claro. — Ela fica na ponta dos pés e beija minha bochecha muito rapidamente. Em seguida fala baixinho, para que só eu possa ouvir. — A Finny tem medo de dormir com um homem.

Ela dormiu com muitos homens, penso.

— Dormir com um homem é muito mais íntimo do que fazer sexo. — Ela me olha fixamente. — Sabia? — Em seguida, ela se afasta e leva meu filho.

— Cara, pode me dar uns vinte minutos antes de ir para o ônibus? — Sam me pergunta.

Sério, ele está me pedindo para ficar longe para que ele possa fazer amor com a esposa? Sorrio para ele.

— Você leva vinte minutos?

— Não, hoje vai levar dois, mas vou dar vinte a ela, se você puder ficar longe.

— Tá bom. — Olho para o meu relógio. — Começando agora.

Sam se aproxima de Peck, sussurra algo no ouvido dela, segura sua mão e a puxa para o ônibus. Ela ri e finge lutar, mas ele não vai aceitar resposta negativa. Finalmente, ele a abraça e a conduz, com ela rindo o tempo todo.

Finny parece tão bonita no palco que não posso ficar longe dela. Caminho lentamente em sua direção. Ela está com Emily e Logan. Não conheço o Logan muito bem, mas sei que ele é muito legal. Ele acabou de fazer um implante coclear, mas ele já falava muito bem antes disso, pelo que entendi. Vou até Finny e coloco minha mão no centro das suas costas. Ela se inclina para mim sem sequer pensar e faz meu coração acelerar.

— Você tem planos esta noite? — pergunto a ela. Pressiono os lábios em sua têmpora por algum tempo. Os olhos dela se fecharam por um segundo.

— Não. Você tem? — Ela me olha timidamente.

— Quer jantar comigo? — Meu coração está acelerado.

Ela se aproxima, segura meu rosto e me olha nos olhos.

— Você não está cansado?

— Não o suficiente para demonstrar o quanto eu quero passar tempo com você — admito. — Nunca estou cansado para isso. — Levanto a mão do meu rosto e pressione os lábios na palma. Seus pelos do braço se arrepiam.

— E se comprássemos uma pizza e levássemos para o ônibus? — sua voz falha.

— Tá. — Eu me inclino para perto da sua orelha. — Mas precisamos dar vinte minutos ao Sam e a Peck. Eu prometi.

Ela resmunga.

— Sam não vai demorar vinte minutos.

Levanto a cabeça para olhar para ela.

— Como você sabe disso?

Ela dá de ombros.

— Conversa de garotas. — Suas bochechas ficam coradas.

— Você falou com elas sobre mim?

— Disse que o seu pau é enorme e um pouco curvado para a esquerda.

Meu coração quase para.

— Não é, não.

Ela empurra meu ombro.

— Estou brincando. A única que sabe sobre nós é a Lark. E isso porque ela te viu saindo do meu quarto. Não contei nada a ninguém. Bem, não que o seu pau tenha me deixado dolorida ou algo assim.

Eu sorrio.

— Te deixei dolorida?

— E ainda deixou a marca da sua mão na minha bunda.

— Sumiu antes da noite acabar.

Ela me olha nos olhos.

— Mas estará lá para sempre na minha cabeça.

Me inclino e a beijo rapidamente.

— Na minha também.

— Então, pizza?

Concordo com a cabeça, e ela entrelaça a mão na minha.

— Acho que tem um lugar a dois quarteirões daqui. Vamos caminhar. — Ela se aproxima, tira o boné da minha cabeça e coloca na sua. — Não quero ser reconhecida — ela explica.

Finny parece tão fofa com o meu boné de beisebol que acho que não vou mais pegá-lo de volta. Ela sorri para mim, e eu seguro a aba e balanço na sua cabeça. Seu sorriso se transforma em uma risada.

— Gosto mesmo de você — falo.

O sorriso dela se torna ainda maior.

— Eu também gosto de você.

— Pode me fazer um favor?

— Depende do que é — ela diz, seu olhar cético.

— Não faça eu me apaixonar por você, a menos que seja capaz de me corresponder, tá?

Ela inspira rapidamente, e eu entro em pânico por um momento. Mas então ela fica na ponta dos pés e me beija, e sei que sente o mesmo. Tenho certeza. A pressão ao redor do meu coração alivia um pouco.

— Pizza — ela murmura contra meus lábios.

— Sim — murmuro contra sua pele.

De repente, alguém chuta a parte de trás do meu joelho e eu quase caio.

— O que... — Eu me viro e encontro Logan olhando para mim.

— Emily e eu vamos ficar em um hotel esta noite — ele fala. — Os pais dela estão na cidade e vão ficar com a Kit.

Eu concordo.

— Tá. Obrigado por avisar.

Ele sorri.

— Divirtam-se.

Tento não sorrir demais.

— Ainda não chegamos lá.

— É por isso que eu disse para vocês se divertirem em vez de transarem muito. — Ele aperta meu ombro e vai embora.

— Então, seremos só eu, você, Sam e Peck no ônibus esta noite? — Finny pergunta. Há um segundo ônibus para os outros.

— Parece que sim. Por que vocês não ficam em hotéis? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Nós gostamos do ônibus. Depois de tanto tempo viajando, é quase a nossa segunda casa. — Ela espera um pouco. — Bem, não estaremos sozinhos esta noite.

— Não. — Eu olho nos seus olhos por tempo suficiente para fazer suas bochechas ficarem coradas.

Ela sorri com timidez para mim, mas não diz nada.

Vamos comprar as pizzas, ela reclama comigo, e eu acabo deixando-a pagar por elas.

— Todo mundo vai comer — ela fala. — Não só nós dois. Não vou deixar você comprar para todo mundo. A banda tem um orçamento para isso.

— Então me deixa, pelo menos, comprar a minha.

— Você é parte da banda, bocó.

Solto uma gargalhada.

— Você me chamou de bocó?

— Talvez. — Então ela começa a rir também. Assim que consigo me controlar, pego o seu cartão e pago as pizzas. Em seguida, voltamos ao ônibus.

— Estou realmente feliz por você estar aqui — ela fala e coloca a mão no meu bolso de trás.

— Se você continuar com isso, vou desistir de ser um cavalheiro — aviso, brincando.

Ela aperta a minha bunda, e eu pulo, quase derrubando as pizzas.

— Você vai me colocar apuros — digo a ela. Comemoro por isso. Nunca me senti tão vivo. Não antes de começar a passar tempo com ela.

Voltamos para o ônibus, e ela abre a porta. Subimos rapidamente os degraus porque, honestamente, quero colocar as pizzas lá dentro para que eu possa agarrá-la e puxá-la contra mim.

Mas quando entramos, ela grita e se vira para me encarar muito rapidamente.

— Ah, meu Deus, Sam! — ela geme. — Sério isso? Tire essa coisa daqui. Meu Deus. Meu Deus. Ah, meu Deus — ela fala para si mesma, suas mãos sobre os olhos enquanto enterra o rosto no meu peito.

— Desculpa — Sam fala. — Achamos que vocês iam demorar um pouco mais.

Sam e Peck correm para vestir suas roupas. Vejo o traseiro de Sam quando ele se vira para cobrir Peck com o próprio corpo.

— Você disse que precisava de vinte minutos. Nós demos trinta — digo a ele. Olho pela janela da frente do ônibus. Desvio os olhos deles, porque vi muito do corpo do Sam. Peck — bem, só foi possível ver a parte de trás... é um traseiro bem bonito... mas, Sam... bem, ele estava enterrado até as bolas.

— Bem, quando você não voltou depois dos vinte, decidimos fazer de novo. Não tenho culpa de ficar animado por estar sozinho com a minha esposa. Sam veste a camisa e a calça que estava presa no seu tornozelo.

— Desculpe — Peck fala. — Você não viu nada, não é? — Ela olha de mim para Finny.

— Não vi nada — falo.

Ela não parece acreditar em mim.

— Posso falar com você por um segundo? — Finny pergunta a ela. — Lá fora?

— Você está bem? — pergunto a Finny.

— Acho que vou ficar traumatizada pelo resto da vida — ela sussurra para mim, mas está sorrindo.

Ela e Peck saem pela porta do ônibus. Sam alcança as caixas de pizza.

— Cara, vai lavar as mãos — digo a ele, tomando-as de volta

— Sério?

Olho para ele.

— Sério.

Ele murmura e vai até a pia.

— Se eu quisesse comer com a boceta da minha esposa nas mãos, eu poderia.

— Sim, desde que a pizza seja sua — retruco.

Ele ri.

— Ei, não vai dizer a Peck que você viu alguma coisa, vai? Ela vai ficar louca.

— Nem uma palavra — respondo. Mas sei que ele é um cara de sorte.

— Ah, meu Deus — ainda resmungo quando a porta do ônibus se fecha.

Peck franze o cenho para mim.

— Finny, não é como se você nunca tivesse visto um pênis antes.

— Nunca vi um pênis tão grande, muito menos parcialmente enterrado na sua vagina — respondo.

Ela ri.

— Não diga ao Sam que você viu o pau dele, tá? Ele vai ficar complexado.

— Esse homem não tem nada de que se envergonhar, Peck. Como você se encaixa naquilo tudo?

Ela ri tanto que bufa.

— Bem, é difícil, mas a gente consegue.

Solto uma gargalhada. Rio tanto que demoro um instante para me acalmar.

— Bem, só para que você saiba, nunca vou me esquecer disso.

Ela dá de ombros.

— O pau dele é uma coisa mágica. Não estou com vergonha. — Ela semicerra os olhos para mim. — E aí, o que você queria?

Tiro uma linha solta na manga da minha blusa, tentando compor meus pensamentos.

— Acho que não quero dormir com ele.

Ela dá de ombros.

— Então não durma.

— Você acha que ele se importaria? — Mordisco o lábio inferior.

— Quem se importa com o que ele pensa, Finny? — Ela me pergunta suavemente. — Você está preocupada que ele só queira sexo?

Respiro fundo.

— Não, estou preocupada que não seja só isso. Eu saberia o que fazer se ele só quisesse transar.

— Ah — ela suspira. — Então é isso. Você realmente gosta dele.

— Sim — eu sussurro.

— O que você mais gosta nele?

— Ele sabe a respeito da minha mãe maluca e parece não se importar. Ele também foi informado dos meus relacionamentos de uma noite só e, mesmo assim, ainda gosta de mim. Pelo menos eu acho que ele gosta. O que você acha que ele sente?

— Acho que ele gosta muito de você — ela fala baixinho. — Ah, Finny... — Ela começa a piscar freneticamente.

— Você está chorando? Sério? — Ofereço a manga da minha blusa a ela, que seca os olhos no tecido.

— Não consigo evitar. Você está se apaixonando.

Eu a contradigo rapidamente.

— Não estou.

Ela me olha, incrédula.

— Finny, você está agindo exatamente como toda garota — ela fala baixo.

— É assim que as garotas agem? — Roo a unha enquanto espero a sua resposta.

— É isso que as pessoas fazem, sua boba. Questionam as relações quando são reais. Você está tendo um relacionamento real pela primeira vez. — Ela funga. — Estou tão feliz por você.

— Bem, você acha que o Sam podia manter o pau dentro da calça por enquanto? — pergunto a ela, tentando aliviar um pouco a tensão que nos rodeia.

Ela dá de ombros.

— Talvez. Vou fazer o pedido por você.

— Vem, cá, qual o tamanho da sua vagina?

— Grande o suficiente — ela fala, com um suspiro exagerado.

— Bem, isso era nítido.

Ela ri.

— Vá se foder, Finny.

— Eu diria para você fazer o mesmo, mas o Sam já fez isso. Eu estava na primeira fila assistindo.

Ela ri e se vira para voltar ao ônibus. Ao entrar, pega um pedaço de pizza e se senta ao lado de Sam. Vou para o lado de Tag e faço o mesmo. Coloco a mão na coxa dele e a aperto. Sua mão livre imediatamente cobre a minha e fica segurando-a. Olho para ele e vejo que está sorrindo para mim.

— E aí, Sam — Tag fala, limpando a garganta.

Sam olha para cima.

— O quê?

— Doeu muito para colocar aquele piercing? — Ele pergunta, com o rosto sério.

Mas não posso controlar meu riso. Rio tanto que engasgo com um pedaço de linguiça, e Tag precisa bater nas minhas costas.

— Cara, eu posso colocar um piercing em você também — Sam fala. — Tenho certificação para fazer isso no estúdio de tatuagens.

— Não vou deixar você fazer buraco algum no meu pau.

Cubro a boca para evitar rir em voz alta.

— Você me deixaria fazer isso? — pergunto. Nem sei de onde essa coisa veio. Ah, merda.

Ele olha nos meus olhos.

— Eu te deixaria fazer o que você quisesse, Finny — ele fala e afasta uma mecha de cabelo dos meus olhos. — Tenho certeza de que você nunca me machucaria de propósito.

— Não mesmo — falo.

Sam faz um barulho de vômito, e Peck dá uma cotovelada na lateral do seu corpo.

— O quê?

— Pare de implicar com eles — ela repreende. — Acho isso fofo.

Peck faz Sam se levantar e fala:

— Vou alimentar o Sammy uma última vez antes de irmos dormir.

Sam limpa a boca.

— Vou com você.

— Devo ir alimentar o Benji também? — Tag pergunta.

Sam aponta para os seios de Peck.

— Cara, ela é a mamadeira.

— Ah — Tag murmura, seu rosto ficando vermelho. — Me esqueci disso.

— Marta vai cuidar do Benji — Peck assegura. — Se quiser, posso dar uma olhada nele enquanto eu estiver lá.

Tag balança a cabeça.

— Isso seria bom. Obrigado.

Eles saem, e Tag segura meu pescoço e me puxa em sua direção para que possa me beijar.

— Quanto tempo você acha que eles vão demorar?

— Não muito. Sammy mama rápido. — Abro a boca quando ele provoca meus lábios com a língua, e suspiro na dele. Tag me deixa sem fôlego em segundos. — É melhor eu ir para a cama — digo, mas meu coração está acelerado.

Ele olha para os beliches nos fundos do ônibus. Eles são do tamanho de caixões.

— Você quer na frente ou atrás? — pergunto.

— Por que, Finny? Isso é um convite? — Ele coloca a mão no peito e finge estar chocado.

Balanço a cabeça e sorrio.

— Não, só queria saber em qual cama eu deveria me deitar.

— Na minha — ele responde rapidamente.

Meu coração bate forte.

— Acho que não.

— Certo. Escolha uma e eu me deito com você. — Ele começa a limpar a cozinha enquanto eu vou tirar a maquiagem, escovar os dentes e pentear o cabelo.

Me deito no beliche de baixo e puxo a cortina de privacidade.

— Boa noite, Tag — eu grito.

A cortina se abre, e vejo a cabeça dele aparecer.

— Posso entrar? — ele pergunta e espera na abertura para eu decidir.

— Eu nunca...

— Eu sei — ele fala em tom baixo. — Eu entendi. — Ele me olha por um tempo longo demais e tenho que desviar o olhar. Há tanto desejo em seus olhos que não sei o que fazer com tudo isso. — Posso entrar?

Concordo, e ele se afasta. Ouço o som da calça jeans ser tirada e, em seguida, ele vai escovar os dentes. Depois ele volta para a cama e se deita ao meu lado. O espaço não é suficiente para um, muito menos para dois. Ele bate com a cabeça na cama de cima.

— Ai — ele geme.

Viro de lado, tentando dar mais espaço, mas ele é um cara grande.

— Acho que você não vai se encaixar — falo com uma risada boba e frenética.

— Vou caber. Prometo. — Ele se vira até ficar de costas e, em seguida, levanta um braço e me puxa para o seu lado. Ele aponta para o local onde o ombro encontra seu braço. — A sua cabeça encaixa aqui.

Me lembro de quando transamos, e eu disse a ele onde o pau entrava.

— Tudo bem — falo e me viro, me aconchegando até encontrar o lugar perfeito para descansar o meu rosto. — Estou com medo — sussurro. — Nunca fiz isso antes. — Meu coração está acelerado, e a minha pele está úmida.

Ele beija a minha testa, seus lábios se demorando por tempo demais.

— Não vou te machucar, Finny — ele sussurra.

Tag segura a minha perna e a puxa para o seu colo, e eu posso sentir a ponta do seu pau. Ele está duro.

— Você queria... — começo a perguntar.

Mas ele cutuca.

— Estou fazendo exatamente o que eu quero.

Ele me abraça até que meus arrepios parem e meu coração diminua o ritmo frenético. Derreto contra ele e fecho os olhos.

— Nunca fiz isso antes. Posso ser péssima nisso — sussurro na escuridão.

— Definitivamente você não é ruim nisso.

Depois de alguns minutos, começo a bocejar.

— Ei, Tag — sussurro.

— Ei, Finny — ele sussurra de volta.

— Você é muito bom nisso — digo a ele.

— É por você, Finny — ele fala. — Só por você.

Acordo no começo da manhã com a sensação de que o ônibus está balançando. É um movimento suave, mas eu pisco e observo a janelinha. O sol nem subiu no horizonte. Finny ri em meus braços, e eu olho para ela.

— Eles são como coelhos — ela sussurra, se inclinando para falar baixinho em meu ouvido.

— Quem? — Esfrego a mão no rosto e tento acordar.

— O Sam e a Peck.

— Ah. São eles?

— Transando. De novo. — Ela revira os olhos e aperta os lábios contra meu queixo. — Bom dia. — Ela aconchega a cabeça contra meu pescoço.

Meu pau está duro e tem pessoas transando a quatro metros de mim como se não se vissem há um ano. Peck começa a gemer baixinho, o que me faz sentir vontade de colocar os dedos nos ouvidos e cantar lalalalalalalala.

Finny se aproxima e empurra meus quadris, o peito encostado contra o meu.

— Quer que eu desvie a sua atenção disso?

Seguro seu rosto e olho em seus olhos.

— No que você está pensando? — Ela me beija suavemente. Ela tem gosto de manhã e maravilha, tudo envolto em um corpo minúsculo. — Isso vai dar certo — murmuro quando ela, finalmente, levanta a cabeça. Meu cérebro parece estar em desordem e percebo que estou me embriagando com beijos.

Os gemidos de Peck aumentam cada vez mais. Fecho os olhos com força tentando afastar os sons. Mas Finny grita como se estivesse em um jogo de beisebol e se senta no espacinho para bater palmas.

— Caramba, sim! — ela fala. — Bom trabalho, Sam!

Finny abre a cortina do nosso lado, Sam abre a do lado dele e um encara o outro. A cabeça de Peck aparece timidamente.

— Desculpe — ela fala com as bochechas coradas. — Não sabíamos que vocês estavam acordados.

— Bem, é meio difícil dormir com todo esse barulho — Finny responde. — E com o balanço.

— O ônibus estava balançando? — Peck pergunta a Sam.

— Droga, estava, sim — ele fala com uma risada. Em seguida, puxa a cortina de novo.

— Como você acha que eles fizeram isso em um espaço tão pequeno? — sussurro na orelha de Finny.

Ela balança um pouco os quadris e fala:

— Acho que podemos fazer também. — Ela ri quando seguro seu corpo para mantê-la quieta. Se ela continuar a fazer isso, vou nos deixar constrangidos.

Ela coloca a mão entre nós e envolve meu pau. Solto uma respiração profunda.

— Shh — ela sussurra.

— Não, Finny. — Seguro sua mão e tento detê-la. Ela afasta a mão e esfrega o seu calor contra meu pau. — Não faça isso também — digo.

Me viro para que ela fique no pequeno espaço ao meu lado e nos encaramos. Deslizo o dedo por baixo da sua camiseta para que eu possa tocar seu quadril nu. Ela me beija e me deixa ainda mais excitado, fazendo o meu coração acelerar.

Levanto a cabeça e solto um gemido.

— Eu deveria me levantar.

Ela se aproxima e desliza a mão na minha cueca, envolvendo me envolvendo com firmeza.

— Algumas partes suas já estão de pé — ela fala, sem piedade.

— Finny — resmungo baixo. — Não quero que Sam e Peck me ouçam implorar.

— Quero tanto gozar — ela sussurra no meu ouvido.

Eu congelo.

— Quer?

Ela assente com a cabeça.

— Ah, droga — eu digo. — Me deixe te ajudar.

— Não... — ela fala baixo, olhando nos meus olhos. — Não estamos prontos.

Deslizo a mão pela lateral do seu corpo, levantando lentamente a camisa.

— Tudo bem?

Ela tira a blusa, exibindo os seios em resposta à minha pergunta.

— Tão lindo — gemo e enterro meu rosto em sua pele macia, deixando uma trilha de beijos. Ela segura os seios e puxa a minha cabeça em direção ao mamilo eriçado.

Sua respiração fica entrecortada quando eu a toco com a língua. Sugo rápido, e o som da sua respiração quase me faz gozar na cueca. Mordisco, beijo e sugo até que ela se contorce em meus braços. Seus mamilos estão molhados e duros contra o meu peito quando a puxo para mim.

— Posso te tocar? — pergunto. Mexo no cós da sua calça, colocando a mão em sua barriga, os dedos apontando para o seu calor.

— Por favor — ela fala. Coloco os dedos dentro da calcinha e acaricio os lábios inferiores, encontrando-a quente, molhada e escorregadia. Ela me beija quando encontro seu clitóris e morde suavemente o meu lábio inferior, parando de se mover quando encontro o lugar certo.

— Assim? — sussurro.

Ela assente com a cabeça.

Acaricio em um pequeno círculo, guiado pelo movimento dos seus quadris.

Em seguida, sinto-a puxar o cós da minha cueca. Congelo por um segundo, esperando para ver o que ela vai fazer. Ela segura o elástico com uma mão e cospe na outra, envolvendo os dedos escorregadios no meu pau.

Minha boca se abre e tenho que me lembrar de não fazer barulho. Ela me empurra para que eu volte a mexer os dedos no seu clitóris. Fin me beija, sufocando meus gemidos. Poucos segundos depois, estou pronto para gozar, mas me seguro. Sua respiração está acelerada contra meus lábios, e ela solta um gemidinho. Ele aumenta um pouco, mas tenho certeza de que só nós dois podemos ouvi-lo. É o som mais doce que já ouvi. De repente, ela toca meu rosto com a mão livre e me olha nos olhos.

Então ela goza em meus braços. Eu gozo na sua mão, e ela desliza o líquido na cabeça do meu pau e continua me acariciando. Eu a toco, diminuindo o ritmo quando seu corpo relaxa um pouco.

— Uau — ela fala, quando ainda estamos quietos.

— Sim. — Enterro o rosto em seu ombro, beijando sua clavícula e me inclinando em direção ao rosto. — Uau — eu digo como um idiota.

De repente, ouvimos palmas da outra cama.

— Caramba, sim! — Sam grita. Ele solta uns uivos, e sinto Finny enterrar o rosto no meu peito. Acaricio seu cabelo e pergunto se ela está bem.

Sua cabeça estremece contra mim, e percebo que ela está rindo.

— Pelo menos não balançamos o ônibus — ela fala em voz alta.

— Nem todos podem ser tão formidáveis quanto eu — Sam retruca.

— Não sei — Finny sussurra para mim. — Isso foi bem surpreendente.

Ela ajeita a calcinha e passa por cima de mim para sair da cama. Em seguida, volta com as mãos molhadas e me passa um pano morno e úmido. Me limpo bem rápido, e ela o joga em um cesto.

Finny se deita comigo e coloca a cabeça no meu peito.

— Podemos voltar a dormir? — ela pergunta.

Concordo com a cabeça, e a mantenho perto de mim.

— Não precisava fazer isso — digo a ela.

— Eu sei. — Ela beija meu queixo com a barba por fazer. — E isso fez com que fosse maravilhoso.

Ela se acomoda contra mim. Nossos batimentos cardíacos se encontram. Finalmente consegui a chave para essa porta intitulada Felicidade. E ela está totalmente aberta, bem na minha frente.

FINNY

Tag ainda está embaixo de mim, roncando baixinho. Me mexo devagar, tentando não acordá-lo. Ele se vira, e eu paro o movimento até que ele relaxe de novo. Abro a cortina e saio do pequeno espaço. Me limpo muito rapidamente e coloco roupas que pareçam apresentáveis.

Deixo um bilhete para Tag, assim ele não vai se assustar quando acordar e não me encontrar. Aviso onde estarei e que espero que ele venha me encontrar.

Saio do ônibus e vou para o hotel na esquina. Sei em que quarto Marta e Emilio estão, e bato na porta deles devagar. Ela me cumprimenta e a vejo balançar o bebê de Peck no ombro com suavidade.

— Esse daí quer a mamãe, hein? — pergunto a ela.

— Estou tentando acalmá-lo, porque sei que ela virá para alimentá-lo.

Sammy está sugando a mãozinha. Ergo os braços para pegá-lo. Ele vem para mim e eu coloco uma chupeta na sua boca, mas ele não quer nada disso. Está cada vez mais nervoso.

Mando uma mensagem rápida para Peck, avisando que se ela não vier logo, vou dar uma mamadeira ao bebê.

NÃO SE MEXA, ela responde por mensagem.

— Ela está a caminho — digo a Marta. Olho em volta e vejo Benji dormindo em seu berço portátil. — Conseguiu dormir na noite passada?

Ela boceja.

— Não muito. Eles ficaram acordados a maior parte da noite. — Ela sorri para mim. — Como foi a sua noite?

— Boa — respondo.

— Ah, é? — ela pergunta e abre um grande sorriso. — Boa como?

— Não fizemos nada — sussurro, minhas bochechas ficando quentes.

— Acho que você está mentindo, *mija* — ela diz. — Acho que você fez tudo.

Eu coro.

— Sim, nós meio que fizemos... — Fecho os olhos com força. — E foi maravilhoso.

Ela sorri para mim.

— Onde está o Melio? — pergunto.

Ela balança a cabeça na direção do quarto.

— Está dormindo. Ele ajudou com os netinhos na noite passada.

Sorrio.

— É mesmo?

— Ele decidiu que quer ser chamado de Melio em vez de vovô.

Dou de ombros.

— Acho legal.

Ela também dá de ombros.

— Acho que ninguém vai se importar. Vocês nunca o chamaram de pai. Sempre foi Melio.

— Sim, mas ele sabe que é pai nos nossos corações.

— Sabe, sim. — Ela sorri.

Benji começa a se mexer, então vou pegá-lo e troco sua fralda. Não tenho muito jeito, porque não tenho prática, mas Marta me ajuda. Ela aquece uma mamadeira, e eu me sento e o alimento.

— Acho que vou à igreja — falo, de repente.

Ela sorri.

— Não me diga...

— O que acha?

— Acho que a igreja é importante para o Tag, mesmo que ele não queira falar sobre isso agora. Então, provavelmente, é uma boa ideia.

— Vi uma na esquina e como hoje é domingo...

Ela concorda com a cabeça.

— Certo. Vou trocar de roupa e vou com você.

Meu coração se aperta só de pensar que ela vai me acompanhar.

— É não-denominacional — falo. — Você acha que isso importa?

Ela esfrega o topo da minha cabeça quando se aproxima.

— Acho que o que importa é o que está no seu coração.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas e nem sei o motivo.

Marta retorna assim que Benji arrota alto no meu ouvido.

— Está pronta? — ela pergunta.

— Tem certeza de que quer ir?

— Tenho, sim — ela fala.

Bem, não tenho certeza, mas acho que isso é o que Tag precisa. E vou tentar dar a ele.

Pego a bolsa de Benji assim que Peck entra para alimentar Sammy. Ela o segura e se senta. Avisamos para onde vamos, e ela me olha por um longo momento. Então assente.

— Vou encontrar com vocês lá assim que ele terminar de mamar.

Sinto que vou chorar a qualquer momento.

Marta e eu caminhamos juntas pela rua, e me sinto séria e resoluta quando entramos na igreja. Nos encaminhamos para um banco e deixo que o sentimento de fé me envolva.

Espero que Tag acorde a tempo de se juntar a nós, mas tudo bem se ele não conseguir, porque estou com seu filho em meus braços, e estamos no único lugar onde ele precisa que estejamos.

Alguém sacode meu dedo, e eu puxo o pé, mas meu joelho bate no beliche e eu resmungo.

— Cara, levanta — Sam fala. — Precisamos sair.

— O quê? — Levanto a cabeça. — Onde a Finny está? — Olho ao redor, tentando despertar.

— Levanta, cara — ele fala de novo enquanto olha para o telefone e digita mensagens de texto. — Precisamos ir.

— Ir aonde?

Ele sorri para mim parecendo um idiota.

— Você vai ver.

Eu me levanto, me visto e saímos do ônibus juntos.

— Por aqui — Sam fala, apontando para a rua.

— Para onde vamos? — pergunto.

Ele sorri de novo para mim.

— Você vai ver.

Algo acontece, mas não tenho ideia do quê.

— Então, qual a sua relação com a religião? — ele me pergunta.

Dou de ombros e sinto minhas bochechas esquentarem.

— Não tenho relação, É só... não importa.

— Não, me conta.

Emilio se junta a nós na rua e me pede:

— Me conte também. Estou curioso.

Coloco as mãos nos bolsos.

— Quando eu não tinha nada e me sentia como se estivesse num buraco sombrio, a minha fé me sustentou. A fé foi o que me restou quando eu não tinha mais nada.

Emilio assente e bate no meu ombro.

— Muito bom — ele fala.

Subimos os degraus de uma igrejinha que fica a poucos quarteirões do local, e posso ouvir a música de órgão tocando lá dentro. Meu coração se enche de amor, porque a religião é a única coisa que eu tive durante algum tempo. Ainda estou confuso do porquê estamos indo para a igreja — até que entramos e vejo Finny sentada ao lado de Marta em um banco. E ela está com o meu filho em seus braços.

Ela sorri para mim e é como se meu coração se abrisse.

— O que estamos fazendo? — sussurro para ela enquanto me sento ao seu lado.

— Vamos à igreja — ela sussurra de volta.

Dou um beijo na testa de Benji, que balança os pés. Emilio se senta ao lado de Marta, e Sam se acomoda em um banco atrás de nós. Poucos minutos depois, Peck e seu bebê se juntam a ele, e em pouco tempo, os outros também: Star, Josh, Logan e Emily chegam com sua menininha. Emily coloca a mão na barriga, e Logan olha para ela. Percebo que eles não parecem descontentes por estarem aqui. Lark e Wren chegam, e a minha irmã se aproxima e me beija na bochecha. Então, Star acaricia a minha cabeça e sei que estamos bem. Vamos ficar bem.

— Por que todos estão aqui? — sussurro para Finny.

Ela toca a lateral do meu rosto e fala:

— É isso que a família faz, Tag.

Meu coração acelera, e tenho que enxugar os olhos.

— Mas ninguém aqui é religioso, não é?

Ela sorri para mim.

— Isso importa?

— Acho que não — digo, mais para mim do que para ela.

Durante a próxima hora, ouvimos um sermão sobre a importância de ser gentil e vejo quando Sam e Logan inclinam a cabeça durante a oração, parecendo muito reverentes e sinceros. Me sinto atordoado com tudo isso, mas me parece certo.

Eles fazem o chamado para a comunhão, e eu esfrego as palmas suadas contra minhas coxas.

— Você deveria ir — Finny sussurra.

— Quer ir comigo? — pergunto a ela.

Ela assente. Pego Benji de seu colo e caminhamos de mãos dadas, com meu filho nos braços, para a frente da igreja. Fico de joelhos, e Finny repete meu gesto e segura a minha mão. O pastor diz algumas palavras, e olho para ela.

— Vou perguntar ao seu pai se eu posso te pedir em casamento — digo a ela.

Ela pisca com força, mas assente.

— Tudo bem — ela sussurra e aperta a minha mão. — Ele pode dizer não.

Ele seria um tolo se fizesse isso, penso. Eu rio.

Ouvimos a oração e uma sensação de paz me inunda. Perdi um pouco da minha fé quando Julia me deixou e queria dar o bebê para adoção. Mas eu a encontrei de novo. Porque Finny me levou de volta a ela.

— Eu diria que sim — ela sussurra e me olha com o canto do olho, a cabeça ainda curvada.

Meu coração acelera.

FINNY

Saímos da igreja e encontramos Jason e outros membros da equipe de segurança nas escadas. Ele está usando um gesso no braço, mas parece em forma e saudável.

Corro para abraçá-lo.

— Quando você chegou?

— Acabei de chegar. Não podia deixar que você fosse à igreja sem mim, não é?

— Estou feliz por você ter voltado ao trabalho. — E estou mesmo. Ele é como alguém da família.

Ele segura a minha mão e coloca um bolo de dinheiro enrolado na palma. Depois fecha meu punho.

— Não te dei o dinheiro que você ganhou naquela noite no bar. Para os sem-teto.

Me esqueci completamente disso. Localizo a caixa de doação na parede da igrejinha e coloco todo o dinheiro lá dentro.

Emilio me olha e assente em sinal de aprovação.

— Foi uma bela pregação — Marta fala.

Eu concordo. Meu coração ainda está na garganta desde que todos apareceram na igreja para dar apoio ao Tag. A minha família é maravilhosa. E, algum dia, espero que ela se torne ainda maior.

Star aponta ao longe.

— Olha, um parque! — ela fala e aperta o ombro de Josh. — Podemos ir?

Posso ver uma montanha-russa e uma roda gigante — meu coração quase sai pela boca.

— Pessoal, podem ir — Tag fala e segura a minha mão. — Nós vamos voltar para o ônibus.

— Vem com a gente, Finny — Star chama e olha para nós dois.

— Podemos ir — falo baixo. Fico na ponta dos pés e puxo a cabeça de Tag na direção da minha. — Eu dou conta.

— Você não precisa lidar com nada — ele me diz. — Podemos voltar para o ônibus.

— Posso ficar com as crianças se vocês quiserem ir — Marta oferece.

Balanço a cabeça.

— Vamos levá-lo com a gente. — Seguro Benji mais perto de mim. — Vocês podem vir também. — Espero que venham.

Ninguém, além do Tag, sabe a respeito do incidente com a minha mãe.

Ele me encara.

— Tem certeza?

Eu concordo.

— Tenho, sim. Vou ficar bem.

Andamos de mãos dadas em direção ao parque, e Emilio paga a entrada de todos. Compramos algodão doce e atravessamos o castelo dos espelhos, olhando nossos reflexos distorcidos. Depois, vemos alguns animais e rimos quando Sam pisa no estrume de vaca. Brincamos em alguns brinquedos, até que chegamos na roda gigante.

— Vamos passar esse — Tag fala. — Vão vocês.

Bato o pé.

— Eu vou — falo. Vou andar nisso. Não vou ficar presa a uma lembrança terrível pelo resto da minha vida. — Eu posso ir.

Tag olha nos meus olhos.

— Você não precisa.

— Preciso, sim — digo, com firmeza.

Tag entrega nossos ingressos, e entramos no carrinho.

Depois que nos sentamos, Tag se inclina para tirar Benji de mim.

— Quero segurá-lo — eu digo.

Ele não tenta pegá-lo, mas parece preocupado.

— Vou mantê-lo seguro — eu me apresso em dizer. — Prometo que não vou deixar que nada aconteça com ele.

A percepção da verdade das minhas palavras me toca de forma profunda. Tenho uma necessidade instintiva de protegê-lo. Não sei de onde veio ou como começou, mas eu morreria para proteger esse garoto que nem é meu. Meu interior para de revirar de repente.

O carrinho balança, e nós subimos um pouco, parando enquanto Emilio e Marta entram no debaixo. Nossa família ocupa a maior parte da roda, porque somos muitos. Então começamos a girar. Aperto Benji com firmeza contra mim e nem percebo que estou chorando até sentir sua camisetinha molhada.

— Você está bem? — Tag pergunta.

Eu concordo. O vento joga meu cabelo para trás enquanto giramos e sinto uma sensação de paz.

— Acho que agora eu entendo, Tag — falo.

— O quê? — Ele afasta meus cabelos do rosto.

— Acho que se apaixonar é *assim* — falo.

Ele enxuga as lágrimas do meu rosto.

— Acho que eu te amo, Finny — ele fala baixinho.

— Acho que se apaixonar é assim — falo de novo. Eu me inclino contra o assento e sei que nunca deixaria nada acontecer com Benji. Nunca o atormentaria ou o machucaria, e sei que poderia ser uma boa mãe para ele. — Quero me casar com você — falo. — Logo.

Ele sorri e olha sobre a borda do carrinho. Faço a mesma coisa.

— Emilio — ele chama. Emilio olha para cima. — Posso pedir a Finny em casamento?

Emilio olha para Marta, que apenas sorri para ele e assente. Ele leva as mãos dela até os lábios e responde.

— Se você fizer o pedido, e ela não chutar suas bolas, pode, sim! — Ele sorri para mim.

Volto a me sentar direito e olho para Tag. Seus olhos estão brilhantes com as lágrimas.

— E aí, você vai chutar minhas bolas se eu te pedir em casamento? — ele pergunta.

Sorrio para ele.

— Tente e veja.

— Quer se casar comigo, Finny? — Ele olha para Benji. — Bem, com a gente. — Ele sorri. — Somos meio que um pacote.

— Não te teria de outra maneira — digo.

— Isso é um sim?

Sinto que meu coração vai explodir no peito. Eu concordo.

— É um sim.

— Como estão suas bolas, garoto? — Emilio pergunta do carrinho abaixo de nós.

— Ela disse sim! — Tag responde.

Todos que nos rodeiam comemoram.

Quando saímos da roda gigante, Emilio e Marta pegam os bebês e voltam para o hotel. Passamos algumas horas caminhando pelo parque, com a equipe de segurança nos seguindo. Há muitas pessoas curiosas vindo atrás de nós com câmeras, e sei que vai demorar algum tempo para que Tag se acostume com esse estilo de vida. As pessoas nos observam o tempo todo, e até as menores coisas são retiradas do contexto.

Dou o braço a Tag.

— Podemos ir na roda gigante de novo?

Ele afasta o cabelo do meu rosto.

— Podemos fazer tudo que você quiser — ele me fala.

Suspiro.

— Tenho certeza de que estou apaixonada por você.

Nós nos beijamos, e alguém aparece e tira uma foto.

— Sem privacidade — Tag resmunga. — É sempre assim?

Concordo.

— Bastante. Quer voltar para o ônibus? — resmungo comigo mesma ao pensar no ônibus apertado.

— Ou podemos arranjar um quarto de hotel — Tag fala. — Você poderia me deixar te abraçar a noite toda.

— Será que pênis e vagina estarão envolvidos?

Ele sorri.

— Isso depende totalmente de você.

Encosto a testa contra seu peito e respiro profundamente.

— Quero um quarto — falo, mas nunca estive tão nervosa antes. Fiz sexo com muitos homens e nunca, nem uma vez, tive medo.

* * *

MINHAS MÃOS TREMEM quando destranco a porta do quarto com o cartão-chave. Tag me segue para dentro. Marta tirou Benji de nós e não aceitou nos devolver quando ele protestou. Entrelacei a mão na dele e falei que Benji ficaria bem por mais uma noite. Ele respirou fundo e aceitou.

Tag apoia a mão na base da minha coluna ao entrarmos no quarto. Então para e olha ao redor.

— Ótimo quarto — ele fala.

— É, sim — eu concordo e balanço o polegar para o banheiro. — Vou tomar banho. Tudo bem?

Ele assente e sorri.

— Precisa de ajuda? — Seus olhos escuros se dilatam e parecem ainda mais escuros.

Escondo o rosto, me afastando dele.

— Acho que dou conta.

Começo a fechar a porta do banheiro, mas ele chama meu nome.

— Finny...

Olho em sua direção.

— Sim?

— Por que você me levou para a igreja hoje? — ele pergunta em voz baixa.

Dou de ombros.

— Você precisava.

— Precisava mesmo. — Ele esfrega o rosto e geme. — Não tenho família há muito tempo. Eu acho que gosto da sua.

Eu concordo.

— Eles são maravilhosos.

— Benji e eu podemos fazer parte dela? — ele pergunta. — Não temos mesmo mais ninguém.

Saio do banheiro.

— E o seu tio?

— Morreu no ano passado. Foi o melhor dia da minha vida. — Tag grunhe. — Ele me odiava muito.

Eu me sento ao lado dele.

— Por que você acha isso?

Ele dá de ombros.

— Eu não era filho dele. Como ele era nosso tio, era obrigado a ficar com um de nós e me escolheu. Ao longo dos anos, tudo o que pude fazer foi agradecer a Deus por ele ter me escolhido e não a Jessica ou a Jenny.

— Star and Wren — corrijo.

Ele sorri.

— De quem foi a ideia de usarem novos nomes?

Penso um pouco.

— Começou com a Peck. Emilio sempre a chamava de "pica-pau" por causa das suas batidas. Quando mudou o sobrenome, ela pediu para trocar seu nome legalmente. E nós também trocamos. Queríamos recomeços. Star é a Starling. Wren escolheu o nome dela porque parecia com Jen. E a Lark foi a última. Alguém disse a ela que Lark significava piada e pássaro em inglês, e ela adorou.

Ele se virou para mim.

— Qual era o seu nome verdadeiro? — ele pergunta.

— Não importa. Esse nome não é mais parte de mim.

— Você não quer me contar?

Eu suspiro.

— Era Madelyn. Minha mãe me chamava de Maddie.

Ele me olha como se estivesse memorizando minhas feições.

— Eu costumava ter pesadelos em que estava caindo o tempo todo. Acordava no meio da noite e chamava por Emilio. Ele vinha e ficava falando por tempo suficiente para me convencer que ninguém ousaria prejudicar uma das meninas ou teria que lidar com ele, e que eu poderia voltar a dormir porque ele sempre me protegeria. Então, uma noite, eu disse que sonhava que caía, e ele disse que eu precisava ser um pássaro, porque as aves não caem. Quando olhamos pela janela, vimos um passarinho, e escolhi o nome por causa da espécie.

— Combina com você. Mas ainda é difícil me acostumar a chamar as minhas irmãs pelos novos nomes. Isso pode demorar algum tempo.

— Acho que, no fundo, as duas gostam de saber que você está aqui e que conhece o passado delas. Star e Wren te amam.

— Se eu soubesse sobre a Star e o que aconteceu com ela... — Sua voz falha quando ele aperta os punhos.

Beijo sua bochecha.

— Você não tinha como saber. — Eu o viro para me encarar. — E ela está feliz agora. Muito feliz.

— Ela vai ser mãe — ele fala, expirando lentamente.

— Loucura, não é? — Eu rio. O quarto fica em silêncio. — Posso te perguntar uma coisa?

Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Pode me perguntar qualquer coisa.

— Como você conheceu a Julia?

Tag se acomoda na cama e apoia as costas contra a cabeceira, esticando as pernas. Ele bate a mão no colo, e eu apoio a cabeça sobre suas pernas, com o rosto virado para cima. Seus dedos deslizam pelos meus cabelos, e eu sufoco um gemido, porque é muito bom.

— Quando eu tinha dezenove anos, conheci um pastor na nossa comunidade. Ele organizou um programa pós-escolar para garotos que não tinham muito dinheiro, vida boa em casa ou algo assim. Conhecia a Julia de vista da escola, e ele era seu pai. Bem, ele me ofereceu uma oportunidade, e eu a agarrei. — Ele aponta para o queixo. — Quando apareci com o queixo machucado, ele me levou ao médico. Quando meu olho estava roxo, ele me deu uma compressa de gelo. E me deixou falar enquanto ouvia, ouvia mesmo. Me ensinou sobre religião, fé e redenção, e todas as facetas da religião que me eram tão necessárias quanto respirar naquele momento. Quando eu não tinha mais nada, eu ainda tinha a fé.

— Onde ele está agora?

— Ele morreu logo depois que a Julia e eu nos casamos.

Fico de pé.

— Você é *casado*?

Ele balança a cabeça rapidamente.

— Não mais — ele responde rápido. — Nos divorciamos antes do Benji nascer.

— Por quê?

Ele dá de ombros.

— Éramos muito jovens, e ela queria ir para a faculdade, então não queria o nosso bebê.

— Mas ela é a mãe dele!

— Sim.

— Mas ela o abandonou...?

— Ela fez o que achava ser melhor para ela. Não estava pronta para ser mãe.

— E você estava pronto para ser pai? — pergunto.

Ele concorda com a cabeça.

— Estava. Me lembro do meu pai. Ele era incrível. Jogava bola comigo e me fazia usar gravatas para ir a eventos sociais. Me ensinou o que significava ser marido e pai, e por isso era tão difícil conviver com o meu tio. Ele era o oposto do meu pai. Era malvado, mesquinho e não amava ninguém.

— E você quer ser o tipo de pai que o seu era? — Apoio a cabeça de novo em sua perna e o sinto relaxar.

— Sim, espero que sim.

— E o dinheiro? Foi para quê?

— Antes dele nascer, Julia tinha combinado com uma família que eles adotariam Benji. Eu estava na viagem da missão que contei a você, e ela não tinha a quem recorrer. A família adotiva prometeu colocá-la na faculdade, o que é bastante comum em situações de adoção, particularmente quando os pais são jovens. Ela estava decidida a isso e não queria desistir. Prometi

dar o dinheiro a ela em troca do Benji. É por isso que procurei a Star e a Wren.

Me viro para encará-lo, apoiando a cabeça na mão.

— Então foi uma armação? — Essa parte ainda me irrita.

— Na verdade, não. Quero dizer, eu queria vê-las. Mas também precisava do dinheiro, e elas eram a minha única chance.

— Você é o pai do Benji. Não deveria ter que pagar por ele!

Ele geme.

— Eu sei. Mas eu realmente queria que ela fosse feliz. Eu a amava.

Meu estômago se aperta.

— Você... ainda está apaixonado por ela?

Ele balança a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse decidindo.

— Acho que uma parte minha sempre vai sentir algo por ela, mas não é... bem... não importa.

Eu me sento e o encaro.

— Não é o quê?

— Quando a Julia e eu nos casamos, me lembro de estar de pé diante do juiz de paz e pensar comigo mesmo: será que estou fazendo a coisa certa? Mas fiz mesmo assim, porque eu a amava e queria passar a minha vida com ela. Mas depois que nos casamos, não era o que eu esperava. Muitas vezes, ela ficava mal-humorada e não importava o que eu fizesse, as coisas não melhoravam. Então eu passava todo o tempo tentando me certificar de que ela estava feliz. Era cansativo.

— E aí você foi embora.

Ele concorda com a cabeça.

— Fui na viagem da missão com a igreja, e ela ficou com outra pessoa e resolveu se separar. Mas descobriu que estava grávida do meu bebê.

— Se ela aparecesse hoje e quisesse tentar de novo, o que você diria? — Prendo a respiração e aguardo sua resposta.

— Eu diria a ela que estou apaixonado por uma garota linda chamada Finny, que preencheu todos os espaços rachados no meu coração.

Minha respiração falha. Essa é a coisa mais bonita que já ouvi.

— Você quer ser mãe? — ele pergunta suavemente.

— Eu nunca gostei muito de bebês — admito. É verdade. Não posso esconder isso.

— Ah — ele murmura e solta uma exalação pesada.

— Mas eu amo o seu. Então, se você me perguntar se eu poderia amá-lo como uma mãe ama um filho, a resposta é sim. Eu poderia.

— Já se sentiu em desvantagem por sua adoção? — ele pergunta.

Eu bufo.

— Me sinto assim por ter uma mãe mentalmente instável. Mas por causa da adoção? Não. Não, mesmo. — Respiro fundo. — Marta me provou que uma mãe pode amar uma criança que não compartilha seu DNA. Sem reservas e sem causar danos. Ela é minha mãe, e eu a amo, assim como ela a mim. Isso é tudo. Espero que aconteça o mesmo com Benji quando você se casar.

Eu me levanto da cama porque me sinto meio perdida após essa conversa.

— Finny — ele grita quando entro no banheiro.

Hesito, ainda me sentindo exposta.

— Sim?

— Sei que isso foi muito rápido, mas quero estar com você e ver no que vai dar.

— Eu também — sussurro. Não sei se ele me ouve ou não.

— Finny — ele chama de novo. Me viro, mas desta vez encontro seus olhos. — O que há de errado? — ele pergunta.

— Só estou me sentindo um pouco... triste, de repente.

— Achei que você estava feliz — ele fala enquanto se levanta.

— Estou...

— Mas você disse quando você se casar. — Ele se inclina para poder olhar nos meus olhos.

— Quem quer que seja a mãe do Benji, será uma mulher de sorte — digo a ele, entro no banheiro e fecho a porta.

Ligo o chuveiro e olho para o meu reflexo no espelho enquanto a água esquenta. E se eu não for a pessoa certa para ser a mãe do Benji? E se o Tag nunca puder me amar como amou Julia? E se... e se o mundo continuar girando e eu quiser ir embora?

— Se apaixonar é assim — eu digo ao espelho.

Meu reflexo me olha fixamente.

De repente, a porta se abre e dou um passo para trás no banheiro pequeno para me esquivar do choque.

— O que você quis dizer com isso? — Tag exige saber. — Você está me dizendo que não quer ficar comigo?

— Nós acabamos de nos conhecer...

— Nos conhecemos há meses — ele corrige.

— Não, nós transamos há meses — falo.

Ele congela.

— É por isso que não posso tirar você da minha cabeça? Porque era só uma transa? É por isso que você me deu o que eu precisava hoje quando me levou à igreja? É por isso que você está na minha cabeça, no meu coração e na minha alma? — Ele me puxa com firmeza contra si. — Me mande ir embora — ele grunhe.

— Não posso — sussurro. Inclino a cabeça e o beijo. É um encontro de dentes e línguas, cheio de medo e covardia. Perco o fôlego. — Não consigo pensar quando fazemos isso — eu me queixo. — Não posso te dizer para ir embora, mas não posso te dizer para me beijar também. Não tenho ideia do que fazer com você.

— Só me ame — ele fala. — Ou é esse o problema? Você não pode me amar? Se for esse o caso, só me fale.

Seguro seu rosto e encaro os olhos castanhos.

— Não é que você não possa ser amado por mim. Não tenho certeza de que eu sou digna.

— O quê? — Ele cobre a minha mão com a dele na sua bochecha.

— E se eu não for boa o suficiente para ser esposa e mãe?

— Você é boa o suficiente. Mais do que boa. Você é tão maravilhosa que faz meu coração parar quando te olho. — Ele aperta meus quadris. — E quando eu te toco, perco toda a razão.

Ele limpa a garganta.

— Naquela primeira noite, quando você tirou a blusa e se sentou na minha frente com os seios nus e sem vergonha, achei que te queria. E quando você me levou à igreja e trouxe toda a sua família para me apoiar, sabia que precisava de você. Quando você chorou abraçada ao meu filho na roda gigante, e o abraçou e o protegeu, eu soube que te amava, porque aquela foi a coisa mais bonita que já vi. Mas agora, neste momento, eu te quero, te amo e não posso viver sem você, Finny. Se você me mandar ir embora, eu vou. Mas por favor, me diga para ficar. Entendo se você

não me amar tanto quanto eu te amo, mas só me dê um tempo para despertar esse sentimento em você.

— Por que você veio para este quarto? — Odeio o fato de que preciso saber, mas preciso é a verdade.

— Porque queria te abraçar a noite toda.

— Só por isso?

Ele olha diretamente nos meus olhos.

— Sim.

— Você não tinha a expectativa de dormir comigo?

Ele sorri.

— Eu *esperava* que pudesse dormir com você, Finny, não vou mentir. Mas se você não estiver pronta, eu aceito o que você quiser.

Nós nos beijamos. É delicado, suave e lento. Me viro e tiro a blusa, pedindo a ele, sem palavras, que abra meu sutiã. Apenas olhando por cima do ombro. Seus lábios tocam meu ombro enquanto ele abre o fecho. As alças caem, e eu deixo a peça cair pelos meus braços. Tiro os sapatos, as meias e a calça com a calcinha. O som da cortina do banheiro é alto quando eu a abro.

Meus joelhos balançam, e Tag segura meus quadris nus para me estabilizar. Coloco o rosto debaixo d'agua e fecho os olhos, porque os dele estão observando o meu corpo e me sinto mais nua e exposta do que nunca.

— Vai entrar? — pergunto em voz baixa.

Ela quase me tirou o fôlego. Meus joelhos estão fracos e minhas mãos, trêmulas enquanto tiro as roupas. Ela me observa do chuveiro com os olhos semicerrados. Finny pega o shampoo e enche a palma, em seguida, começa a esfregar os cabelos. Seus olhos se fecham quando entro atrás dela e puxo seu traseiro para encaixar nas minhas coxas. Meu pau está tão duro que eu poderia martelar pregos com ele, mas quero ir com calma. Quero saboreá-la.

Eu a viro de frente para mim e afasto suas mãos do cabelo, substituindo-as pelas minhas.

— Deixa comigo — falo, quando ela começa a protestar. Suas mãos se apoiam no meu peito, e ela me deixa lavar seu cabelo, soltando um gemido de satisfação. Inclino sua cabeça de volta para o chuveiro e vejo as espirais de espuma deslizarem pelo seu corpo, exatamente onde a minha língua está morrendo de vontade de tocar.

Eu a beijo. Nossas bocas se fundem debaixo da água até que eu não consigo respirar. Levanto a cabeça, e a água cai no meu rosto. Seus lábios tocam na parte inferior do meu queixo, e ela desliza até a pele sensível da minha orelha, mordiscando a mandíbula. Eu a beijo de novo. Não consigo ter o suficiente.

— Preciso de você — falo.

Ela me olha.

— Eu te quero — digo a ela.

Fin olha nos meus olhos, e sinto sua respiração.

— Te amo.

A bochecha dela cora.

— Preciso me lavar — ela fala.

Eu sorrio.

— Não quero atrapalhar.

— Eu poderia precisar de um pouco de privacidade...

Meu pau está duro entre nós, e eu o pressiono em sua abertura.

— Tag! — ela geme. — Preciso me lavar.

Me afasto e a viro de frente para a parede.

— Mais tarde — falo perto da sua orelha. Seguro seus quadris e abro sua bunda com os polegares. — Estamos seguros? — pergunto e mordo suavemente o seu ombro.

— Seguros?

— Fiz exames. Você fez?

Ela assente e coloca as palmas das mãos contra os azulejos da banheira.

— Logo depois que nós... sim. Fiz exames.

Quero perguntar a ela. Preciso perguntar. Mas não vou. Não posso. Porque isso me deixaria arrasado.

Aparentemente, ela lê a minha mente.

— Não saí com mais ninguém depois de você, Tag.

— Aquele cara que você levou para casa...?

— Ele me beijou. Só isso.

— Alguma chance de que eu possa te engravidar? — Deslizo o pau em seu calor, e ela arfa.

— Está pedindo permissão para me engravidar? Ou está excluindo a gravidez como opção? — Ela olha por cima do ombro e ri de mim.

Penso nisso um instante.

— Adoraria te ver grávida. Com meu filho. Nosso filho. Sua barriga grande, inchada e seus seios cheios. Você estaria repleta de *nós*.

Ela empurra o traseiro contra mim.

— Tag.

— Isso não está te excitando, não é?

— Não posso engravidar. Pelo menos, não hoje — ela fala. — Mas...

Eu congelo.

— Mas o quê?

— Nunca transei sem preservativo. Nunca. Jamais. Estou com medo.

— Vou cuidar de você, Finny. Prometo. — Deslizo meu pau em direção ao seu calor e espero. — Confia em mim? — pergunto a ela.

— Sim! — Ela geme.

— Me diz que você está pronta para isso. Para mim. Para nós.

— Sim! — ela fala alto.

Envolvo o braço em sua cintura e entro nela. Ela me recebe por completo. Seu calor me envolve e me segura com força.

— Porra, isso é bom — falo. Seguro seus seios, erguendo-os gentilmente em minhas mãos, e acaricio os mamilos com o polegar e o indicador. — O que posso fazer para você se sentir bem?

Ela tira uma mão dos seus seios e a leva para sua boceta. Deslizo os dedos contra sua pele lisa. Ela está escorregadia, doce e molhada, e não é do chuveiro. É por causa do tanto que ela me quer. Isso. Nós. Encontro seu clitóris e o acaricio, tentando ser gentil, mas ela cobre meus dedos com os dela e me mostra como eu deveria fazer; com mais firmeza.

— Caramba, Finny — grunho perto da sua orelha e a mordisco. — Não posso esperar.

Ela segura a minha nuca com a palma da mão.

— Tudo bem. Goza, Tag.

Saio de dentro dela, seu calor suave como seda me fazendo sentir tentado a entrar de novo, mas não posso.

Eu a viro e a empurro contra a parede. Fico de joelhos na frente dela, levanto uma perna sobre meu ombro e começo a lamber sua fenda molhada, encontrando rapidamente o clitóris e sugando-o. Ela inclina a cabeça contra os azulejos e fecha os olhos. Seus quadris se movimentam com a minha língua, e sei que ela está quase lá. Coloco dois dedos dentro, e ela geme. Suas mãos agarram meus cabelos, e ela me puxa.

— Desculpe — ela fala. — Você não gosta disso, não é?

Seguro suas mãos e as coloco de volta no meu cabelo.

Me mostre o quanto você me quer, Finny. Me guie. Me ame para que eu possa te amar de volta. Ela me puxa, e eu acho um ritmo com os movimentos da mão dela. Sua boceta aperta meus dedos quando ela goza, e eu continuo lambendo enquanto seu corpo estremece. Sugo cada gota do seu orgasmo, até que ela me segura e afasta minha cabeça.

— Minha vez — falo. Eu a levanto e ela envolve as pernas na minha cintura enquanto afundo dentro dela. Ela é tão gostosa e doce, que sei que vou gozar logo, então a empurro contra os azulejos para que eu possa penetrar mais intensamente. Preciso tomá-la. Preciso que ela seja minha.

— Me faça gozar assim — ela pede.

— Me diga como — peço e a beijo, cobrindo seus gritos com a boca, tomando-os dentro de

mim como combustível.

— Mais forte, Tag! — ela pede. Coloco os braços em baixo de seus joelhos e a seguro para que possa entrar e sair.

— Você fica tão linda quando goza — falo, assim que seus olhos se fecham e seus espasmos começam a me envolver. Estou no limite agora. — Posso gozar dentro de você? Posso, Finny? Posso gozar dentro? Por favor, diga sim. Ah, Finny, diga.

— Sim! Goza dentro, Tag!

Entro e saio com força na última vez e gozo dentro dela enquanto seu orgasmo me deixa ainda mais louco, como se eu não pudesse estar perto o suficiente. Nunca gozei com tanta intensidade, por tanto tempo ou tão forte. Essa mulher me preenche. Me esvazia. E me completa. Não sei como explicar.

— Eu te amo — digo a ela.

Ela me beija, e abaixo suas pernas para que ela possa ficar de pé.

— Estou mole como água — ela fala, rindo.

— Fique aí. Vou te limpar.

Pego uma esponja e começo a esfregar todo o seu corpo, quando ela assobia.

— Devagar — ela avisa. — Estou um pouco dolorida. — Então tomo muito cuidado e toco com gentileza entre suas pernas.

— Te machuquei? — Me levanto e a beijo.

— Não — ela murmura contra meus lábios. — Foi perfeito.

Depois de limpá-la, eu me lavo. Então desligo a água, envolvo uma toalha no corpo dela e uma ao redor dos meus quadris.

Ela puxa as cobertas da cama, se deita, nua, entre os lençóis, e eu deslizo atrás dela, puxando suas costas para nos deitarmos de conchinha.

— Você está bem? — Beijo seu ombro.

— Sim. — Ela vira a cabeça e beija a parte interna do meu braço, onde está apoiada. — Estou bem.

Bocejo e fecho os olhos, dormindo, de imediato, com a mulher que amo em meus braços.

FINNY

Enquanto ele ainda está dormindo, levanto as cobertas e deslizo na cama. Olho para trás quando ele se remexe e cubro seu braço com a minha mão até que volte a dormir. Quando ele fica quieto, eu me levanto e visto o pijama e um roupão. Calço os chinelos e saio para o corredor.

Sei onde fica o quarto de Marta e Emilio, então vou até lá e bato suavemente na porta. Eles não devem estar dormindo, porque tem dois bebês com eles.

Emilio atende à porta, seu cabelo bagunçado como um ninho de rato. Ele está ninando Benji no colo.

— Oi, Finny — ele fala. — Precisa de alguma coisa?

Ele se afasta para que eu possa entrar.

— Na verdade, não — digo. Os pelos dos meus braços se arrepiam, e eu os esfrego para me acalmar. — Marta está acordada?

Ele balança a cabeça.

— Está precisando dela? — Ele inclina a cabeça em minha direção. — Você está bem?

— Estou. Só queria conversar.

Ele aponta para uma cadeira e se senta ao meu lado, ainda ninando Benji.

— O que houve, Finny? — Ele me olha fixamente. — É melhor começar a falar antes que eu vá chutar o traseiro do garoto. — Ele começa a se levantar, mas corro para fazê-lo se sentar de novo.

— O Tag não fez nada — digo. Minhas bochechas ficam coradas. — Bem, ele não fez nada de mal.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Mas... — ele indaga.

— Mas nada — falo em voz baixa e dou de ombros.

— Não vem com "mas nada" — ele retruca. — Te conheço, Finny Vasquez, e sei que tem alguma coisa na sua cabeça, então pode colocar para fora.

Benji parece estar irritado, então o pego e o aconchego em meus braços. No mesmo instante, ele se encaixa em mim, e eu o abraço.

— Mal posso acreditar — Emilio fala. — Eles finalmente te conquistaram.

Suspiro.

— Os dois me conquistaram, Melio. — Olho para o rostinho perfeito de Benji. — Tenho certeza de que eu os amo.

Ele concorda com a cabeça.

— Tem tempo para ouvir uma história do seu velho?

— Claro. — Benji balbucia quando suga a chupeta. Melio me passa a mamadeira que ele devia estar tomando, e eu a coloco em sua boca. Seus lábios rosados se fecham ao redor do bico, e ele parece muito contente. Muito bem cuidado. Muito feliz.

— Era uma vez, um pequeno passarinho chamado Finny — ele começa e sorri para mim. Seus olhos estão suaves. — Tinha penas e bicos perfeitos e era muito inteligente. Ela voava sozinha, sem precisar segurar nas penas da cauda de ninguém. Sempre foi independente, e o papai pássaro sempre se preocupou, porque ela gostava muito dos passarinhos meninos.

Reviro os olhos.

— Mas o papai pássaro nunca se preocupou com a passarinha Finny. Ele se preocupava mais com todos os corações que ela partiu quando pulava de um ninho para outro.

— Acho que não gosto dessa história — reclamo.

— Finny tinha medo de ficar num ninho por muito tempo, porque achava que ficar confortável tornaria o ninho instável, e ela poderia cair. — Ele bate uma mão na outra. — Pow! Acabou a Finny.

— Que saco, Emilio.

— Mas o papai pássaro sabia que era só o medo que fazia Finny pular de um ninho para outro e que, quando ela encontrasse o certo, estaria disposta a ficar no ninho um pouco mais de tempo. O papai pássaro se preocupava com alguns dos seus outros passarinhos, mas nunca com Finny. Ela era forte, verdadeira, confiável e muito digna.

Seus olhos se enchem de lágrimas, e os meus também.

— Pode parar agora — provoco. Enxugo os olhos com a manga do pijama.

Ele balança a cabeça. Aparentemente, ainda não terminou.

— Então, apesar de o papai pássaro adorar e confiar na Finny, ele sempre desejou um pouco mais para ela. Ele queria que ela tivesse um ninho próprio, mas para que isso acontecesse, ela teria que encontrar outro pássaro que a fizesse se sentir segura.

— O papai pássaro a impedia de se desestabilizar — eu corrijo.

— Mas o papai percebeu que não era suficiente. Ela precisava da sua própria família e do seu próprio passarinho para amar. Precisava de alguém para fazê-la se sentir segura para sempre. — Ele bate a mão na mesa. — *Bam*! — ele fala.

Benji e eu estremecemos.

— Droga, odeio quando você faz isso — eu murmuro.

— Bam — ele repete, com um pouco mais de suavidade. — Ela se depara com um passarinho menino, e esse passarinho a leva direto para o céu. Mas, assim que ela percebe que está caindo em uma morte trágica, ele se esforça para segurá-la e a impede de cair. Mas Finny... bem, ela não confia com facilidade, então demorou um pouco.

— Melio — eu murmuro.

— Finny é inteligente, leal, amável, amorosa e é tudo o que um papai pássaro poderia querer em um bebê passarinho. E estou feliz pra caramba por você ter conhecido Tag, Finny, porque esse garoto te ama, e você precisa dele. — Ele indica Benji com a cabeça. — E você vai ser uma mãe incrível. — Ele olha para o bebê. — Você faria qualquer coisa para evitar que aquele rapaz sofresse.

Uma lágrima quente desliza pela minha bochecha.

— Você acha que posso fazer isso?

Ele concorda com a cabeça.

— Eu *sei* que você pode. E você também sabe. Então, pare de se esconder e vá em frente.

Solto uma risada e seco uma lágrima.

— Você é muito chato, Melio.

Ele estende os braços.

— Aqui, me dê esse garotinho para que você possa voltar e se apaixonar um pouco mais.

Balanço a cabeça.

— Acho que vou levá-lo comigo, se você não se importar. — Olho para ele e vejo orgulho em seus olhos.

— Se você acha que é melhor — ele fala.

— Ei, Melio?

— Sim, Finny?

— Você me ama menos porque eu não sou sua filha de verdade?

Ele move rapidamente a cabeça e solta uma risada.

— Você foi minha desde o momento em que te vi, sua boba. — Ele se levanta e beija o topo da minha cabeça. — Vou dormir antes que o outro pestinha acorde.

Eu rio.

— Obrigada, Melio — falo. — Eu te amo.

— Também te amo, Finny.

Pego a bolsa de Benji e o levo comigo para o quarto.

Tag se remexe e me olha.

— O que houve?

— Nada — falo. — Só queria pegar o Benji e trazê-lo para cá. Você não se importa, não é?

Ele sorri apoiado no travesseiro.

— Me importar? Eu adorei isso.

Ele se levanta e me ajuda a montar um berço portátil para o pequeno, e nós o colocamos no espaço livre do closet. Deixo a porta entreaberta, assim vou poder ouvi-lo e vê-lo. Acho que agora ele vai dormir por algumas horas.

— Obrigado por ter ido buscá-lo — Tag fala. Ele me surpreende quando tira o meu pijama.

— Acho que você me quer nua, hein?

Ele sorri e me puxa de volta para a cama. Nós nos deitamos de conchinha de novo. Eu o sinto pressionar contra minhas costas, e ele se encaixa e desliza para dentro de mim.

— Estamos com um bebê aqui do lado — eu o lembro, mas já estou arqueando o corpo, tentando levá-lo mais fundo.

— Não haverá um momento em que não vai ter um bebê muito próximo, Finny —Tag me diz. Ele empurra as cobertas para baixo e faz um círculo com a ponta dos dedos bem no meio da minha bunda. Em seguida, levanta a mão e me bate.

— Você me bateu mesmo?

— Sim.

Eu rio.

— Você é corajoso — sussurro.

— Quase tanto quanto você — ele responde. — Eu te amo, Finny — Ele se afasta de mim e me vira. Em seguida, desliza para dentro de novo, pressionando profundamente enquanto começa a entrar e sair.

— Também te amo — falo com um gemido, porque é gostoso demais tê-lo dentro de mim.

Saciados, ainda estamos cobertos de suor quando ouvimos Benji acordar. Ele começa a se remexer, então Tag se levanta e o traz para a cama para ficar entre nós por um tempo. Toco seus pés, e ele balança os dedinhos.

— Ele é tão perfeito — suspiro.

— Assim como você — Tag fala.

Ele se inclina sobre Benji e me beija, e nada já se pareceu tão certo.

EPILOGUE

Tag

FINNY VESTE A CALÇA JEANS, puxando-a pela cintura enquanto se remexe dentro dela.

— Se você não se vestir, vou sozinha — avisa. Ela me olha, mas seus olhos ainda estão aquecidos por causa do que estávamos fazendo. Ela levanta o pulso para olhar para o relógio. — Eu disse a Lark que estaria lá há cinco minutos.

Abaixo a cabeça, apoiando-a contra a palma da minha mão e olho para ela.

— Me explica de novo por que estamos indo para o estúdio de tatuagem?

— Porque vou tatuar "Tag é um babaca excitado" na minha bunda — ela responde e revira os olhos, empurrando o meu braço para me derrubar. — Levanta!

Não pude evitar de atrasá-la. Não é sempre que alguém fica com Benji durante o dia. Mas hoje foi nossa folga, e Marta se ofereceu para cuidar dele. Então, uma coisa levou a outra, e acabamos na cama durante toda a manhã. Ela acabou de se lembrar que prometeu ir com a Lark para o estúdio de tatuagens.

Sorrio para ela, mas me levanto para começar a me vestir.

— Você me explicou por que estamos indo? Ou eu perdi essa parte quando você tirou a minha roupa?

Ela balança a cabeça.

— Eu não te contei. Esse segredo não é meu. É da Lark.

Certo, agora estou realmente curioso.

— Mas...

Ela aponta seu dedinho fofo para mim.

— Se você não estiver vestido em dois minutos, vou chutar suas bolas.

Eu rio, mas agora sei que ela está falando sério, então termino de me vestir e escovo os dentes e o cabelo. Tento domar meus cabelos rebeldes, mas Finny não parece se importar. Me lembro vagamente dela segurando-os de manhã enquanto transávamos. Ela tem um fraco por puxar meu cabelo. Não me importo, porque tenho um fraco em bater na sua bunda.

Ela também tem um fraco para me amar e também não me importo com isso.

Não sei onde eu estaria agora se não a conhecesse. Eu estava bem perdido quando vim para a cidade, há alguns meses, e dormi com ela, que invadiu meu coração e a minha cabeça. Ela invadiu a minha alma e não quero deixá-la nunca mais.

Na noite passada, acordei e encontrei seu lado da cama vazio. Fui procurá-la para me certificar de que ela estava bem e a encontrei de pé, ao lado do berço de Benji, o observando dormir. Sua mão estava nas costas dele, e ela contava o número de vezes que seu peito subia e descia.

Fui até ela e a abracei. Finny se inclinou para mim do jeito que sempre faz, e apoiou a cabeça no meu peito.

— Se apaixonar é assim — ela falou. Depois, se virou em meus braços, me beijou, e eu concordei com ela. É como se desestabilizar um pouco todos os dias.

Para Finny, se apaixonar foi muito bom e construímos novas lembranças a cada dia. Toda vez que a vejo, me apaixono mais. Se alguém tivesse me dito que eu decidiria me sentir desestabilizado por alguém de proposito, eu diria que essa pessoa era louca.

Finny se tornou uma mãe para o meu filho. Ela concordou em ser minha esposa, embora ainda não tenhamos marcado uma data. Ela é tudo para mim. Com ela e Benji, eu posso fazer qualquer coisa.

Passei a trabalhar para os Reed, gerenciando o prédio deles e nos mudamos para um apartamento lá, há alguns meses. Temos nosso próprio espaço e adoramos ter outras pessoas com crianças perto de nós. Há sempre um dos Reed por perto, ou seus filhos e esposas. Com certeza, a vida por aqui não é chata.

Entro na sala de estar e encontro Finny de pé, com a porta da frente aberta. Ela acena para mim.

— Suas bolas estão em apuros — ela murmura, enquanto eu me aproximo.

Eu a seguro e a puxo contra mim.

— Você sabe que não faria nada para me machucar — falo. Beijo-a, e ela derrete contra mim.

Sua mão desliza até o meu cinto, e eu percebo que ela segura as minhas bolas. Congelo. Ela aperta um pouco forte demais para o meu conforto.

— Finny — aviso.

— Te amo, mas odeio me atrasar — ela fala, os lábios ainda tocando os meus. Seu aperto se transforma em uma carícia, e eu me afasto assim que ela me solta. Um, porque estou ficando duro de novo. E dois, porque ela está de mau humor.

Ela se vira para andar na minha frente, então eu bato no seu traseiro com força suficiente para fazê-la gritar.

— Para te ensinar a não fingir que vai prejudicar as joias da minha família — murmuro para ela. Ajeito minha ereção e pegamos o elevador. Ela me olha da parede oposta, mas há um sorriso em seu olhar. E calor. E amor. Sempre amor.

— Você falou com a Julia ontem à noite? — ela pergunta, enquanto saímos para a rua.

Concordo.

— Sim.

— E?

— E o quê? — Coloco as mãos nos bolsos.

— E é melhor você me dizer o que ela queria — ela me dá o braço.

Sorrio.

— Ela disse que vem neste fim de semana. Quer levá-lo para o parque.

Julia nos ligou quando Benji estava com uns dois meses. Ela queria vê-lo, e eu fui completamente contra isso. Mas Finny falou com ela e sentiu que Julia estava sendo sincera quando disse que queria fazer parte da vida de Benji. Ela não quer a custódia, nem quer pegá-lo para passar a noite fora de vez em quando. Mas quer ver fotos dele e visitá-lo sempre que permitirmos. Este fim de semana, ela vai leva-lo ao parque por algumas horas.

Finny esfrega meu braço.

— Ele vai ficar bem — ela fala. — As crianças precisam do amor dos pais. — Ela parece triste de repente. — Confie em mim.

Ela não vê a própria mãe há um mês. Toda vez que ela a visitava, a violência aumentava. Não só contra ela, mas contra todos. Estão tentando novos medicamentos, e isso está ajudando um

pouco, mas Finny não vai voltar até que possa fazê-lo com segurança. Ou, pelo menos, espero isso. Adoraria que a sua mãe melhorasse, por amor a Finny, mas não tenho certeza de que isso vai acontecer.

No entanto, ela decidiu fazer terapia e está lidando com as lembranças do passado e com as perspectivas do futuro da mãe da melhor forma possível.

Lark está de pé na calçada, esperando por nós quando chegamos na esquina.

— Vocês estão atrasados — ela fala.

Finny balança o polegar na minha direção.

— A culpa é do Tag. Ele é insaciável.

— Ecaa — Lark fala e, em seguida, finge vomitar.

Eu rio e abro a porta para as duas.

Entramos no estúdio de tatuagens, e Lark quase cai em cima do novo tatuador. Ele a segura pelos ombros, a estabiliza e pergunta com os olhos se ela está bem. Ela arqueia a sobrancelha e assente. Ele a solta, e ela ajeita as roupas. Seu rosto está vermelho vivo.

Os olhos de Finny se encontram com os meus e ela sorri.

O nome do novo artista é Ryan Shepherd, e eu o conheci há duas semanas quando fizeram um encontro de boas-vindas. Ryan é um artista da NYU e frequentou as aulas com Logan. Ele é realmente bom no que faz, que é colocar arte permanente no corpo das pessoas. Ele também é surdo. Finny e as irmãs sabem a linguagem dos sinais e conseguem conversar com ele, mas eu... nem tanto. Vou ter aulas a partir da próxima semana. É um saco ser o único em uma família que não pode falar a língua dos sinais.

Paul Reed sai dos fundos da loja com Friday, sua esposa.

— Olha quem está aqui — ela fala e olha para nós. — Em que podemos ajudar?

Lark mexe em uma linha solta nas luvas compridas.

— Quero me tatuar — ela responde, e olha para os pés em vez do rosto da moça.

— Tem algo em mente? — Friday pergunta.

Lark se inclina, cobre a boca com a mão e fala na orelha dela. Caramba, a curiosidade está me matando.

Os olhos de Friday se deslocam de forma breve em direção às luvas de Lark e então ela geme.

— Ah, não sei se posso fazer isso. Esse tipo de aplicação é uma arte por si só. — Ela olha para Ryan. — Mas o Ryan pode. — Ela balança as mãos até que ele olhe para ela. — Lark quer fazer uma tatuagem com você — ela fala e faz os sinais ao mesmo tempo.

Ele responde por sinais.

— Por que você? — ela repete. — Porque você é fantástico no que ela quer.

Os olhos dele analisam o corpo de Lark da cabeça aos pés, e vejo o suor brilhar na sua testa.

— Talvez devêssemos voltar em outro momento — eu murmuro para Finny.

Ela olha para mim.

— Faz ideia da coragem que ela está tendo para fazer isso? — ela retruca. — Quieto. — Ela passa a mão na garganta como se estivesse cortando o pescoço. Tenho certeza de que isso foi para mim.

Ryan fala algo.

— Como é que eu vou saber? — Friday questiona e aponta para Lark. — Pergunte a ela.

Ele ergue as mãos.

Friday levanta as mãos dele e as segura na sua frente como o estivesse preparando.

Ele fala algo muito rápido.

Friday revira os olhos.

— Sim, ela sabe falar por sinais, idiota.

Ele faz vários sinais para Lark, que sorri para ele. Ele murmura a pergunta ao mesmo tempo e acho que quer saber se ela também usa a linguagem de sinais.

Lark ergue o polegar e o indicador, os dedos poucos centímetros afastados um do outro, e assente de forma hesitante.

Ele a conduz para os fundos da loja. A cabeça dela está inclinada para baixo e seus passos são hesitantes. Ele puxa uma cortina escura ao redor deles e meu instinto protetor entra em alerta.

— Não deveríamos ir com ela? — Não pergunto a ninguém em particular. Começo a caminhar naquela direção, mas Finny agarra meu cotovelo.

— Deixe os dois — ela fala.

— Por que exatamente estamos aqui? — pergunto.

— Apoio moral — ela responde.

Paul puxa uma cadeira e se senta.

— Quem fez essa tatuagem na sua perna? — ele me pergunta.

Olho para a minha panturrilha. Tenho uma cruz lá. Fiz quando tinha uns vinte anos.

— Um cara em um estúdio — respondo.

Ele resmunga.

— Um cara em um estúdio, né?

Concordo.

— Você devia me deixar te tatuar — Paul oferece. — O que quiser. Meu último compromisso acabou de cancelar.

Friday levanta a mão.

— Eu também estou livre. — Ela olha para Finny. — Poderia te encaixar.

Ela sorri.

— Ah, sim! — Ela vai com Friday para o outro lado do estúdio e elas começam a falar sobre desenhos, com as cabeças próximas.

— Tenho uma ideia — digo a Paul.

Ele sorri comigo.

— Não me diga.

Nos sentamos juntos enquanto ele esboça algo.

— É isso — falo quando ele acerta. Friday precisa vir para aprovar, mas eu a faço prometer que não vai contar o que é a Finny. Minha namorada também não conta o que é a dela. Nos sentamos em lados opostos da sala, e Friday trabalha em Finny enquanto Paul trabalha em mim.

— Você acha que a Lark está bem? — pergunto, olhando para os fundos do estúdio. — Não deveríamos dar uma olhada nela?

Paul sorri.

— Ela está bem.

— Acho que ele gostou um pouco demais dela. Você viu o jeito que ele a estava olhando?

Paul ri alto.

— Você não precisa se preocupar com isso.

— Por quê? Ele é gay? — pergunto. Agora estou confuso.

Friday ri do outro lado do estúdio.

— Deus, não. Ele é hétero. Mas... — Ela deixa a voz morrer.

— Mas o quê? — pergunto e estremeço quando Paul atinge um ponto particularmente sensível.

— Ele só namora garotas surdas — Friday fala.

Bem, não é o que eu esperava ouvir.

— Por quê?

— Ele nasceu em uma família surda. Pais surdos. Avós surdos. Então só sai com garotas surdas.

— Ah. — Por que isso não me faz sentir melhor? — Tem certeza de que ela está bem?

— Ah, pelo amor de Deus — Friday grita. Ela coloca sua pistola de lado e vai para os fundos da loja naqueles sapatos altíssimos que usa. Ela arruma a cortina para que eles saibam que ela está lá. Ryan abre e a pede para entrar. Ela fica lá dentro pouco tempo, mas quando sai, está com os olhos cheios de lágrimas. Ela limpa a garganta.

— Ela está bem.

— Jura? — Finny pergunta. Ela segura o antebraço de Friday e faz com que a moça olhe para ela.

— *Juro* — ela responde. Sua voz está rouca.

— Certo. — Finny solta um suspiro, e Friday volta ao trabalho.

Todo mundo está quieto até que Lark sai dos fundos do estúdio.

— Isso é tudo o que podemos fazer hoje — ela fala e coloca as luvas até os cotovelos, mas vejo um plástico transparente que se estende por baixo da manga em um braço.

Ryan a segue e aperta seu ombro. Ela sorri para ele.

— Então, como o Ryan é? — Finny sussurra.

Lark olha para ele novo.

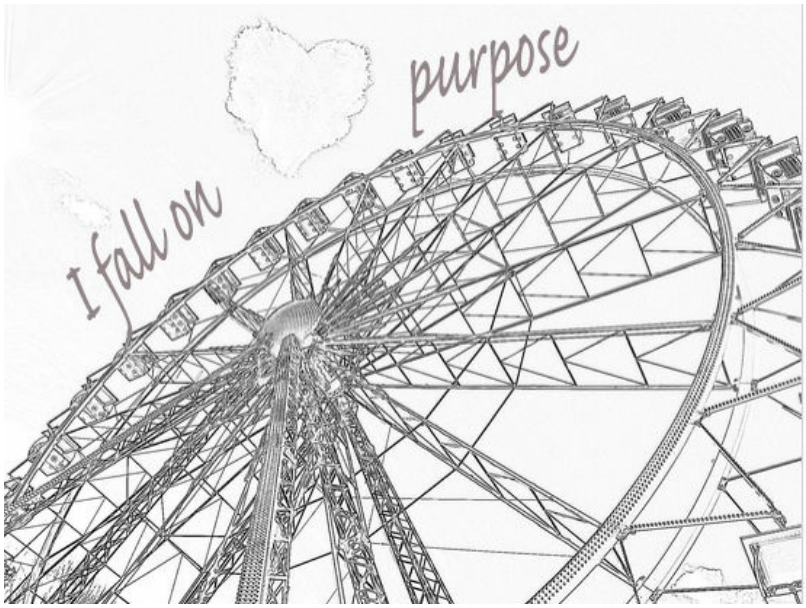
— Não fale sobre ele como se não estivesse aqui — ela fala e faz sinais enquanto isso. Suas bochechas estão coradas. — E ele é muito legal.

Ele sorri para ela, mas não diz nada.

Finny me olha e leva um dedo aos lábios. Aparentemente, eu não deveria fazer comentários sobre como os dois estão olhando um para o outro.

— O que vocês estão fazendo? — Lark pergunta.

Ela vem para olhar a minha. Me desenho ainda não está finalizado. Paul ainda precisa sombreá-lo.



Me apaixonei de propósito.

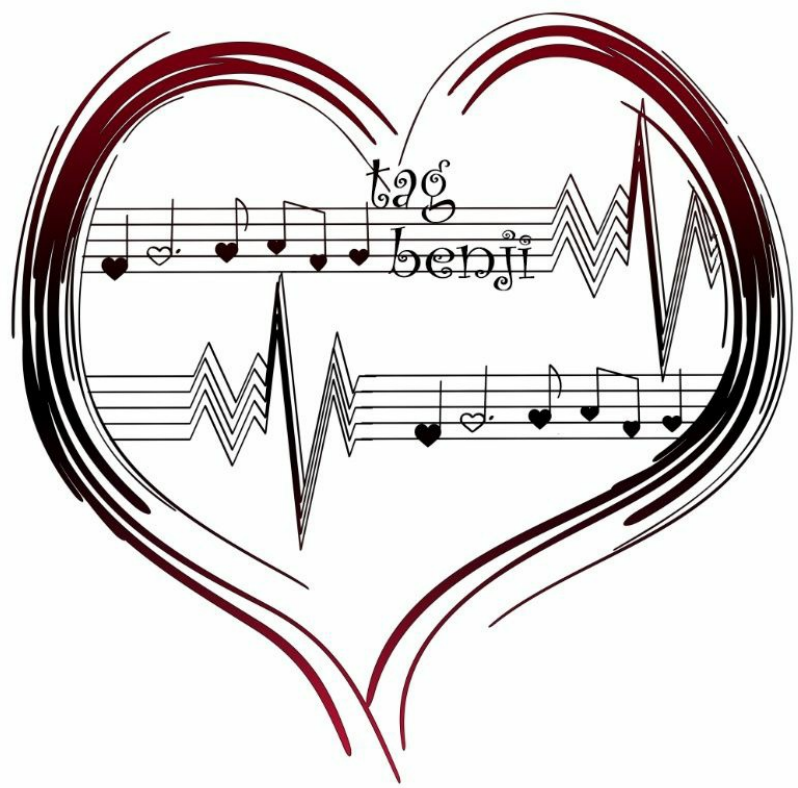
— Oh... — ela suspira.

Em seguida, olha para a da Finny e faz o mesmo.

— Vocês são tão perfeitos um para o outro — ela diz com uma risadinha. — Até fizeram as tatuagens no mesmo lugar.

Finny termina primeiro e se aproxima para me deixar ver sua nova tatuagem. Ela fez no ombro, exatamente onde eu mais gosto de beijá-la.

— É você, eu e o Benji — ela fala. — São meus batimentos cardíacos. Ainda mais importante para mim do que a minha música, e tenho um caso de amor com a música há muito tempo.



Ela se inclina para ver o ponto em que Paul está trabalhando.

— Posso ver a sua?

Paul se senta para que ela possa ver. Ainda não está pronto, mas está quase.

— Uau — ela fala. Então me beija, e sei que me ama tanto quanto eu a amo.

— Vai ser sempre eu, você e Benji.

— A menos que seja eu, você, Benji e... mais um... — ela não termina de falar.

Meu coração acelera.

— Você está...?

Ela ergue as mãos para me parar.

— Ah, Deus, não. É só uma ideia... — Ela murmura, estremecendo.

— Uma ideia realmente *incrível* — eu digo a ela.

— A Friday deixou espaço para outro nome — ela fala, sorri e me beija de novo.

Eu não queria nada além de me casar e ter mais filhos com ela, particularmente agora que tenho os meios para sustentá-la.

— Não posso usar a pistola com você dois se beijando — Paul resmunga.

Finny faz uma careta para ele e vai conversar com Friday.

O estômago de Lark ronca alto.

— Estou com fome. — Ela coloca uma mão na barriga.

Paul ri.

— É melhor você ir comer algo, porque ele ainda não pode ir embora.

Lark olha para Ryan.

— Quer almoçar? — ela pergunta, fazendo os sinais enquanto fala.

Ele dá de ombros e fica de pé como se quisesse dizer: *Por que não?*

Eles saem juntos, e Finny e eu nos olhamos e sorrimos.

— Ele não namora com garotas que ouvem — Paul fala de novo. — É a regra dele.

Finny ri.

— Eu também tinha regras. Acho que quebramos todas quando Tag e eu nos encontramos.

— Não tenha esperanças — Paul fala.

Mas ele também está sorrindo. E Friday... bem, ela parece estar planejando algo.

— Não se meta, Friday — Paul grunhe.

Ela vira as costas para ele e o ignora, o que, penso, é normal para ela. Paul finge se queixar, mas por dentro, acho que também está sorrindo.

E eu também.